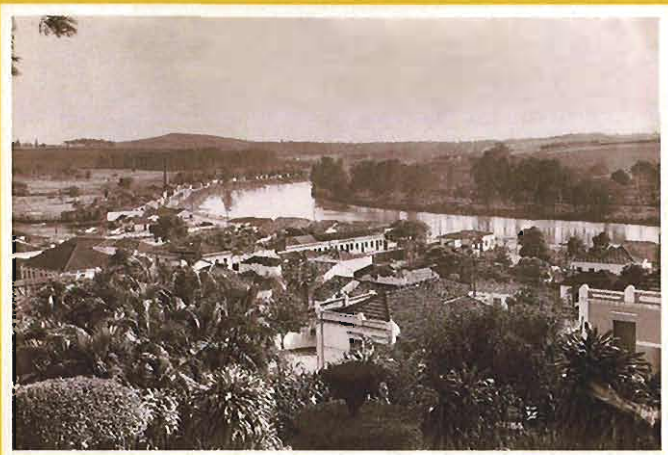


Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

Fundado em 1967 – Bicentenário de Piracicaba

Patrono: Prudente de Moraes

IHGP
Revista
nº 17



2010

IHGP
REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

ANO XVII – NÚMERO 17

EM CUMPRIMENTO À LEI MUNICIPAL Nº 2.160,
DE 18 DE DEZEMBRO DE 1974, EDITA O VOLUME:

REVISTA Nº 17 DO ANO 2010

APOIO:
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA

E

SECRETARIA DE AÇÃO CULTURAL



PIRACICABA
Prefeitura do Município
Ação Cultural
Secretaria Municipal

COPYRIGHT © 2010 IHGP
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AO IHGP

FICHA CATALOGRÁFICA

IHGP - REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA. PUBLICADA COM APOIO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRACICABA E SECRETARIA DE AÇÃO CULTURAL. - PIRACICABA, ANO 1, N.1, 1991.

ANO XVII, N. 17, 2010.
DIRETORIA (2011-2012)

ISSN: 0103-9482

I. PIRACICABA - HISTÓRIA E GEOGRAFIA - PERIÓDICOS. II. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA. III. PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRACICABA. IV. SECRETARIA DE AÇÃO CULTURAL.

CDU – 9 (816.12PI)

COMISSÃO EDITORIAL

FÁBIO FERREIRA COELHO BRAGANÇA
FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ DE MELLO
GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM
TOSHIO ICIZUCA
VITOR PIRES VENCOVSKY

EQUILÍBRIO EDITORA

IMPRESSÃO

PRINTFIT SOLUÇÕES

FICHA CATALOGRÁFICA

ROSANGELA APARECIDA LOBRO (CRB8 – 7500)

CRÉDITOS

CAPA

VITOR PIRES VENCOVSKY

DIAGRAMAÇÃO

MARCEL YAMAUTI

FOTO DA CAPA

ACERVO ICONOGRÁFICO DO IHGP

FOTO DA CONTRACAPA

VITOR PIRES VENCOVSKY



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

CNPJ: 50.853.878.0001-48

RUA DO ROSÁRIO, 781 – CENTRO

13400-183 – PIRACICABA – SP – BRASIL

E-MAIL: IHGP@IHGP.ORG.BR — SITE: WWW.IHGP.ORG.BR

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

DIRETORIA (2010-2012)

PRESIDENTE

PEDRO CALDARI

VICE-PRESIDENTE

CEZARIO DE CAMPOS FERRARI

1º SECRETÁRIO

TOSHIO ICIZUCA

2º SECRETÁRIO

LUIZ NASCIMENTO

1º TESOUREIRO

VITOR PIRES VENCOVSKY

2º TESOUREIRO

JOÃO UMBERTO NASSIF

ORADOR

GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM

DIRETOR DE ACERVO

FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ DE MELLO

SUPLENTE

ANTONIO MESSIAS GALDINO

VALDIZA MARIA CAPRANICO

CONSELHO FISCAL

ANTÔNIO ALTAFIN

FABIO FERREIRA COELHO BRAGANÇA

FELISBINO DE ALMEIDA LEME

ZILMAR ZILLER MARCOS

SUPLENTE – CONSELHO FISCAL

ELIAS SALUM

FLÁVIO RIZOLLO

GERALDO CLARET DE MELLO AYRES

ROSALY APARECIDA CURIACOS ALMEIDA LEME

TIMÓTHEO JARDIM

Sumário

7
ILUSTRES CONFRADES E CAROS LEITORES DA REVISTA DO IHGP
Pedro Caldari

9
ASSOCIADOS EFETIVOS DO IHGP

12
ASSOCIADOS HONORÁRIOS DO IHGP

14
ASSOCIADOS BENEMÉRITOS DO IHGP

14
ASSOCIADOS CORRESPONDENTES DO IHGP

18
RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES EM 2009

18
DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DOS EXERCÍCIOS 2008/2009

19
CARTA DA PRESIDÊNCIA AOS ASSOCIADOS

23
PROFESSOR EURÍPEDES MALAVOLTA
Francisco de Assis Ferraz de Mello

27
A CONTRIBUIÇÃO INOVADORA DE SEBASTIÃO FERRAZ À IMPRENSA PIRACICABANA
Gustavo Jacques Dias Alvim

55

O PRIMEIRO DIRETOR BRASILEIRO DO PIRACICABANO: O METODISTA E SOCIALISTA

IRINEU GUIMARÃES

Arsênio Firmino de Novaes Netto

83

CURIOSIDADES CASTRENSES ALUSIVAS A SANTO ANTÔNIO

João Umberto Nassif

93

UM PIRACICABANO ZANGADO

Francisco de Assis Ferraz de Mello

95

AUDAX IN INTELLECTU ET IN LABORE: BRASÃO DE ARMAS DE PIRACICABA

Fábio Ferreira Coelho Bragança

111

BALADA TRISTE DE BÓIA FRIA

Dario Bicudo Piai

113

CASA DE ENGENHO

Dario Bicudo Piai

125

ERNESTO PATERNIANI: VIDA DEVOTADA À GENÉTICA E AO MELHORAMENTO

*Roland Vencovsky**Gerhard Bandel*

129

A GEOECONOMIA DE FRANCISCO SALGOT CASTILLON

Noedi Monteiro

133

ACERVO ICONOGRÁFICO DO IHGP

Organização: Vitor Pires Vencovsky

139

CIDADÃOS AGRACIADOS MEDALHA DE MÉRITO

Dr. Adílson Benedicto Maluf

Ilustres Confrades e Caros Leitores da Revista do IHGP

Pedro Caldari¹

Meus respeitosos cumprimentos a todos e os agradecimentos aos colaboradores que integram esta edição com suas valiosas matérias, sempre oportunas e de real interesse à comunidade piracicabana e para os estudantes da nossa região e, em especial, de instituições dedicadas à preservação e à difusão da memória histórica de suas respectivas cidades.

A contribuição cultural do IHGP não é maior devido aos poucos recursos financeiros disponíveis, tônica predominante nas instituições de nosso gênero. No entanto, mesmo modestamente, estamos aqui, na sua grata presença.

Cordiais Saudações

1 – Presidente do IHGP 2010-2012.

Quadro Associativo do IHPG

Associados Efetivos

01. ALEXANDRE SARKIS NEDER

Rua D. Pedro II, 774 - CEP:13400-390, F.:3433-5495

02. ALINE COELHO DE OLIVEIRA MENDES

Rua Tiradentes, 630 ap. 41 - CEP:13400-760, F.:3422-2358

03. ALMIR DE SOUZA MAIA

Rua Prudente de Moraes, 1395 ap.123 - CEP:13419-260

04. ANTONIO ALTAFIN

Rua do Vergueiro, 514 ap. 91 - CEP:13400-770, F.:3434-7597

05. ANTONIO CARLOS NEDER

Rua D. Pedro II,774 - CEP:13400-390, F.:3433-5495

06. ANTONIO HENRIQUE DE CARVALHO COCENZA

Rua João Sampaio, 1323 - CEP:13416-240, F.:3434-1554

07. ANTONIO MESSIAS GALDINO

Av. Estados Unidos, 983 - CEP:13416-500, F.:3422-5023

08. ARSÊNIO FIRMINO DE NOVAES NETTO

Rua Humberto Carlos Strey, 166 - CEP:13423-332, F.:3414-3067

09. CECILIO ELIAS NETTO

Av. Rio das Pedras, 1908 cs. 11 - CEP:13420-520, F.:3426-4052

10. CEZARIO DE CAMPOS FERRARI

Rua José Pinto de Almeida, 689 - CEP:13419-281, F.:3422-7617

11. EDMAR JOSÉ KIEHL

Au. Brasil, 910 - CEP:13416-530, F:3422-5419

12. ELIAS SALUM

Rua Prudente de Moraes, 1199 - CEP:13416-720, F:3422-7605

13. EDSON RONTANI JÚNIOR

Rua José Ferraz de Carvalho, 448 - CEP:13400-550, F:9148-3702

14. FABIO FERREIRA COELHO BRAGANÇA

Au. Cássio P. Padovani, 1477 ap.1021 - CEP:13420-360, F:3434-6948

15. FELISBINO DE ALMEIDA LEME

Au. Armando Salles de Oliveira, 1574 - CEP:13400-000, F:3422-7840

16. FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ DE MELLO

Rua Fernando Febiliano da Costa, 1080 - CEP:13416-255, F:3422-5796

17. GERALDO CLARET DE MELLO AYRES

Rua Fernando F. Arruda Pinu, 2152 - CEP:13400-660, F:3433-4561

18. GUILHERME VITTI

Rua Rafael Aloisi, 155 - CEP:13405-205,

19. GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM

Trav. João José Abdalla, 436 ap. 121 - CEP:13417-430, F:3426-0063

20. HUGO PEDRO CARRDORE

Rua Coronel Barbosa, 167 - CEP:13416-120, F:3433-1506

21. JAMIL ABIB

Rua Riachuelo, 764 - CEP:13400-510, F:3422-5748

22. JOAO CARLOS SAJOVIC FORASTIERI

Rua Gomes Carneiro, 537 - CEP:13400-530, F:3422-6231

23. JOÃO UMBERTO NASSIF

Rua do Rosário, 2561 - CEP:13401-138, F:3435-1853

24. JOSÉ OTÁVIO MACHADO MENTEN

Rua João Sampaio, 1077 - CEP:13416-383, F:3433-5105

25. JOSÉ ROSARIO LOSSO NETTO

Rua Gomes Carneiro, 449 ap.81 - CEP:13400-530, F:3428-4100

26. LEGARDETH CONSOLMAGNO

Rua Benjamin Constant, 703 - CEP:13400-050, F:3422-5626

27. LINO VITTI

Rua São João, 557 - CEP:13416-130, F.:3434-3813

28. LUIZ ANTONIO ROLIM

Rua Gomes Carneiro, 449 - CEP:13400-530, F.:3433-3424

29. LUIZ NASCIMENTO

Rua Moraes Barros, 1921 - CEP:13419-245, F.:3422-4635

30. MANOEL GOMES TROIA

Av. Independência, 141 - CEP:13400-560, F.:3433-2691

31. MARCELO CACHIONI

Rua Ipiranga, 435 - CEP:13400-480, F.:3433-7118

32. MARLY THEREZINHA GERMANO PERECIN

Rua Voluntários de Piracicaba, 1110 - CEP:13416-630, F.:3433-7410

33. MOACIR NAZARENO MONTEIRO

Rua Dr. Coriolano Ferraz do Amaral, 60 - CEP:13416-680, F.:3433-9650

34. MOACYR OLIVEIRA CAMPONEZ DO BRASIL Sº

Rua Benjamin Constant, 707 - CEP:13400-050, F.:3433-8030

35. MYRIA MACHADO BOTELHO

Rua Alferes José Caetano, 1086 - CEP:13400-123, F.:3422-3630

36. NEWMAN RIBEIRO SIMÕES

Rua Padre Joaquim do Canto, 685 - CEP:13405-063, F.:3421-5813

37. OLIVIO NAZARENO ALLEONI

Rua Alferes José Caetano, 1056 - CEP:13400-123, F.:3422-5675

38. PAULO CELSO BASSETTI

Rua Bom Jesus, 670 - CEP: 13419-055, F.:3433-4625

39. PEDRO CALDARI

Rua Sete de Setembro, 220 – São Dimas - CEP:13416-190, F.:3422-6095

40. RENATO LEME FERRARI

Av. dos Marinês, 477 - CEP:13403-151, F.: 3434-2577

41. RODRIGO RIBAS DIAS REIS

Rua Guilherme de Abneida, 34 – ap. 151 - CEP:13418-585, F.:3433-4637

42. ROSALY APARECIDA CURIACOS ALMEIDA LEME

Av. Armando Salles de Oliveira, 1574 - CEP:13400-000, F.:3422-7840

43. SERMO DORIZOTTO

Av. Independência, 776 - CEP:13400-970, F.:3422-5302

44. TOSHIO ICIZUCA

Rua XV de Novembro,250 – ap.23 - CEP:13400-370, F.:3371-7793

45. VALDIZA MARIA CAPRANICO

Av. Romeu Ítalo Ripoli, 84 - CEP:13421-570, F.:3424-4129

46. VITOR PIRES VENCovsky

Rua Dr. Osório de Souza, 278 - CEP:13418-190, F.:3434-4499

47. WALDEMAR ROMANO

Rua Regente Feijó, 774 ap. 92 - CEP:13400-100, F.:3422-8315

48. ZILMAR ZILLER MARCOS

Rua Regente Feijó, 460 - CEP:13400-100, F.:3422-6568

Associados Honorários

01. ADOLPHO CARLOS FRANÇO SO QUEIROZ

Rua São José, 996 – ap.21 - CEP:13400-330, F.:3434-4044

02. ANTONIETA ROSALINA C. LOSSO PEDROSO

Av. Itália, 367 - CEP:13416-490, F.:3422-3637

03. ANTONIO AMAURI GROppo

Rua Frei Estevão, 151 - CEP:13400-000, F.:3432-3115

04. ANTONIO CARLOS DE MENDES THAME

Rua Boa Morte, 1242 - CEP:13400-140, F.:3422-2272

05. APARECIDA GREGOLIN ABE

Rua Morais Barros, 1510 ap. 132 - CEP:13416-740, F.: 3433-0160

06. ARISTEU MENDES PEIXOTO

Rua Fernando Febiliano da Costa, 998 - CEP:13416-250, F.: 3422-3655

07. BARJAS NEGRI

Rua Fernando Febiliano da Costa, 1645 - CEP:13416-253, F.:3434-2868

08. BEATRIZ HELENA VICENTINI

Rua Moraes Barros, 855, 13400-356, 3422-1371

09. EDUARDO BORGES DE ARAUJO

Rua Alfredo Guedes, 364 - CEP:13419-285, F.:3402-8337

10. EDUARDO DARUGE

Rua XV de Novembro, 1632 - CEP:13416-753, F.:3433-3955

11. EVALDO VICENTE

Rua Tiradentes, 647 - CEP:13400-760, F.:3433-3099

12. EVARISTO MARZABAL NEVES

Rua do Trabalho, 265 - CEP:13418-220, F.:3403-6500

13. FLÁVIO RIZOLLO

Av. Auro Soares M. Andrade, 340 - A.S. Pedro - CEP:13525-000, F.:3482-1197

14. FRANCISLIDIO BEDUSCHI

Rua Macció, 43 – Glebas California CEP:13403-160, F.:3427-1376

15. HUMBERTO DE CAMPOS

Rua do Rosário, 532 - CEP:13400-183, F.:3422-9033

16. JAIRO RIBEIRO DE MATTOS

Rua Alfêres José Caetano, 930 ap.131 - CEP:13400-123, F.:3422-2270

17. JOÃO CHADDAD

Rua Cap. Antônio Correa Barbosa, 2233 - CEP:13400-970, F.:3403-1200

18. JORGE LUIZ MIALHE

Rua Prof. Antonio B. Penteado, 239 ap. 131 - CEP:13417-380, F.:3426-6997

19. JOSÉ MACHADO

BRASILIA, F.:3426-0373

20. KRUNISLAVE ANTONIO NOBILO

Rua D. Pedro I, 1596 - CEP:13416-780, F.:3422-5930

21. LUIZ FRANCISCO ALBUQUERQUE DE MIRANDA

Rua Território do Acre, 1522 – cs. 46 - CEP:13420-510, F.:3422-2013

22. MARIA DULCE BANDIERA BERGAMIN

Rua João Bottene, 410 - CEP:13416-640, F.:3422-2013

23. MARISA ELISETE LIBARDI

Rua Leogildo Salvagni, 861 - CEP:13425-130, F.:3426-0373

24. NELSON CARRANO TORRES

Au. Beira Rio, 1001 - CEP:13400-820, F.:3433-9650

25. NOEDI MONTEIRO

Rua Floriano Peixoto, 1511 - CEP:13417-050,

26. RENATO FRANÇOZO FILHO

Rua Prudente de Moraes, 1395 ap. 83 - CEP:13416-720, F.:3434-7789

27. TIMOTHEO JARDIM

Rua Samuel Neves, 384 - CEP:13416-404

Associados Beneméritos

01. GILBERTO JÚLIO PIATTO

Rua Prof. Antonio B. Penteado, 230 ap.101 - CEP:13417-380, F.:3433-2822

02. MÁRIO DRESSELT DEDINI

Rod. Rio Claro-Piracicaba, km 26,3 C. Caiúda - CEP:13414-970, F.:34033011

03. MÁRIO DEDINI OMETTO

Rua Rodolfo Lara Campos, 65 - CEP:13416-200, F.:3422-0119

Associados Correspondentes

01. ADILSON CESAR

Rua Miranda Azevedo, 147 ap.61, Sorocaba - CEP:18035-090

02. ADOLFO JOSÉ MELFI

USP – SÃO APULO

03. AFRÂNIO GOMAR

Rua Oscar Freire, 1660 ap. 4, São Paulo - CEP:05409-011

04. AMÉRICO PELLEGRINI FILHO

Rua Jerônimo Franco, 13, São Paulo - CEP:05585-070

05. AMIR KLINK

Rua Guapiaçu, 71, São Paulo - CEP:04024-020

06. ANA APARECIDA V. RODRIGUES

Rua Alferes Raimundo, 297, Campinas - CEP:13035-030

07. ANGELA T. C. PAIVA LUCIO

Travessa Tonino Croce, 48, Jaiú - CEP:17027-290

08. CAIRBAR PEREIRA ARAUJO

Rua 27, n º 1700, Rio Claro - CEP:13503-140

09. CALEB SOARES DA SILVA

Av. Presidente Wislon, 26 ap.419, Santos - CEP:11060-200

10. CARLOS MORAES

Av. 9 de Julho, 337 ap.404, São Paulo - CEP:01313-000

11. CELESTE M.B.ZENHA GUIMARÃES

Campinas

12. CELSO LAGO PAIVA

Rua Ferdinando Panattoni, 579, Campinas

13. CLAUDINEI POLLESEL

Av. Profª Ida Kold, 387 ap.12, São Paulo - CEP:02518-000, E:011-3858-2473

14. FÚLVIA CARVALHAES DE FREITAS

Rua Dr.Pedro P.Costa, 301, Monte Santo/MG

15. FRANCISCO FALCÃO MACHADO

São Paulo

16. GERALDO BONADIO**17. GUIDO RANZANI****18. HÉLIO DIAS DA SILVA****19. JAHYRA BOUCAULT ARRUDA**

Rua Rafael Contador Sº, 70, Águas S.Pedro - CEP:13505-000

20. JAIR DE OLIVEIRA**21. JOSE CARLOS BARBOSA**

Rua Euclides Montagnari, 42, Rio das Pedras - CEP:13390-000

22. JOSÉ FRANCISCO DE FARIA Jr.

Rua 9, nº 3195, Rio Claro - CEP:13504-030

23. JOSÉ FRANCISCO P. GARCIA

Rua Barão do Triunfo, 1680 ap.31, São Paulo - CEP:04602-006

24. JOSÉ PERES ROMERO

Rua Angatuba, 621, São Paulo - CEP:01274-000

25. JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

Av. Pedroso de Moraes, 144/302, São Paulo - CEP:05040-000

26. JURANDIR MALERBA

27. LUIZ CARLOS BEDUSCHI

Rua Maestro Grossi, 603, Jaboticabal - CEP:14870-000

28. LUIS RIBERTO R. DE FRANCISCO

Rua Floriano Peixoto, 480, Itu - CEP:13300-005

29. MANOEL R. TAVARES ALMEIDA

30. MARCELO M.A. BOGACIOVAS

Rua Dr. Cid Castro Prado, 79, São Paulo - CEP:04064-040

31. MARIA CECÍLIA A. G. ZAGATTO

Piracicaba

32. MARIA DE LOURDES F. SIOLI

Rua Morvan Dias Figueiredo, 250, Mang., ITU - CEP:13300-000

33. MARINALDA GARCIA

São Paulo

34. MARIA CELESTINA T.M. TORRES

Campinas

35. MARIA CRISTINA C. PAIVA NEVES

Rua General Izidoro, 658, Jaú - CEP:17207-290

36. MIGUEL ÂNGELO C. N. SANTOS

Rua Afonso Celso, 1065 – V. Mariana, São Paulo - CEP:04119-061

37. NELSON ALBERTO S. TRAVNIK

Rua Luiz Antônio A. Leite, 414, Campinas - CEP:13033-670

38. NOEMI SILVEIRA WREGE

Rua Fernando Ferrari, 35 ap. 12 Pq. Bandeir, Ribeirão Preto - CEP:14090-380

39. PEDRO SILVEIRA ROCHA

Rafard

40. **RENATO SÉRGIO J. MALUF**
São Paulo
41. **REINALDO CINTRA T. CARVALHO**
São Paulo
42. **ROGÉRIO FORASTIERI SILVA**
São Paulo
43. **ROBERTO MACHADO CARVALHO**
São Paulo
44. **ROSA M.CASSANO BATAGLIA**
45. **RUY NORBERTO O. COSTA**
Águas S.Pedro
46. **SAMIRA MIGUEL C. ARAUJO**
Juboticabal
47. **SAMUEL PFROMM NETO**
São Paulo
48. **WALDEMAR ROBERTO**
Ribeirão Preto
49. **UMBERTO CANTONI**
Piracicaba
50. **WALTER ZOCOLLI**

Relação das publicações em 2009

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA Nº 16 – VÁRIOS

HISTÓRIA DE PIRACICABA EM QUADRINHOS VOL. I – LEANDRO GUERRINI

HISTÓRIA DE PIRACICABA EM QUADRINHOS VOL. II – LEANDRO GUERRINI

HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DE PIRACICABA – MÁRIO NEME

PIRACICABA NO SÉCULO XIX – MARIA CELESTINA TEIXEIRA MENDES TORRES

SÍNTESE URBANA – MARLY THEREZINHA GERMANO PERECIN

MANUAL DA HISTÓRIA PIRACICABANA – GUILHERME VITTI

MEMÓRIAS DO BAIRRO ALTO – LUIZ NASCIMENTO

A VILA E SEUS VILÓES – ALCIDES ALDROVANDI

Demonstração de Resultados dos Exercícios 2008/2009

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

CNPJ: 50.853.878/0001-48

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO

(valores expressos em reais)

	2008	2009
RECEITAS		
Recetas diversas transitória	61.227,40	47.106,50
Total de receitas	61.227,40	47.106,50
RECEITAS LÍQUIDAS OPERACIONAIS	61.227,40	47.106,50
DESPESAS		
Despesas diversas transitória	59.815,77	43.897,26
Total de despesas	59.815,77	43.897,26
DESPESAS OPERACIONAIS	1.411,63	3.209,24
RECEITAS ANTES DOS IMPORTOS	1.411,63	3.209,24
TOTAL DA VARIAÇÃO PATRIMONIAL NO PERÍODO	1.411,63	3.209,24

Reconhecemos a exatidão do presente balanço conforme documentação apresentada.

Piracicaba, 31 de maio de 2010.

Pedro Caldari
Presidente - IHGP

Vitor Pires Vencovsky
1º Tesoureiro - IHGP

Helio Randal Rocha da Silva
CRC 1SP127680/O-0
CPF: 015.898.478-143

Prezado Confrade,

O IHGP, gestão 2010-2012, deu início às atividades sociais com a realização da Sessão Magna de 23 de abril de 2010, com as posses solenes da diretoria eleita e dos novos associados efetivos admitidos, srs. Alexandre Sarkis Neder, Edson Rontani Júnior e Rodrigo Ribas Dias Reis, e marcadamente, o lançamento oficial de oito livros editados pelo Instituto.

As obras, escritas por autores membros do IHGP, representam contribuições da mais alta importância cultural para Piracicaba, vindo a atender a demanda de um público que vem crescendo ano a ano, cada vez mais interessado nos relatos da história piracicabana. Os livros estão à disposição na sede social.

II Ciclo de Palestras mensais:

Dia 29 de maio de 2010, 9 horas. Palestrante: Professor Doutor Moacyr de Oliveira Camponez do Brasil Sobrinho, ESALQ-USP. Tema: ESALQ – Prof. Dr. Phelipe Westin Cabral de Vasconcellos . Serão realizadas sempre no último sábado de cada mês, e franqueadas ao público, com a participação de renomados palestrantes convidados.

Anuidades e Contribuição do Associado:

O valor simbólico é de R\$100,00, ficando a critério de cada associado a sua eventual contribuição espontânea pessoal e/ou de apoio cultural de patrocinadora pessoa jurídica.

Novas edições:

Da Revista IHGP nº 17 – estamos recebendo os trabalhos a serem avaliados pela Comissão de Publicação para a próxima edição que deverá ocorrer em agosto vindouro.

Dos livros:

A Comissão de Publicação deverá avaliar as próximas edições de 2010.

Digitalização do acervo do IHGP:

Trabalho significativo, pelo porte e alcance, em parceria com a Secretaria de Ação Cultural do Município de Piracicaba. Demandará bastante tempo e recursos – pessoas e financeiros – além da necessidade de um programa específico de computador.

O IHGP coloca a questão como prioritária em seu plano de trabalho, na esperança de vê-la realizada efetivamente. As dificuldades maiores, de ordem técnica precisam ser equacionadas adequadamente com a participação de nossos associados historiadores, em especial.

Comissões e Departamentos Permanentes:

1. Departamento de Arquivo e Documentação

Vitor Pires Vencovsky

Fábio Ferreira Coelho Bragança

Edson Rontani Júnior

2. Departamento de Biblioteca

Felisbino de Almeida Leme

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme

Zilmar Ziller Marcos

3. Departamento Cultural

Almir de Souza Maia

Arsênio Firmino de Novaes Netto

Zilmar Ziller Marcos

4. Comissão de História, Geografia e Ciências Auxiliares

Vitor Pires Vencovsky

Rodrigo Ribas Dias Reis

Moacyr de Oliveira Camponez do Brasil Sobrinho

5. Comissão de Sindicância e Admissão de Sócios

Gustavo Jacques Dias Alvim

Antônio Messias Galdino

Toshio Iczuca

6. Comissão de Finanças

Cezário Campos Ferrari

João Umberro Nassif

João Carlos Sajovic Forastieri

7. Comissão de Patrimônio

João Chaddad

Caio Tabajara Esteves de Lima

Marcelo Cachioni

8. Comissão de Imprensa e Relações Públicas

João Umberto Nassif

Alexandre Sarkis Neder

Edson Rontani Júnior

9. Comissão de Publicação

Toshio Iczuca
Gustavo Jacques Dias Alvim
Fábio Ferreira Coelho Bragança
Francisco de Assis Ferraz de Mello
Vitor Pires Vencovsky

10. Comissão de Outorga de Medalha

Cinco membros convocados por ocasião de exame de propostas à outorga da Medalha Prudente de Moraes;

Atenção – Importante:

O processo de outorga obedece normas expressas e os senhores Confrades poderão consultar e propor candidatos ao título, sigilosamente, como é assim recomendado, diretamente à Presidência.

Venda de livros

Encontram-se à venda na Secretaria Geral os livros disponíveis e de nossas edições, também relacionados via Internet: www.ihgp.org.br e e-mail: ihgp@ihgp.org.br

Atividades Sociais:

A diretoria pede encarecidamente aos senhores integrantes das Comissões e dos Departamentos a gentileza do envio de suas sugestões e planos de trabalho específicos. Estará no aguardo de suas respectivas colaborações, diariamente na sede social.

Cordiais Saudações

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
Gestão 2010-2012

Professor Eurípedes Malavolta

Francisco de Assis Ferraz de Mello¹

O Prof. Eurípedes Malavolta é natural de Araraquara, SP, tendo nascido em 13/08/1926.

Foi filho da senhora Lúcia Malavolta e do senhor Antônio Malavolta.

Primeiros estudos e carreira universitária

Seus primeiros estudos foram efetuados na terra natal e em Campinas, SP. Cursou a faculdade em Piracicaba, SP, na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, ESALQ, USP, tendo se formado em 1948.

No mesmo ano iniciou sua carreira docente indo trabalhar como Assistente da Cadeira e Seção Técnica “Química Agrícola”, cujo Professor Catedrático era o Prof. José de Mello Moraes.

Em 1951, prestou concurso de Livre Docência se tornando Professor Livre Docente da Cadeira de “Química Agrícola” da ESALQ. Pouco tempo depois foi contratado para lecionar Química Orgânica e Biológica, uma Cadeira recém-criada. Posteriormente prestou concurso tornando-se Professor Catedrático da referida disciplina.

¹ Artista plástico piracicabano, professor doutor em Engenharia Agrônoma pela ESALQ - USP e membro do IHPG.

Viagens de estudo e a trabalho

Graças a uma bolsa de estudo da Fundação Rockefeller foi Pesquisador Associado e Professor Visitante na Universidade da Califórnia, USA (1952-1953).

Ainda com bolsa da Fundação Rockefeller foi Professor Visitante na Kearney Foudantion, Universidade da Califórnia, Berkelley, USA (1958-1959).

Foi Professor Visitante (períodos curtos) em várias universidades, latino-americanos (Argentina, Paraguai, Peru, Venezuela e Colômbia) e na Ohio State University, Columbus, Ohio, USA.

No Brasil, foi Professor Visitante na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, e na Universidade Federal do Pará, UFPA.

No final tornou-se pesquisador permissionário do Centro de Energia Nuclear na Agricultura, CENA, USP.

Foi bolsista do CNPq.

Prêmios e condecoração

O Prof. Eurípedes Malavolta foi agraciado com a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico, concedida pela Presidência da República do Brasil, 1998, e recebeu os seguintes prêmios: Medalha do Jubileu do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, 1981; Prêmio Moinho Santista de Agronomia, 1982; Medalha Fernando Costa, da Sociedade Paulista de Agronomia, 1991; Pesquisador Homenageado, Fundecitrus, 1997. Recebeu ainda, em 2007, a Medalha Antonio Carlos Moniz, da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo.

No final da vida recebeu o título de Cidadão Piracicabano.

Outras atividades

Foi membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia de Ciências do Estado de São Paulo. Membro honorário da Sociedade Colombiana de Ciência do Solo, da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, Sociedade Internacional de Ciência do Solo e da Third World Academy of Sciences. Representou o Brasil na Conferência das Nações Unidas sobre Ciência e Tecnologia em Benefício das Áreas Menos Desenvolvidas, em Genebra, Suíça (1963).

Foi Diretor da ESALQ, USP (1964-1970), do Instituto de Física e Química de São Carlos, USP (1972-1975), conselheiro do CNPq, do Conselho Estadual de Educação de São Paulo (1972-1975), editor permanente da revista norte-americana “Communications in Soil Science and Plant Analysis”, pertenceu à Academia de Ciências do Terceiro Mundo (TWAS) e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Participou aproximadamente de 200 reuniões científicas no Brasil e no exterior, orientou 40 dissertações de mestrado e 65 teses de doutorado.

O Prof. Malavolta foi pioneiro no Brasil, no emprego de isótopo radioativos em estudos de adubação e de nutrição mineral de plantas. Amava as artes, sobretudo a música, a pintura e a literatura, e escreveu boas poesias que foram publicados em livro, por um grupo de amigos após a sua morte.

Morreu aos 82 anos de idade, em plena época de trabalho arivo, plantando e colhendo, e só parou quando, sufocado por dores intensas, a morte atravessou-lhe a frente. Foi no dia 19 de janeiro de 2008.

Obras consultadas:

CNPq, 2003 e 2004 – Eurípedes Malavolta, currículos, na Internet.

MALAVOLTA, E., 2008 – Contos de um poeta silencioso, livro, 134 pp.

*A contribuição inovadora de Sebastião Ferraz à imprensa piracicabana**

*Gustavo Jacques Dias Alvim***

Sebastião Ferraz nasceu em Tatuí (SP) e faleceu em Piracicaba em 01 de fevereiro de 2008, aos 91 anos. Viveu grande parte de sua vida em São Paulo. Jornalista e grande especialista em artes gráficas, sobre o que inclusive havia dado aulas na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, foi também diretor de um museu dessa especialidade na capital paulista. Transferiu-se para Piracicaba, a convite de um grupo de empresários, que havia comprado a empresa jornalística “*Diário de Piracicaba*”, para dirigi-la.

Piracicaba tinha então, conforme o censo de 1950, 87.835 habitantes¹. Metade de sua população vivia na zona rural. Havia 1.360 veículos motorizados, 500 bicicletas, 300 carroças e 4.000 carrinhos e troles rurais. Era, portanto, uma cidade de porte médio para os padrões da época e ainda provinciana, característica que dificultaria a ação de quem pretendesse fazer um jornalismo de qualidade, combativo e moderno em sua apresentação gráfica. Ademais, já circulavam no município dois jornais, mais antigos e bem consolidados, que eram concorrentes diretos.

1 Fonte: FIBGE.

* Este artigo tem como fonte bibliográfica o livro: “O Diário, a saga de um jornal de causas”, do mesmo autor.

** Sociólogo, advogado, doutor em Comunicação e Semiótica e membro do IHPG.

PRIMÓRDIOS DO DIÁRIO DE PIRACICABA

O jornal *Diário de Piracicaba*² desempenhou papel importante na vida social, política e econômica de Piracicaba,³ alternando fases áureas e críticas. Algumas crises acarretaram mudança de proprietários ou troca completa de equipes de jornalistas. Sua circulação chegou a ser interrompida diversas vezes, numa ou noutra ocasião, por vários meses.

Sua história confunde-se com a da própria cidade. Fundado em 6 de janeiro de 1935, nasceu do idealismo de Octaviano de Assis, Jacob Diehl Netto e Fernando Aloisi, que se uniram para publicar um jornal “independente e sem matiz partidário”, conforme o editorial de apresentação. Mesmo negando, ao surgir, ter objetivos políticos, nunca conseguiu escamotear esse fato. Nascido sob o signo da oposição, buscou manter, durante todo o tempo, os compromissos com a liberdade, independência, idealismo, democracia e serviço à comunidade. Lutou contra a ditadura de Vargas, enfrentando a censura, a opressão e o arbítrio. Opôs-se ao nazismo e ao fascismo quando este mesmo ditador tendia a apoiar essas ideologias. Discordou da tirania e autoritarismo do governo militar instalado no País em 1964. Veio e brigou por Piracicaba e seu povo em defesa de seus interesses. Suas posições corajosas, não poucas vezes, geraram clima de tensão e incompreensão, que atingia seus jornalistas na forma de desgaste e estafa, ameaças e sacrifícios pessoais, processos e prisões, bem como a empresa na forma de boicote econômico e pressões políticas, com reflexos diretos em suas fontes de receita.

Preocupado com questões sociais e políticas, esse periódico pode ser tomado como um “jornal de causas”, característica presente em sua trajetória. Teve o advogado Jacob Diehl Netto como seu primeiro redator-chefe. Erudito, polêmico⁴, detentor de pena brilhante,

2 Até 18 de julho de 1968, o jornal teve esse nome, passando a se denominar, após essa data, *O Diário*.

3 Piracicaba situa-se no interior do estado de São Paulo, distando 152 km da capital na direção noroeste.

4 Jacob Diehl Netto costumava repetir a expressão do Padre Sena Freitas: “A minha pena de polemista só a morte me tirará das mãos” (*Diário de Piracicaba*, 10/12/67).

enfrentava os poderosos, os ocupantes de cargos públicos, os abastados, quando se convencia de uma causa. Foi substituído, em 23 de julho de 1943, por Octaviano de Assis, sob cuja direção a empresa modernizou-se com a aquisição de duas rotoplanas *Intertype*. Período repleto de problemas quanto ao fornecimento de papel para a imprensa, devido à II Grande Guerra Mundial, também teve dificuldades no campo editorial, pois trabalhou sob as restrições impostas ao livre pensamento pela ditadura de Vargas. Ademais, por causa da linha nacionalista do jornal e da aliança do Brasil com os países democráticos, os aborrecimentos e os óbices tornaram-se maiores, em função da expressiva presença de imigrantes na cidade e região. Octaviano de Assis apareceu como editor até 30 de novembro de 1949, sucedendo-o Antenor Pousa Godinho. As maiores novidades dessa nova fase foram a contratação de agências noticiosas internacionais e a compra de linotipos, um grande avanço para a época. A saída de Godinho, em 13 de junho de 1950, encerrou uma fase importante da vida do *Diário de Piracicaba*, durante a qual foram estaqueados seus alicerces.

A década de 50 foi marcada pela consolidação da democracia no País, restaurada depois da deposição de Vargas e caracterizada pelo populismo, que não só ressuscitou politicamente o ex-ditador, mas, também, propiciou a eleição de Juscelino Kubitschek, o idealizador de Brasília. Foi um momento de grandes transformações. A obsessão era o desenvolvimento econômico. No governo getulista, fortes bandeiras nacionalistas haviam ajudado na criação da Petrobrás. Em contrapartida, o seu sucessor abriu o país ao capital estrangeiro, atraindo a instalação da indústria automobilística. Nesse período, cresceu o êxodo rural e a migração nordestina para as grandes cidades do sudeste. Obras de vulto foram feitas no campo da produção da energia elétrica. No terreno econômico, o Brasil começava a experimentar a inflação.

Esse ímpeto de mudanças se fez sentir, também, nas artes plásticas, música, teatro, poesia, cinema e outras expressões artísticas. Igualmente, forma tempos de novidades na imprensa brasileira, com o surgimento de novos jornais e de renovação em termos de diagramação, bem como de utilização de técnicas inéditas no tocante

à comunicação de massa. Enquanto isso, o mundo se dividia entre socialismo e capitalismo, dando início à “guerra fria”.

MUDANÇA NA DIREÇÃO DO JORNAL

Sebastião Ferraz⁵ assumiu a direção do *Diário de Piracicaba*, para atuar nesse cenário repleto de vertiginosas transformações nos mais diferentes campos, inclusive no da imprensa. O seu nome apareceu, pela primeira vez, como diretor, no cabeçalho da edição comemorativa do 16º aniversário do jornal, em 6 de janeiro de 1951, onde se lia apenas S. Ferraz⁶. Inicialmente, teve a seu lado Fernando Aloisi e Isidoro Polacow.

O editorial dessa data, além de realçar as dificuldades e importância do jornal, trazia a orientação para a sua gestão: “Um jornal do povo e para o povo, que não é de ninguém e é de todos.” Dizia, ainda, que o periódico não se prestaria apenas ao fornecimento e vulgarização de notícia, mas se consagraria ao bem comum.

S. Ferraz, excelente gráfico, ao assumir o comando, não introduziu mudanças imediatas no visual do jornal. Conservou o mesmo cabeçalho e as mesmas fontes de tipos. As novidades foram introduzidas aos poucos. Uma delas, incomum e inusitada, sobretudo em jornais do interior, surgiu no segundo mês, na diagramação da primeira página, com a colocação da manchete e respectivo texto acima do título do jornal. Este foi reduzido em seu tamanho e passou a ocupar quatro colunas em vez de cinco. A experiência parece não ter agradado, pois durou apenas um dia. O que permaneceu foi a mobilidade do título, tanto o da primeira quanto o da última página, que não mais tinham lugar fixo. Até então, eram poucos os clichês. A diagra-

5 Ferraz tinha contatos com Dovilio Ometto, importante empresário em Piracicaba, ligado por laços de parentesco ao Dedini. Ao fazer uma reportagem para uma revista sindical, encontrou-se com Fernando Aloisi, que estava vendendo o jornal para os Dedini e Morganti. Pouco tempo depois, Aloisi e Lino Morganti, conhecido usineiro, foram a São Paulo para buscar Ferraz, com tentadora oferta de salário e condições de trabalho (depoimento de S. Ferraz ao autor, em 09/05/95).

6 A decisão de usar S. Ferraz (e não o nome completo) foi tomada depois que o jornalista soube que havia na cidade um homônimo, cuja reputação não era das melhores. Não queria ser confundido e durante o resto da vida usou a abreviação.

mação modernizou-se com a colocação dos anúncios nos rodapés e nas laterais⁷. Contudo, algo bastante estranho se deu: o número de páginas foi reduzido para quatro.

S. Ferraz tinha como uma das diretrizes de seu programa o tratamento de problemas locais, razão pela qual o jornal criara uma seção para cartas e sugestões. Seus primeiros editoriais focalizaram questões do interesse da comunidade, aliás, objeto de sua atenção constante. O bem comum, de que falara no seu editorial de apresentação, esteve presente nas grandes campanhas que encetou, com o propósito de colaborar na resolução de questões que interessavam a Piracicaba e sua gente. A primeira delas, de grande vulto e alcance, feita em colaboração como o Rotary Clube, tratou do trânsito, sobretudo de sua ordenação e sinalização. O primeiro posto de sinalização foi doado pelo jornal, como a mostrar que não ficava só em palavras. Com essa atitude pretendia servir de exemplo e inspiração para outras entidades e empresas⁸.

A segunda campanha, que também marcou época, foi feita em torno do sério problema da comunicação telefônica, pois o município estava mal servido tanto em relação ao serviço local quanto interurbano. Essa orientação do jornal, que enfatizava os interesses dos munícipes, fez com que as manchetes relativas a notícias nacionais ou internacionais se tornassem esporádicas.

O jornal trazia poucos textos assinados por S. Ferraz, que, no entanto, sempre usou e abusou de pseudônimos. Alguns deles --- como Raul de Sá (com o qual assinava inspirados poemas ilustrativos de belíssimas fotos); J. Neto⁹ (que aparecia como responsável pela coluna “Flagrantes”); Cactus (autor de “Sem folhas e sem flores) --- foram revelados publicamente pelo vereador Jorge Antônio Angeli,

⁷ Sistema de paginação conhecido por tipo “poço”. Usava, também, o tipo “meia pirâmide” à direita ou à esquerda.

⁸ O Diário de Piracicaba anunciou, com muito destaque, a inauguração da sinalização de trânsito, (“uma das mais perfeitas do interior”), cuja campanha havia sido lançada e incentivada pelo jornal. A reportagem tomava toda a primeira página, com muitas fotos (21/08/51).

⁹ Cecílio Elias Netto explica, em matéria publicada no Jornal de Piracicaba (19/03/97), que esse pseudônimo era usado coletivamente, sendo Joaquim Do Marco o usuário mais frequente.

em seu discurso, proferido por ocasião da outorga do título de Cidadão Piracicabano ao jornalista e publicado na edição de 5 de agosto de 1962.

AS PRIMEIRAS INOVAÇÕES

Até junho de 1951, praticamente, nada de novo houve no jornal. Nos dias de semana, a menos que fosse uma data especial, o jornal continuava saindo com quatro páginas. As seções tradicionais foram mantidas: sociedade, esportes, curiosidades, religião, editais, necrológicos, educação, rádio etc. Artigos e entrevistas eram raros. Nesse meio ano, apenas duas novidades merecem referência: em fevereiro de 1951, o expediente fazia menção a uma sucursal do *Diário de Piracicaba* em São Paulo, instalada no escritório de Willian Maluf¹⁰, amigo de Ferraz, e, em maio do mesmo ano, foi criada uma nova seção, a “Coluna Infantil”.

Somente a partir do segundo semestre começaram a aparecer as primeiras inovações no jornal, dando-lhe uma apresentação realmente revolucionária, diante do que se fazia no interior do estado¹¹. Em termos de imagens, fotos da agência USIS; em texto, a seção “Negrito/6”, assinada por J. Neto, um dos pseudônimos coletivos do órgão. Porém, as grandes mudanças ainda estavam por vir. A edição do dia 25 de julho anunciava uma completa remodelação do *Diário de Piracicaba*, que se aparelharia com novos equipamentos e, dentre estes, a moderna máquina Duplex¹², cuja tiragem atingia 5.000 exemplares por hora. Também o departamento fotográfico e a clichéria¹³ estavam sofrendo remodelações. Apresentando uma foto da rotopla-

10 William Maluf era ademarista e contato de S. Ferraz com o governador (depoimento de Cecílio Elias Netto, em 13/12/97).

11 Os anos 50 assistiram enormes mudanças na grande imprensa brasileira. Diversos jornais fizeram modificações na forma de diagramar e de expor o conteúdo de suas matérias, sobressaindo-se, como exemplos, a Última Hora e o Jornal do Brasil, pelo impacto causado pela linha editorial e avançado visual gráfico.

12 “A importação da rotoplana foi motivo de acirrada campanha do Losso, diretor do Jornal de Piracicaba, que pouco depois comprou equipamento idêntico” (entrevista de S. Ferraz ao autor, em 09/05/95).

13 Dada a capacidade de sua clichéria, passou a anunciar serviços para terceiros.

na, prometia maior formato, maior número de páginas e serviço diário de clichéria. Além disso, as oficinas e redação seriam instaladas em novo endereço: Rua Prudente de Moraes, 642. No dia 29, para reforçar a informação já dada, trouxe estampada a foto de uma das compositoras Intertype e de outras máquinas auxiliares.

Nessa nova etapa da vida do matutino, algo chamava a atenção dos mais argutos: o tratamento diferenciado dado para os Morganti e os Dedini, grandes e prósperos industriais, respectivamente usineiros e fabricantes de máquinas e equipamentos para o setor açucareiro. Essas figuras passaram a ganhar freqüentes realces nas páginas do *Diário de Piracicaba*. Por exemplo, em 26 de maio de 1951, Lino Morganti fez uma palestra no Rotary Clube, sobre “O aproveitamento do bagaço da cana na fabricação do papel”, que foi anunciada com destaque e, no dia seguinte, publicada na íntegra. Assim, visitas ilustres às Oficinas Dedini ou às Usina Monte Alegre, Refinadora Paulista ou Itelpa (estas três últimas de propriedade dos Morganti), bem como outros acontecimentos relevantes nessas organizações industriais e fatos envolvendo seus proprietários e diretores eram motivos para reportagens alentadas, longas entrevistas, fotos em profusão, com a mesma matéria sendo esticada por, pelo menos, três dias. Na realidade, pouca gente sabia que esses empresários eram os novos proprietários da empresa jornalística, pois isso não fora divulgado e nem lhes interessava que o fosse, por motivos óbvios. Tal mudança de mãos propiciou a modernização dos equipamentos, com a injeção de capital, fator decisivo para a consolidação da empresa, permitindo, também, a melhoria de salários¹⁴.

O prometido novo *Diário de Piracicaba* veio a público no dia 10 de setembro de 1951, uma segunda-feira. Era o advento da nova fase. Não fora possível fazê-lo no domingo, dia anterior, como prometido, por falta de energia elétrica. Essa edição especial, em maior formato, com 10 cadernos e 28 páginas, das quais quase 20 de anúncios, trazia muitos clichês. O título da primeira página passou a ocupar seis colunas, com tipos maiores, porém conservando a fonte anteriormente usada. Já o título do jornal na última página foi suprimido. Em

14 “Lêu era muito bem pago”, declarou S. Ferraz em depoimento ao autor (09/05/95).

relação ao visual, na verdade não houve tão grandes novidades quanto seria de se esperar, principalmente considerando o fato de ser o seu diretor uma referência em artes gráficas. Uma enorme frustração, registrada pelo próprio jornal, foi o fato de nem todas as máquinas compradas terem sido entregues no prazo contratual, por causa de dificuldades na importação, o que talvez justifique a falta de alterações gráficas mais arrojadas.

Apesar de seus maiores recursos de oficina, o jornal continuou saindo com quatro páginas, pois a década de 50 enfrentou escassez de papel de imprensa no mercado nacional e internacional, com elevação inclusive do preço de banca do jornal. Durante curto período, esse número de páginas passou para seis em dias normais¹⁵. Aos domingos, as edições eram um pouco mais volumosas, ocasião em que publicava a “Página Feminina” e a “Página Agrícola”, por vezes sacrificadas juntamente com outras seções em função da mencionada escassez de papel.

Outras novidades foram a contratação, em 27 de outubro, da Agência de Informações Asapress (que passou a fornecer noticiário nacional, juntamente com as outras agências com as quais já mantinha contrato), a utilização de fotos da APLA e a publicação de uma seção para fotógrafos amadores¹⁶. No mês seguinte foi anunciado um Concurso de Contos de Natal que, dado o seu sucesso, foi repetido em anos posteriores e inclusive ampliado com o Concurso Popular de Papai Noel, premiando crônicas, e com outro especial para crianças do 4º ano primário. Sob a direção de S. Ferraz, com o objetivo de movimentar os leitores e promover o periódico, vários concursos foram instituídos, destacando-se, por exemplo, o Jubileu de Prata do *Diário de Piracicaba* sobre jornalismo no interior, com excelente premiação em dinheiro. Em setembro de 1954, anunciando muitos prêmios, o jornal queria saber: “Qual o atleta mais querido da cidade?”. E, em agosto de 1960, “Qual o locutor mais popular da cidade?”. Os votos eram dados em cupões recortados das páginas do jornal. Três anos depois, lançou o Concurso Dia de Piracicaba, cujos participan-

15 Somente 13 anos depois, o jornal conseguiu aumentar, de forma permanente, para seis, o número de páginas.

16 “No mundo da fotografia”, sob responsabilidade de Paulo R. da Silva Sobrinho.

tes deviam abordar quaisquer aspectos, fatos, passagens, personagens da Piracicaba de outrora, desde que inéditos em jornais, revistas e livros. Essa estratégia contribuiu para o progressivo aumento da tiragem. Partindo de aproximadamente 900 exemplares diários em 1951, impressos em máquina plana, chegou, em poucos anos, a equiparar à do seu concorrente mais direto¹⁷.

Em 14 de novembro de 1951, inspirando-se em grandes órgãos da capital, uma iniciativa pioneira em Piracicaba e bastante arrojada para a época foi tomada. A partir do dia seguinte, sempre às 22 horas, um jornal falado, o *Imprensa no Ar*, passou a ser transmitido diretamente da redação do *Diário de Piracicaba*, pela PRD-6-Rádio Difusora, até então única emissora da cidade com noticiário local, nacional e internacional. O comentário da noite, uma espécie de editorial escrito por S. Ferraz, era lido e, depois, publicado no jornal. O lançamento dessa novidade mereceu uma excelente cobertura jornalística, com fotos do primeiro programa. Por causa do racionamento de energia elétrica, foi suspenso em 15 de setembro de 1953, deixando como resultado positivo também a divulgação do matutino, com crescente número de assinantes. O novo diretor arriscava suas fichas em tudo aquilo que popularizasse o nome do jornal. Sempre voltado para o marketing, em tempos em que isso, no interior, era pouco comum, ele estava também atento ao que outros órgãos de divulgação faziam e não tinha pejo de imitá-los.

Uma nova e bem recebida experiência foi feita no dia 1º de agosto de 1952: a edição de aniversário da cidade, com 28 páginas em cinco cadernos, mais o Suplemento Agrícola, teve algumas de suas páginas impressas com tinta azul. No quinto caderno, três páginas recebiam cor em tom amarronzado. Essa impressão em cores, inco-muns na imprensa da época, repetiu-se em outras ocasiões, como, por exemplo, quando da passagem do primeiro aniversário do *Imprensa no Ar*, em suplemento especial de quatro páginas, e ainda na edição de aniversário da cidade, em 1956.

17 Esses dados foram mencionados por S. Ferraz, em depoimento ao autor (09/05/95). Disse ele que, em 1961, a tiragem da Folha de Piracicaba era de 3.750 exemplares, enquanto as do Jornal de Piracicaba e Diário de Piracicaba chegavam a 2.800.

Tornaram-se comuns os suplementos, geralmente na forma de tablóide ou de um quarto de página, como o do Clube Orquidófilo, cuja publicação teve início em 15 de novembro de 1952. Podem ser citados ainda o Suplemento Agrícola, editado às sextas-feiras, graças à colaboração da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”; o Suplemento Dominical, cuja matéria bastante variada procurava oferecer entretenimento, cultura e lazer; além de outros especiais produzidos em datas comemorativas ou históricas. Alguns tiveram curta existência, outros circularam irregularmente. O de mais longa duração, lançado em 21 de junho de 1955, foi o Suplemento Esportivo, que saía às terças-feiras, na forma de tablóide, com quatro páginas. Seu primeiro número trazia muitas fotos e era recheado de notícias do time de futebol profissional da cidade, o Esporte Clube XV de Novembro, do basquete – tradição em Piracicaba – e de clubes amadores. Anunciava no editorial, depois de se referir às dificuldades, “a luta da imprensa interiorana para concretizar programas de melhoria, especialmente quando se trata de uma especialidade jornalística”, a sua pretensão de um dia se tornar independente, sonho que nunca se concretizou. Foi suspenso por volta de 1960, voltando a circular em 1966, até desaparecer definitivamente quando S. Ferraz já havia deixado a direção do jornal. Merece ser citado, também, o suplemento Singra¹⁸, editado no Rio de Janeiro e encartado em vários jornais aos domingos, distribuído em Piracicaba pelo *Diário de Piracicaba*, a partir de abril de 1955, em substituição ao seu Suplemento Dominical.

Sob o comando de S. Ferraz, para quem jornalismo era bom senso, o periódico viveu boas e tranquilas fases. Primeiramente, porque pode investir logo no primeiro ano de sua gestão. Em segundo lugar, porque, em que pesem suas lutas e campanhas, era crítico, porém não polemista. Em entrevista ao autor, contou que, ao vir para Piracicaba, queria fazer um jornal independente e que tinha medo de jornal político.¹⁹ Por isso impusera uma condição: o *Diário de Piracicaba* deveria ser apolítico. Mesmo assim, logo de início, teve de enfrentar o clima hostil existente entre os dois jornais locais, gerado por

18 Não foram encontrados exemplares do Singra nos arquivos consultados.

19. S. Ferraz nunca pertenceu a partido político, mas ocupou cargos públicos; foi Secretário Municipal de Esporte, Cultura e Turismo e pertenceu à Comissão de Trânsito.

questões políticas em nível estadual. A situação era tão tensa, que houvera até mesmo uma briga entre redatores, tendo sido um deles esfaqueado. S. Ferraz, convencido de que a concorrência acirrada poderia ser prejudicial a ambos, visitou o “Jornal de Piracicaba” para restabelecer a paz. Sua introdução no seio da sociedade piracicabana e suas relações com personalidades da cidade foram bastante facilitadas por pertencer à Maçonaria.

Tinha, ainda, outra preocupação: como retirar do *Diário de Piracicaba* a imagem de jornal de empresários e usineiros? Arquetou, então, uma inteligente estratégia: passou a combinar com os proprietários as críticas que faria a eles próprios ou a eventuais interesses, demonstrando, dessa forma, independência, porém de modo a não lhes trazer prejuízos. Foi nesse espírito que fez várias campanhas contra o lançamento de restilo no rio Piracicaba, bandeira que o jornal empunhava desde os tempos primordiais. Teve em Jacob Diehl Netto, que havia sido diretor do matutino, um aliado batalhador, o qual, como piracicabano e apaixonado pelo Piracicaba, onde pescava freqüentemente, continuou a escrever contra a poluição de suas águas, por mais de 40 anos. Tanta luta, durante tanto tempo, sem resultados visíveis, fê-lo ir, aos poucos, manifestando um certo desalento, dado o agravamento do problema. Dizia ele que o povo já não mais acreditava nas promessas do governo. As preocupações aumentaram com a notícia da construção da refinaria de Paulínia e, posteriormente, com o projeto do sistema da Cantareira, que implicaria na reversão de um dos formadores do rio Piracicaba, diminuindo, conseqüentemente, sua vazão e complicando, ainda mais, uma situação que já era difícil. Mesmo assim, lutou enquanto pode. O jornal, também.

S. Ferraz tinha muita criatividade. O “Seja um repórter do *Diário*” foi outra de suas excelentes idéias, lançada em 14 de março de 1953. Dizia o texto: “Telefone para 5-1-5, as notícias que você gostaria de ler no seu jornal”. Com este apelo recebia muitas informações e sugestões que redundavam em matéria de interesse comunitário, fazendo com que o jornal se aproximasse, ainda mais, do povo.

Em 6 de setembro de 1953, algo, até então inusitado, despertou a atenção dos leitores: uma charge na primeira página. De autoria de Edson Rontani, que desenhava também para o “Suplemento Dominical” e ilustrava as primeiras páginas, sobretudo em datas

históricas, a charge reclamava do racionamento de energia elétrica. O sucesso dessa novidade encorajou a redação a repeti-la.

Havia, igualmente, sensibilidade para trabalhos, que atingiam um número restrito de pessoas, mais elitizados em termos culturais. Como exemplo, pode ser citada a publicação diária, a partir do dia 1º desse mês de setembro, de um paciente e difícil trabalho de pesquisa, mas de grande valor histórico, produzido por Guilherme Vitti, latinista e historiador, das atas das sessões da Câmara Municipal, desde sua instalação no século passado, sob o título “Subsídios à História de Piracicaba”, feita de forma que pudesse ser recortada e guardada pelos interessados. Com algumas breves interrupções, a publicação de atas, correspondências oficiais da Câmara, regulamentos, leis, enfim documentos valiosos do passado sempre estiveram presentes nas páginas do *Diário de Piracicaba*, como excelente contribuição à memória da cidade.

Os temas das campanhas encetadas pelo jornal, durante o período de S. Ferraz, continuaram sendo praticamente os mesmos: poluição do rio, ineficiência da Câmara Municipal e o alto índice de ausências de vereadores, o sistema telefônico anacrônico, a Elétrica e os problemas que causava com a interrupção do fornecimento de energia, alargamento da ponte sobre o rio Piracicaba, novo prédio para os Correios, luta pela criação de faculdades, asfaltamento de rodovias, melhor policiamento, disciplinamento do trânsito, instalação do Corpo de Bombeiros, construção de marcos cívicos e muitos outros. Em relação aos bombeiros, S. Ferraz, sem o querer, acabou presidente da comissão promotora da campanha, e o Marco da Bandeira não só foi idéia sua como ajudou a construí-lo, com seu apoio. Desses temas todos, o diretor do jornal tinha especial predileção pelos relacionados ao Legislativo municipal. Ele se deu ao trabalho de acompanhar, pessoalmente, durante mais de dez anos, as sessões camarárias semanais. Os outros jornais, de um modo geral, não davam muita importância à Câmara de Vereadores, dela só publicando a matéria oficial e paga. O *Diário de Piracicaba*, por seu diretor, instituiu a figura do repórter, tornando-se ele mesmo o primeiro a exercer essa atividade. Registrava os fatos e os publicava, sem muitos detalhes, omitindo nomes, porém com críticas contundentes aos vereadores, por suas faltas contumazes,

linguagem imprópria, conchavos em eleições internas, desinteresse por assuntos vitais para a população, além do que achava verdadeiro absurdo, o pagamento de subsídios. Nos dias subseqüentes aos das sessões, continuava destilando suas opiniões em editoriais, que incomodavam os edis, levando-os freqüentemente à redação para refutarem ou esclarecerem fatos e opiniões. O clima de hostilidade chegou a tal ponto que se esboçou um movimento entre eles para declarar o jornalista *persona non grata*. Em 1957, uma seção chamada “Atrás das Cortinas”, criada e assinada pelo diretor do jornal, revelava os bastidores da Câmara, nada lisonjeiramente, atijando mais as dissensões. Igualmente, foi sempre um persistente e duro crítico das administrações municipais.

S. Ferraz foi o introdutor da reportagem fotográfica no *Diário de Piracicaba*. Ia às ruas de máquina em punho. Seu primeiro trabalho do gênero foi realizado por ocasião do desmoronamento do prédio da Livraria Brasil, situado em rua central da cidade, a Moraes Barros, em 27 de janeiro de 1951²⁰. A instalação de clichéria própria havia propiciado diminuição no tempo de a feitura dos clichês, permitindo a sua publicação na edição imediata.

Faltava, por vezes, agilidade ao matutino. Durante muitos anos, o que se passava nas sessões da Câmara Municipal, realizadas às segundas-feiras, só era publicado nas quartas-feiras. Por idêntica razão, poucas ocorrências policiais eram divulgadas. Só a partir dos anos 60, essas notas tornaram-se mais presentes, chegando, em alguns casos, a ganhar a primeira página, talvez por já, então, poder contar com fotos. Com elas difundiam-se também gírias, malícias e artimanhas de malandros, com a intenção, dizia o jornal, de prevenir a população contra golpes.

Um dos grandes furos jornalísticos do *Diário de Piracicaba*, nessa fase, foi a notícia do atentado sofrido pelo deputado Carlos Lacerda, por volta das três horas da madrugada do dia 5 de agosto de 1954, em época conturbada da vida política nacional. Captada de uma emissora de rádio carioca, ainda houve tempo para a inclusão de

20 Uma curiosidade: como era incomum o registro fotográfico, tentaram, de certa feita, impedi-lo de registrar um acidente envolvendo um carro e um trem.

uma pequena nota na primeira página, com a promessa de maiores detalhes na edição do dia seguinte.

Também o humor foi considerado por S. Ferraz, que iniciou em 4 de novembro de 1957, sob o pseudônimo de Cactus, com a ajuda anônima de José ABC, o conhecido jornalista José Acácio Bueno de Camargo, e do professor Benedicto de Andrade, competente professor de línguas neolatinas e brilhante articulista, uma divertida, interessante e cáustica coluna desse gênero, cuja apresentação gráfica era excelente. Publicada às quintas e domingos, sofreu breve interrupção no período de maior repressão durante o governo militar, mas foi uma das seções mais duradouras. Com verve e muita graça, em forma de piadas ou breves diálogos, criticava severamente a tudo e a todos. Seus alvos favoritos eram a polícia, os políticos, bem como as figuras mais conhecidas da sociedade. Denominada “Sem folhas e sem flores”, trazia a jocosa advertência: “Esta seção não pode ser vendida separadamente”. Do que o editorial do jornal não dava conta, o diretor resolvia com o gracejo. Essa coluna deu-lhe muita dor de cabeça e por causa dela foi ameaçado de morte várias vezes.

Na edição do dia 17 de março de 1959, surgiu outra coluna, que fez muito sucesso, mas que também trouxe muitas complicações para seu autor e para o periódico. Foi, indubitavelmente, a mais arrojada das iniciativas editoriais de Sebastião Ferraz. Intitulada “Café da Manhã” e assinada por Marco Aurélio,²¹ apareceu, pela primeira vez, na quarta e última página do jornal. Não garantia sua presença diária, mas afirmava que seria independente.

Esse tipo de coluna social estava em voga em alguns jornais das grandes capitais. No interior, com esse estilo, era inédita. Ao mesmo tempo em que incentivava a vida social, com promoções de primeiríssima qualidade, criava problemas e situações intrincadas frente a uma sociedade fortemente provinciana. Explorando a vaidade feminina, entrava na intimidade de muita gente pouco afeita a esse tipo de jornalismo. Falava de moda, citando as últimas tendências dos costureiros internacionais, bem como do que “desacontecía” nesse

21 Marco Aurélio era o pseudônimo de Mauro Pereira Vianna, advogado e economista, na época Inspetor-Chefe da Fazenda Estadual em Piracicaba, que viera transferido de Bauru.

escorregadio, diversificado e volúvel mundo do bem vestir. Usando expressões em inglês ou francês (*very chic, sex-appeal, society, remember, grand mond, glamour, deux pièces* e muitas outras), bem como vocábulos portugueses eruditos pouco usados (pacónio, psicastêmicos, cefalópode e outros), elogiava pessoas da sociedade, badalava autoridades, jogava confete em companheiros de trabalho, dava lições de bom-tom, destacava acontecimentos e homenageados. Referia-se a jantares e recepções (cujos cardápios divulgava), casamentos, aniversários, viagens. Transformou, por meio de suas referências constantes, um dos bares, o “Café Haiti”, em ponto elegante da cidade. Fazia segredos de fatos políticos, criando suspense e prometendo contá-los depois, quase como se fosse alguma fofoca. Promovendo anualmente a eleição das “dez mais elegantes”, das “três garotas encanto”, das “anfitriãs”, do “casal mais simpático”, dos “três *gentlemen*”, da “grande dama e grande cavalheiro” do ano, conseguia agitar e revolucionar os meios sociais da cidade, que estavam adormecidos. Anotava a toalete de damas e jovens e, ao divulgá-la, costumava sugerir as usuárias como candidatas a esses títulos. A escolha, feita por pessoas cujos nomes não seriam revelados (acabavam sendo publicados, dada a desconfiança de alguns de que o cronista já tivesse no bolso os vencedores), tinha o seu resultado guardado a sete chaves e só era revelado no luxuoso baile de consagração, abrilhantado por excelente orquestra, irradiado, filmado para TV e divulgado por outros jornalistas, convidados a comparecer, de revistas e jornais de grande circulação. No final dos bailes, circulava uma primorosa edição especial do *Diário de Piracicaba*, resultado de ingente esforço de seu pessoal de redação e oficina.

Para realimentar a boa imagem da coluna, buscava, junto a damas do *society*, opiniões elogiosas sobre a mesma e as publicava nos dias seguintes ao evento. Gostava de enxerrar o texto com pequenas entrevistas relâmpagos sobre futilidades. Eram estes os ingredientes mais comuns da coluna “Café da Manhã”, que inclusive soube estimular a emergente jovem guarda, à qual dava razoável espaço e atenção.

Alguns leitores eruditos e conservadores, zelosos do idioma pátrio, não apreciavam o emprego de certos vocábulos nessa revolucionária coluna. Era também criticada por outros que julgavam-na

plágio ou imitação de Ibrahim Sued²², cronista social da revista “O Cruzeiro”, de circulação nacional. O próprio cronista deixara escapar que realmente se inspirava em colegas de grandes periódicos, que não abandonaria esse estilo e que era impossível agradar todo mundo. Para ele, atacavam-no quem não era notado e não os que “aconteciam”.

Cactus, em sua apreciada seção, também costumava ironizar o cronista social, imitando o seu estilo com muito humor, ao transferir, por exemplo, para um jogo de futebol, algo bem popular, as expressões e cacoetes da seção sofisticada.

Para S. Ferraz, “Marco Aurélio foi um fenômeno” que mexeu com a cidade e, assim, contribuiu efetivamente para o crescimento da circulação do jornal. Aos poucos, o “Café da Manhã” passou a ocupar mais espaço no próprio jornal e a publicar fotos, aparecendo em várias delas o seu autor. O segredo da autoria, que o pseudônimo pretendia assegurar, tornou-se impossível de ser mantido numa cidade então com cento e vinte mil habitantes, sobretudo depois do uso de fotografias. Pessoas, inclusive empresários, que se sentiam atingidas pela coluna e outras que, tendo pretensões políticas, se viam preteridas pelo cronista, além de colegas no serviço público, um deles também jornalista, enciumados, acabaram por delatá-lo a autoridades da Secretaria da Fazenda Estadual, repartição onde trabalhava. Denunciavam o seu envolvimento com a sociedade piracicabana e com altos empresários, o que seria antiético e incompatível com suas funções fiscalizadoras. Diante da denúncia, Marco Aurélio viu-se obrigado, sob ameaça de transferência compulsória, que não lhe interessava, a interromper a publicação da coluna, em 21 de outubro de 1960.

Com o desaparecimento da coluna de Marco Aurélio, o jornal procurou, em março do ano seguinte, expandir uma seção já existente, denominada “Sociedade”, para que esta incorporasse também a crônica social. Ficou, porém, muito longe em qualidade e alcance, se comparada com a anterior. Outras colunas semelhantes, com nova denominação e mesmo gênero, fracassaram e foram efêmeras.

22 Ibrahim Sued mantinha uma coluna de crônica social na revista O Cruzeiro, de circulação nacional e, em São Paulo, havia na Folha da Manhã, a seção “Society”, de Tavares de Miranda, ambas muito apreciadas, além do jornalista Jamil Abrahão, em Campinas, que serviam de inspiração para Marco Aurélio.

Periodicamente, outras experiências, buscando ressuscitar no *Diário de Piracicaba* esse tipo de jornalismo, foram feitas, como “Caderno Social”, da colunista Shirley, e “Sociedade em Revista”, mas malograram também.

S. Ferraz, sempre dinâmico, nunca parou de inovar. Tinha extraordinária visão mercadológica e sabia que o jornal precisava estar presente em tudo que lhe fosse possível. Sobretudo a partir de 1963, o jornal patrocinou campeonatos de futebol amador, xadrez e outros esportes, e promoções artístico-culturais, como o Salão de Arte Infantil e Juvenil (onde crianças e jovens expunham pinturas, desenhos, aquarelas, gravações em madeira, moldagens, esculturas, poesias e trabalhos artísticos de inspiração regional), que chegou a receber 737 trabalhos. A excelente receptividade e extraordinária participação²³ foram fatores decisivos para a repetição desses eventos em anos posteriores.

O JORNAL E A POLÍTICA

Um fato inesperado foi a decisão do jornal de declarar abertamente o seu apoio, em 21 de agosto de 1959, ao Presidente da Cooperativa dos Plantadores de Cana, Domingos José Aldrovandi, um dos candidatos a Prefeito²⁴, que tinha o Comendador Humberto D’Abronzo, dono da Caninha Tatuzinho, como vice, em contraposição ao político Francisco Salgot Castillon, cujo companheiro de chapa era João Batista Vizioli. Sabe-se que, anteriormente, em outra eleição o *Diário de Piracicaba* havia influenciado o lançamento do nome de Luciano Guidotti, também para o Executivo, porém sem aparecer ostensivamente. A nova postura de compromisso público contrariava a posição de seu diretor, que queria um jornal apolítico. Como a candidatura de Aldrovandi, que havia sido indicado por Luciano Guidotti, então Prefeito, não vingou, acabou não havendo participação em campanha. Contudo, quando Lino Morganti, um dos proprietários

23 O III Salão de Arte Infanto-Juvenil, realizado em 1966, teve 16.000 trabalhos inscritos (25/06/66).

24 O apoio a Aldrovandi foi posição tirada pelos proprietários do jornal, um dos quais, Lino Morganti, haveria de ser candidato a deputado federal, com o apoio de Juscelino Kubitschek, dois anos depois.

do jornal, se candidatou a Deputado Federal em 1961, o matutino se engajou na campanha, registrando todos os movimentos do político, as doações que fazia, os lugares aos quais comparecia, as homenagens que recebia, seus discursos, de forma constante e destacada, com muitas fotos. Apesar dessas evidências, S. Ferraz declarou ao autor, em depoimento pessoal, que o *Diário* não deu apoio ao candidato, limitando-se a imprimir cédulas em papel fornecido pelo mesmo.²⁵

Durante os primeiros anos de governo ditatorial, iniciado com o golpe de 1964, o *Diário de Piracicaba* evitou confrontos, eximindo-se de tomar uma posição clara²⁶, colaborando, no entanto, na campanha do “ouro para o bem do Brasil”. Publicava matérias de interesse do governo militar, porém, editorialmente, deixou de abordar temas políticos. Concentrou-se nas questões locais, caindo sensivelmente, a partir desse ano, em conteúdo e combatividade. Mesmo a seção “Sem folhas e sem flores”, com sua fina ironia e humor crítico, desapareceu das páginas do matutino.

S. Ferraz aproveitou a fase para cumprir, sem alardes, a prometida etapa de ampliação e melhorias. Passou a circular normalmente com seis, às vezes com oito páginas. As edições especiais, quase sempre lançadas em datas cívicas, foram ideia e iniciativa da direção do jornal, preocupado em faturar cada vez mais. Aliás, com essa finalidade, profissionalizou o Departamento de Publicidade, contratando um especialista para a área.²⁷ Propagava o *slogan*: “Quem não anuncia, se esconde”.

Ele queria tornar a empresa jornalística que dirigia cada vez mais sólida. Sabia que só o conseguiria se ampliasse o número de anunciantes e assinantes. Buscou, então, tornar realidade um antigo sonho: tornar o jornal um órgão regional. Nesse sentido, já haviam sido feitas várias tentativas, em diferentes períodos. Ferraz também

25 Sebastião Ferraz era ademarista, contudo nunca fez campanha. Tornara-se amigo pessoal de Adhemar de Barros, de quem tinha toda a confiança, depois de um contato pessoal em Palácio, onde fora, como vendedor de máquinas gráficas, levar um contrato para ser assinado. Também foi grande amigo de Jânio Quadros. (Depoimento ao autor, em 09/05/95).

26 Essa posição de afastamento da política foi mudada radicalmente quando Cecílio Elias Netto assumiu a direção do jornal, em 1968.

27 Dirceu Lemaire de Moraes foi o primeiro publicitário contratado pelo *Diário de Piracicaba*.

quis tentar.²⁸ Assim, em 1964, revelou o desejo de aumentar a penetração do *Diário de Piracicaba* em cidades vizinhas, começando por Santa Bárbara D'Oeste. O plano não estava, evidentemente, divorciado de metas comerciais, porém idealizou fomentar, inicialmente, o estreitamento das relações culturais e de amizade entre as cidades e seus municípios, além de fortalecer campanhas reivindicatórias de interesse regional. Depois, usando a mesma metodologia, paulatinamente, atingiu Capivari, onde procurou trabalhar em estreita colaboração com a Rádio Cacique, a exemplo do que fizera em Santa Bárbara D'Oeste com a Rádio Brasil. Essa parceria com emissoras de rádio sempre foi buscada por S. Ferraz, que sabia usar dos meios disponíveis para promover e colocar em evidência a folha que dirigia. Mais tarde, a regionalização chegou a Charqueada, Águas de São Pedro, São Pedro e a outros municípios vizinhos.

O próprio jornal informava ter atingido número recorde de assinaturas, aumento considerável de venda avulsa, com o setor publicitário em plena expansão. Os números exatos não foram divulgados, aliás nunca o foram, como que para escondê-los da concorrência (06/01/1965). Interessante acrescentar que, apesar de contar com muita publicidade nesse período, pequenos anúncios nunca foram o forte do *Diário de Piracicaba*. Fez tentativas de manter, em alguns dias da semana, o “Indicador Profissional”, anunciando simplesmente o ramo, nome e endereço do anunciante, contudo com resultados insatisfatórios. Em 1964, nova investida na exploração dos pequenos anúncios, em “Negócios e Oportunidades”, foi feita, sem muito sucesso.

PERÍODO DIFÍCIL

Não se têm dados concretos sobre a situação financeira da empresa relativos a essa longa fase sob o comando de S. Ferraz,²⁹ pois

28 Anos depois, Cecílio Elias Neto, mais arrojado, chegou a alterar o nome do jornal para facilitar a consecução de objetivo semelhante.

29 Em depoimento ao autor, Sebastião Ferraz disse apenas que as finanças da empresa estavam equilibradas, quando assumiu sua direção (09/5/95).

não mais existe a documentação contábil do período. Não estando a sociedade limitada obrigada à publicação de balanços, esses números se perderam. Todavia, diversos editoriais, sobretudo de edições comemorativas de aniversário do jornal, referiam-se às dificuldades das empresas jornalísticas em geral, tidas como conseqüência de desastrosa política cambial do governo, que encarecia o preço do papel importado, bem como da escassez de mão de obra especializada, fatores que poderiam “condenar ao desaparecimento os jornais do interior”. Esses desabafos serviam, também, de justificativa para os aumentos dos preços das assinaturas e publicidade, anunciados geralmente no início de cada ano, o que dificulta ainda mais o entendimento das reais intenções dessas palavras.

Em 1964, houve um momento de grande susto, que trouxe sérias dificuldades à produção do jornal, porém rapidamente contornadas. No dia 6 de novembro, um imponente edifício de 15 andares em final de construção, — o Comurba —, que ficava muito próximo à sede do jornal, repentinamente, sem qualquer aviso, desmoronou. Toda a área contígua foi interditada, inclusive o prédio onde estavam a redação e oficinas do *Diário de Piracicaba*, impedindo a sua produção e circulação. Com tantas notícias relacionadas ao sinistro e de interesse da população a serem divulgadas, era um rude golpe, diante da concorrência, a sua paralisação. Depois de um dia sem sair a lume, graças à iniciativa de S. Ferraz, voltou a circular precariamente, na forma de tablóide, com clichês cedidos pela “Folha de São Paulo”, e por especial deferência do diretor da “Folha de Piracicaba”, que lhe franqueou as oficinas. No dia 9, outra vez não foi editado. Reapareceu, no dia seguinte, em menor formato e número de páginas, graças à colaboração dos órgãos co-irmãos, “Folha de Piracicaba” e “Tribuna de Piracicaba”, onde foi, respectivamente, composto e impresso, e de valiosa ajuda da Tipografia Aloisi. Foram somente quatro páginas, recheadas de publicidade. Depois de circular por mais um dia, interrompeu-se sua edição até que houvesse condições de fazê-la em suas próprias instalações, o que só se tornou possível no dia 15. Mesmo, assim, nesse intervalo, para não ficar no ostracismo, o *Diário de Piracicaba*, contando com a criatividade de seu dinâmico diretor, passou a divulgar boletins noticiosos, pelas ondas radiofônicas da PRD-6.

Aliás, S. Ferraz sempre conviveu bem com o rádio. Via nele, não um concorrente, mas um aliado, que podia ser mutuamente apoiado. Por várias vezes, comentou a falta de programas noticiosos nas emissoras locais. Nesse sentido, sempre que podia, procurava fazer algo em conjunto.³⁰ Havia o exemplo maior dos jornais e emissoras associados, de Chateaubriand, que era modelo e inspiração de muitos jornalistas daquela década, inclusive de S. Ferraz.³¹ Este fazia questão de anunciar, em seu jornal, a programação das emissoras de rádio da cidade, destacando-a quando havia algo de especial e dando especial ênfase à publicidade da transmissão de jornadas esportivas. Ele acreditava na existência de espaço para todos os diferentes meios de comunicação: imprensa, rádio e televisão. Recebia amistosamente novos órgãos de divulgação, razão de sua demonstração de simpatia quando do lançamento, em 22 de abril de 1962, do semanário “Tribuna de Piracicaba”, dirigida por Milton de Camargo. Tampouco via os jornais da capital como concorrentes; nem mesmo quando, a exemplo das folhas locais, esses periódicos passaram a ser entregues em domicílios, caso do “Diário de São Paulo”, cujo sistema adotou em fevereiro de 1960.

O ano de 1967 foi bastante festivo em Piracicaba, pois a cidade completava 200 anos de fundação. Havia um certo ufanismo em relação à cidade: a retransmissora de TV em UHF era a pioneira na América Latina, a estação rodoviária uma das maiores e melhor aparelhadas do interior, estava em terceiro lugar no estado quanto ao número de veículos *per-capita*, o XV de Novembro voltara à divisão principal do futebol paulista, enfim o município vivia franco progresso. A edição do *Diário de Piracicaba*, de 1º de janeiro, trouxe no alto e à direita da primeira página, ao lado do título do jornal, o logotipo do 2º centenário, como um selo, que foi mantido durante todo aque-

30 Outro fato significativo, que mostra esta harmonia, foi ter nascido na redação do *Diário de Piracicaba* a Associação Regional de Imprensa e Rádio, com sede na cidade. Fundada em 25 de julho de 1954, para congregar os trabalhadores nesse campo em um “sodalício de finalidades culturais e de defesa dos interesses do jornalismo escrito e falado interiorano”, teve a participação e liderança de Ferraz.

31 Sebastião Ferraz afirmou isto em depoimento ao autor, dado em 09/05/95.

le ano.³² O Prefeito Municipal era Luciano Guidotti, que ocupava o cargo pela segunda vez, um cidadão simples e inculto, porém comerciante bem sucedido. Na chefia do executivo revelara-se um homem adiante do seu tempo, verdadeiro tocador de obras. A cidade vivia uma fase excelente.

Parece que essa euforia contagiava também o *Diário de Piracicaba*. Notícias internacionais, nacionais, estaduais e locais disputavam espaço na primeira página. As manchetes eram garrafais e bem trabalhadas. Perfeccionista e exímio artista gráfico, S. Ferraz tinha prazer em alterar, de quando em vez, o visual do jornal, mudando o local do expediente ou do título³³, utilizando diferentes fontes e tamanhos de tipos, apelando para fotos, ilustrações, box, retículas, negrito, fundos vazados, vinhetas, enfim usava e abusava dos recursos à disposição.³⁴ Os títulos tinham caixa alta nas primeiras letras e caixa baixa nas demais, com chamadas sob eles, acompanhando o que fazia a grande imprensa. Poucas ainda eram as notícias políticas. Havia um senão: os longos artigos, muitas vezes começando na primeira página e tendo continuidade nas páginas internas.

Muitas idéias haviam sido implantadas e novas seções vinham sendo criadas. Em 1965, surgira a interessante e útil coluna do professor Frederico Alberto Blaaw, com um nome incomum — “Canhenho de Português” — para expor questões do vernáculo. Uma página inteira era dedicada a divertimentos (jogo dos erros, palavras cruzadas, curiosidades, humorismo etc.) “Mini-Notas”, de Maurício Cardoso, seção que fez sucesso durante muitos anos, começou a ser estampada no jornal a partir de fevereiro de 1967. Em 7 de abril de 1967, Sílvia Franco introduziu o teatro nas páginas do matutino.³⁵ No mesmo

32 No dia do aniversário da cidade, que completava 200 anos, o *Diário de Piracicaba* circulou com edição especial de 9 cadernos totalizando 80 páginas, algo inédito na cidade. A tiragem, dobrada, esgotou-se.

33 Na década de sessenta, com o fito de prestar serviços, o *Diário de Piracicaba* publicou, ao lado do título do jornal, informações meteorológicas, que lhe eram fornecidas pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, algo pouco comum em jornais naquela época.

34 Em 1967, visando à modernização da apresentação, abandonou o uso de fios, seguindo tendência dos grandes periódicos.

35 S. Ferraz era amante do teatro e ator amador, tendo participado de várias peças de sucesso.

ano, o horóscopo começou a ser publicado (21/05/67). Outras novas seções: Previdência, Política e Políticos, Sociedade em Revista, Turismo, Serviço de Utilidade Pública, Diário nos Sindicatos. E antes do final do ano, em 10 de outubro de 1967, a grande novidade: lançamento da primeira de uma série de novelas em quadrinhos, no rodapé da terceira página, intitulada “Almas em Conflito”, de autoria de Paulo Hamasaki. O *Diário de Piracicaba* vivia um excelente momento, aparentemente consolidado como jornal e como empresa.

DIVERGÊNCIAS COM O PREFEITO

Contudo, nem tudo foram flores. Exatamente no início de 1967, ano histórico e comemorativo do bicentenário de Piracicaba, S. Ferraz entrou em rota de colisão com o Prefeito Municipal, Comendador Luciano Guidotti, ao passar a criticá-lo com freqüência. O Chefe do Executivo, pessoa de poucas letras, governava o município pela segunda vez. Fizera excelente administração, impulsionando a cidade e dorando-a de inúmeras obras arrojadas e necessárias. Releito, vinha fazendo bom trabalho, porém não era evidentemente um técnico em administração. O jornalista passou a combatê-lo por seu empirismo, por “não querer se atualizar, racionalizar os métodos de administração, e por ignorar o progresso...” Achava-o “dono” do município, alguém que não trabalhava em equipe, pois não pusera a funcionar secretarias e assessorias. Do ponto de vista do jornal, o município não poderia “ser bem dirigido por uma única pessoa, por mais competente que seja” (17/2/67).

Qualquer coisa era pretexto para críticas: a limpeza pública ou os “buraquinhos” nas vias carroçáveis, que já tinham feito vítimas (22/2/67). Estes, contestava o “Diário Oficial do Município”, eram de responsabilidade da CPFL e não da Prefeitura. Bastou o jornal oficial fazer a defesa da Municipalidade, para se tornar ele próprio também alvo das bordoadas do *Diário de Piracicaba*, por pretender “contestar fatos incontestáveis”, temendo que viesse, com a falta de discernimento de sua direção, a publicar horóscopo, receitas, consultório sentimental e que tais (26/2/67). Parecia ter adivinhado, pois,

realmente, em 31 de maio de 1967, José ABC, redator do *Diário de Piracicaba*, criticava o “Diário Oficial” por estampar matérias que não lhe eram próprias, como a “Carta de um suicida”, os versinhos irônicos intitulados “Os três barbeiros” e o clichê do cantor Roberto Carlos. Esse mesmo jornalista descobriu que o jornal oficial e sua gráfica estavam funcionando irregularmente, pois não haviam sido criados os cargos necessários. A polêmica com o “Diário Oficial”, órgão que ao ver do *Diário de Piracicaba* envergonhava a cidade, rendeu bastante. Não faltaram nem mesmo as indefectíveis gozações do Cactus.

Como conseqüência, S. Ferraz, que era o Presidente do Departamento de Cultura do município, se demitiu, o mesmo fazendo outro jornalista do *Diário de Piracicaba*, Maurício Cardoso, que deixou a Comissão Central de Esportes, ambos em junho. O diretor do jornal, declarou, na ocasião, que não queria a submissão como paga de trabalho feito graciosamente. Deixou o cargo e continuou fustigando o Prefeito — que havia se tornado hostil a toda a imprensa cidadina — com seus editoriais e as piadas do Cactus. Mexia com a falta de instrução e cultura de Luciano Guidotti, além de dar destaque às críticas, feitas por vereadores, contra o Prefeito. Também o Dr. Jacob Diehl Netto, advogado militante e primeiro diretor do jornal, no dia 11 de junho de 1967, em seção livre, escreveu violento artigo, o primeiro de uma longa série, contra o Prefeito Guidotti, com o qual estava incompatibilizado, chamando-o de “perseguidor, mentiroso, mau pagador, Prefeito de Condor”. O Prefeito, de gênio impulsivo, não gostando das atividades do causídico, acabou por agredi-lo “estúpida e violentamente”, no dizer do *Diário de Piracicaba*, em plena via central da cidade, diante de testemunhas. O fato teve grande repercussão, não só pela compleição franzina e os 78 anos de idade do agredido, mas sobretudo por se tratar do presidente da subseção da Ordem dos Advogados do Brasil em Piracicaba (28/11/1967).

A crise política foi se tornando cada vez mais séria, justamente no ano do 2º centenário da cidade. A oposição ao Chefe do Executivo municipal cresceu. Havia outros motivos, mas um dos mais fortes era a sua divergência com os jornais, conforme escreveu o jornalista Cecílio Elias Netto: “*Uma dessas razões foi a incompatibilidade que*

Luciano Guidotti passou a ter com a imprensa local. Desde que o “Diário” e o “Jornal” — por decisão de Sebastião Ferraz e de Losso Netto — passaram a apoiar Salgot Castillon, Luciano Guidotti perdeu espaço na imprensa. E havia motivos pelos quais aqueles dois jornais, por seus diretores-responsáveis, se justificavam: o primeiro deles era o fato de Luciano Guidotti ter sido um dos fundadores da “Folha de Piracicaba”, acontecimento que Ferraz e Losso não perdoavam; outro era a prepotência e autoritarismo naturais de Luciano, um homem que se impunha a toda e qualquer organização constituída. Finalmente, a imprensa piracicabana se voltou definitivamente contra Luciano Guidotti quando, em 1966, ele decidiu criar a “Imprensa Oficial do Município”. A própria “Folha de Piracicaba”, também crítica a Luciano, ficou contra ele. Pois Luciano Guidotti, ao criar a “Imprensa Oficial”, em dezembro de 1966, fê-lo no sentido de sua própria promoção pessoal, com reportagens e artigos que diziam de suas obras e realizações, contrariando o ordenamento de que, sendo oficial, a imprensa do município deveria ater-se à divulgação de atos apenas oficiais”.³⁶

A VENDA DO JORNAL

Ainda nesse ano de 1967 o jornal foi vendido. Sebastião Ferraz continuou vinculado a ele, como sócio, porém, mesmo figurando como diretor, foi deixando essa função para um dos novos proprietários, o jovem jornalista Cecílio Elias Netto. Entrava em declínio o “reinado” de S. Ferraz, que consolidara a empresa e o jornal. Viera do ramo gráfico, mas inteligente e arguto, com bom jogo de cintura, procurara, como autodidata, aprender os segredos da redação e de uma boa administração. Visitara de 50 a 60 jornais do interior, como forma de aprendizagem. Era metuculoso e detalhista. Revisava tudo, por

36 ELIAS NETTO, Cecílio. *Piracicaba Política: a história que eu sei* (1942-1992). Piracicaba: Prefeitura Municipal / Ação Cultural, 1992, p.144.

isso os erros eram pouquíssimos. Fazia questão de conhecer minúcias da vida empresarial, como também de estar presente no “fechamento” do jornal por volta de duas horas da manhã. Envolvia-se com o *marketing*. Criava textos para eventuais anunciantes. Estava sempre atento para adotar medidas que redundassem em aumento da tiragem. Sabia que isto era fundamental para o trabalho do Departamento Comercial, pois eram assinantes e, principalmente, anunciantes, os sustentáculos da saúde financeira do órgão. Não descuidou da modernização, comprando novos e avançados equipamentos. Mas é preciso falar de alguém, que completava Sebastião Ferraz: dona Natalina de Oliveira Ferraz, sua primeira esposa, pessoa adorada por todos e que se dedicava de corpo e alma à administração do *Diário de Piracicaba*, tornando-se verdadeiro esteio de toda a organização.

Ao completar 25 anos de jornalismo, em 1960, o jornal assim viu o seu diretor: “*Sebastião Ferraz não se limita às funções clássicas do jornalista, pois está sempre na vanguarda dos movimentos cívicos, culturais e filantrópicos de Piracicaba¹, não como profissional de imprensa, tão somente, mas como homem dinâmico e idealista que é. Voluntarioso, faz de suas idéias armas de combate; seu escudo é a sua integridade e sua armadura é a honestidade de propósitos que põe a serviço do bem comum*” (07/10/1960).

Joaquim Do Marco, professor e articulista do *Diário de Piracicaba*, completava: “*Sebastião Ferraz é dono de uma inteligência e sensibilidade prodigiosas, que lhe permitiram, como autodidata, sem nenhum diploma de curso médio ou superior, tornar-se um emérito jornalista, de estilo correto, nervoso e ágil, bem como um vibrante poeta moderno...*” (8/10/60).

Deixou o jornal em 1969, por razões de ordem estritamente pessoal e familiar, vendendo sua parte a Cecílio Elias Netto, para recebê-la em parcelas mensais, contrariando o desejo deste último que o queria na empresa cuidando da área administrativa.

¹ Sebastião Ferraz era, na ocasião, presidente do Departamento Municipal de Cultura e do Lions Clube (07/10/60).

A contribuição dada por S. Ferraz para o crescimento, modernização e qualificação da imprensa piracicabana foi valiosa e inestimável, fazendo com que esta vivesse, nos anos em que esteve na direção do *Diário de Piracicaba*, período áureo. Piracicaba lhe deve, não só o trabalho que realizou como jornalista, mas também os excelentes serviços que prestou como cidadão interessado no desenvolvimento do município e na solução de seus problemas. Este artigo, inserido na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, conta em rápidas pinceladas e, certamente, com falhas e incompletudes, a trajetória do jornalista Sebastião Ferraz, como diretor do *Diário de Piracicaba*, para que não se perca a memória desses fatos relevantes, ao mesmo tempo em que lhe presta uma justa e merecida homenagem póstuma.

O Primeiro diretor brasileiro do Piracicabano: O metodista e socialista Irineu Guimarães

Arsênio Firmino de Novaes Netto¹

Resumo

Nas duas últimas décadas da Velha República e nas primeiras décadas da República Nova (Populista) viveu no Instituto Granbery, em Juiz de Fora, como membro da Igreja Metodista, Irineu Guimarães, comunista militante e membro do Partido. No Granbery foi aluno, professor e reitor e no Piracicabano, diretor. Por onde passou exerceu enorme influência. O compromisso das escolas confessionais e das universidades, inclusive as públicas, com a elite se desenvolveu num crescente desde a sua origem no Brasil. Irineu Guimarães, entretanto, defendia a aproximação da educação aos segmentos empobrecidos da população, contrário que era à exclusão do pobre ação típica de um mundo, no qual o individualismo se tornara regra dominante. Suas idéias socialistas cristãs causaram grande agitação nos meios metodista, educacional e político, tanto em Juiz de Fora quanto em Piracicaba, que culminaram com sua prisão, nessa cidade mineira, seu

¹ Professor no Mestrado Profissional em Administração, Faculdade de Gestão e Negócios - FGN, da Unimep e membro do IHPG.

afastamento da reitoria do Instituto Granbery e, posteriormente, sua demissão do quadro de docentes.

Palavras-chave: Educação Confessional; O Piracicabano; Socialismo cristão.

Introdução

Este trabalho consiste na demonstração sucinta da proposta de Irineu Guimarães, o primeiro brasileiro diretor do Colégio Piracicabano e reitor do Instituto Granbery, de confrontar o discurso e as práticas liberais da educação protestante, principalmente a metodista, implementadas no país a partir do século XIX.

A proposta liberal foi transplantada dos Estados Unidos para o Brasil por missionários, que criaram igrejas e instituições de ensino à luz desse viés ideológico, aproveitando a grande admiração, que os republicanos nutriam pelo modelo norte-americano. O clima era de entusiasmo, pois a educação escolar era percebida como força propulsora do progresso da sociedade brasileira, um país em transformação.

Irineu Guimarães nasceu em Guarará, um vilarejo nas imediações de Juiz de Fora, pólo regional da Zona da Mata Mineira, aos 7 de abril de 1900, o último ano do século XIX. De origem pobre, começou cedo a lutar pela vida: “Depois de ter sido, sem resultado, aprendiz de barbeiro e de alfaiate, abracei, menino ainda, a profissão de meu pai: tintureiro” e caixeiro dos 13 aos 15 anos, em S. João Nepomuceno e Palmyra (Santos Dumont), onde aprendera as primeiras letras². Sua vida, entretanto, estava para mudar, pois “tinha posto na cabeça outro sonho: estudar”. Seu “sonho dourado”, entretanto, era ser chefe de trem³: Em 1916, a convite do “tio Heitor”, Mene-

2 Vocação Adormecida: matéria autobiográfica de Irineu Guimarães, sem data e sem identificação do jornal.

3 Irineu acompanhava seu pai nas “ligeiras viagens pelas cidades e estações vizinhas, e levava-me freqüentemente consigo nessas excursões”. Daí a sua “vocaçào”. Dados extraídos da matéria Vocação Adormecida.

gale, que na época trabalhava na administração do Granbery⁴, Irineu Guimarães se matriculou neste Colégio. Aos 24 anos casou-se com Selva Maria com quem teve seis filhos. O “culto doméstico”, atividade recomendada pela Igreja Metodista, era levado a sério pela família, que não abria mão dessa prática. As eventuais visitas também participavam do devocional⁵. “Todas as noites, quando nos reuníamos para jantar, meu pai ou um dos irmãos mais velhos lia “O Cenáculo”, uma publicação da Igreja Metodista, uma espécie de meditação diária, sempre terminando com uma oração. Essa tradição era mantida mesmo quando tínhamos hóspedes comunistas, como Luiz Carlos Prestes⁶”.

Membro ativo das Igrejas Metodistas Centrais de Juiz de Fora, Belo Horizonte e Piracicaba, ele entendia que o socialismo tinha sua origem no cristianismo, mas no cristianismo prático, como costumava dizer:

De que vale a religião formalista, vazia e hipócrita dos espiritualistas teóricos, se na vida prática são materialistas – grosseiramente materialistas? Julga a Igreja que Deus aceita essa religião de domingo, de homens que de segunda a sábado exploram os seus operários nas suas fábricas, os seus trabalhadores nas suas fazendas, os seus fregueses no seu comércio?⁷”

É nesse contexto que este trabalho busca atender à necessidade de inserir Irineu Guimarães em uma estrutura mais específica – de uma proposta socialista na educação, fato inédito nas instituições confessionais protestantes e católicas, na época, em Juiz de Fora, e em Piracicaba, e de uma estrutura mais ampla, a do próprio pensamento socialista brasileiro no período estudado.

4 Heitor Mengale era casado com “a tia Sinhá,” Maria Amália Guimarães, irmã de João Velho, pai de Irineu. Depoimento de Vera Guimarães Nepomuceno, ao autor, manuscrito de oito laudas, em 5/jun./2001.

5 Irineu Guimarães voltaria a receber Prestes em sua casa, em Juiz de Fora, além de encontrar-se com o líder da épica Coluna Prestes, em outras oportunidades.

6 Depoimento de Heloísa G. Monteiro ao autor, em 29/abr./2001.

7 Correio de Minas, 14/jun./1945. A citação seguinte diz respeito ao mesmo texto.

A Ousadia de Irineu Guimarães

Em 1934 Irineu Guimarães deixou o Granbery, por não resistir às pressões, e se mudou com sua família para Belo Horizonte. Na capital mineira deu aulas no Izabela Hendriz, colégio fundado também por Martha Watts (1904). Neste mesmo ano escreveu densa matéria, publicada na primeira página de um dos jornais de Juiz de Fora, sobre o seu grande ideal político: “politizado pela Revolução de 1930 (só tão tarde, mas ainda em tempo), caí-me de amores pelo Brasil, e me tornei também professor de patriotismo. Comecei a sonhar com o ‘Brasil dos meus sonhos’”⁸.

Guimarães participou da Revolução de Outubro, tendo depois se filiado ao Clube “Três de Outubro”, principal grupo organizatório do tenentismo (dissolvido em abril de 1935), acusado, segundo Fausto, “de inspirar-se na esquerda e na direita”:

equiparado a um “deserto de homens e de idéias” e voltando-se para o Kremlin dos soviets ou para as legiões das camisas-pretas, que terá o direito de outorgar, quando muito bem lhe apraza, uma Constituição – vergalho a um povo de escravos. As forças vivas da nacionalidade levantar-se-ão, estamos convictos, contra esse diminuto. Não será o diminuto “Clube 3 de Outubro”, dando de ombros para o Brasil, resíduo de agentes patológicos da política, exercendo a sua alta missão conservadora, que pode ser comparada a uma verdadeira fagocitose e cívica do organismo social⁹.

Irineu também participou do Congresso Revolucionário de 1932, reunido no Rio de Janeiro¹⁰. No episódio, manteve-se “fiel aos ideais que então se desfaldaram”:

8 Discurso de Irineu Guimarães, em 04/set./1984, por ocasião da inauguração do busto em sua homenagem pela Associação dos Granberyenses, p. 6.

9 FAUSTO, 2002, p. 92.

10 Currículo Vitae de Irineu Guimarães. Guarará, 14/jul./1971.

Como pouco depois, se deterioraram os ideais revolucionários de 30, fundou-se o Club 3 de Outubro, e ingressei nas suas fileiras quando, como representante do Núcleo Municipal de Juiz de Fora, participei ao lado de João Alberto, Juarez Távora, Protógenes Guimarães, Pedro Ernesto e outros, da fundação do Partido Socialista Brasileiro.

Que não vingou.

Dos que o fundaram, alguns, depois, “retificaram” as suas convicções políticas; outros se desencantaram; outros, ainda, simplesmente aderiram ao “carreirismo político da ocasião”. Eu me gabo de ter permanecido fiel aos ideais que então se desfraldaram¹¹.

Entre os políticos, a preocupação contra o marxismo, contribuiu para o esvaziamento dos “tenentes”. Fausto nos apresenta os detalhes:

A polícia do PRP, em São Paulo, coligira extensa documentação de que João Alberto, Siqueira Campos, Miguel Costa, Luís Carlos Prestes e outros estavam de pleno acordo na implantação do bolchevismo no Brasil. A Virgílio de Melo Franco e Pedro Ernesto, quando ia adiantada a conspiração, Artur Bernardes chamava a atenção dos boaros sobre as tendências comunistas de Prestes e seus companheiros. Essas dúvidas se dissiparam, mais tarde, em alguns setores, com a definição marxista de Luiz Carlos Prestes¹².

Para Irineu, a Revolução não provocou a transformação radical desejada da estrutura política, econômica e social. Uma classe não substituiu a outra. Nada foi além de um rearranjo da classe dominante, que se manteve no poder.

Diante desse fato, ele tratou de defender a tese de que era preciso uma nova revolução que traria como resultado a fundação da

11 Último discurso de Irineu Guimarães, proferido em 04/09/1984, p.7, quando da inauguração de seu busto no Granbery, por iniciativa da Associação dos Granberyenses.

12 FAUSTO, 2002, p. 112.

“República Socialista do Brasil”¹³. Seria a “primeira fase” da sociedade, que deveria suceder imediatamente a capitalista.

Muito embora “a reconhecida heterogeneidade dos elementos que chefiaram a revolução de 30”, Irineu acreditava nos resultados positivos do “movimento armado” que acabou por depor o presidente Washington Luiz e elevou Getúlio Vargas à chefia do governo brasileiro, no dia 3 de novembro de 1930. Segundo Irineu, a “depuração necessária dos pseudo-revolucionários” seria endossada pelo povo logo após a vitória de 24 de outubro.

Para ele, lamentavelmente, a manutenção de certos personagens acabaria por manter o *status quo*. Com efeito, “a entrega da liderança da Constituinte a Medeiros Nero¹⁴ e a eleição de Pacheco de Oliveira para a vice-presidência dessa assembléia, “foram os dois últimos sinais, para quem ainda tivesse dúvidas de que voltamos, infelizmente, ao passado”.

Assim, frustrada a esperança da prometida renovação “dos nossos costumes políticos e administrativos”, Irineu só vislumbrava uma entre duas possibilidades: a substituição imediata de Vargas, “para que se salve ainda a mesma Revolução de Outubro, ou dar-se ao tempo, deixando ao movimento de 30 o papel secundário de preparador da Grande Revolução que afinal realizará os anseios do pacientíssimo povo brasileiro”.

O ideal seria a “salvação” da revolução ou ainda a sua “substituição”. Getulista que era, inicialmente fora contra porque “visava depor o Sr. Getúlio Vargas para reimplantar a República Velha”, mas Vargas acabou sendo vencido por São Paulo “se não pelas armas, politicamente”. Assim, o melhor mesmo seria pensar na próxima revolução, muito embora não existisse sinal algum “de uma reação dos

13 – O artigo, “Pela República Socialista do Brasil”, de autoria de Irineu Guimarães, publicado na primeira página do domingo, dia 8/jul./1934, no *Correio de Minas*, Juiz de Fora. Ano XI, Nº 12.394, fundamentam o texto. Assim, todas as citações dizem respeito à referida matéria.

14 – Influenciado por Vargas, Antônio Garcia de Medeiros Neto, constituinte de 34, representante da Bahia, propôs à Assembléia a reforma de seu regimento interno para que se elegeisse o presidente da República antes da elaboração e votação do texto constitucional, o que gerou séria crise política.

elementos verdadeiramente revolucionários, capazes de fazer retornar ao seu leito a caudal de 30”.

A tão desejada “nova” revolução, entretanto, deveria ser precedida de preparativos dignos “dos grandes movimentos”. Os oportunistas ou, como Irineu costumava dizer, “os reacionários de conversão duvidosa”, não deveriam ser envolvidos no processo, pelo risco de se transformarem em agentes “perigosamente inúteis”. Por não defender a luta armada, Irineu entendia que essa revolução não teria como modelo a Revolução Constitucionalista de 1932, que opôs os paulistas ao governo de Vargas, mas algo tão grande “que se fará sem sangue, sob pressão apenas da vontade popular”. Não obstante, essa revolução estrutural faria com que os “velhos magnatas” da República Velha não esboçassem a menor reação. Para tanto, se gastaria muito tempo “para que todo mundo saiba por que se terá feito, pois essa revolução fundará a República Socialista do Brasil”.

No texto de Irineu, o preconceito criado contra o socialismo foi a causa da demora preconizada. Por isso, era preciso esclarecer a opinião pública, informar quais os ideais do socialismo, em uma sociedade fruto da “democracia liberal: regime em que os ricos engolem vivos os pobres”.

Tem-se que dizer que o socialismo é um regime de governo no qual o interesse coletivo está sempre acima do interesse individual. Por ele se dá ao indivíduo toda a liberdade de pensamento e de ação - contanto que o indivíduo, no gozo de sua liberdade, não sacrifique a coletividade¹⁵.

Em sua tese, Irineu afirma que o socialismo preconiza “a justa divisão dos lucros entre o patrão e o empregado”. E se houver negativa do empresário em dividir “razoavelmente” os lucros com os operários? Ele não deixa por menos: “O Estado toma o seu lugar, para ensinar-lhe como se deve tratar o trabalhador” e promoverá a justiça social. Assim, em sua utopia socialista, Irineu afirma não haver mais espaço para as desigualdades sociais. Neste caso, estaria implementado o fe-

15 BOTTOMORE, 1988, p. 343.

nômeno da socialização no qual a propriedade privada dos meios de produção é transformada em propriedade social¹⁶.

Por outro lado, Irineu fazia questão de declarar que o socialismo “não é materialista, não preconiza, necessariamente, a extinção da propriedade privada. Nem da família. Nem de cousa alguma que não seja o domínio do homem pelo homem”.

No socialismo ainda há classes, divisão do trabalho por profissões, elementos de uma economia de mercado e de direito burguês, que se manifestam no princípio da distribuição dos bens de acordo com a quantidade de trabalho proporcionado por cada um à sociedade¹⁷.

Segundo Rosa Luxemburgo, o socialismo consiste “na abolição total de toda diferença entre ricos e pobres, obrigando todos igualmente a trabalhar de acordo com sua capacidade para suprimir a exploração do homem pelo homem”. Esse posicionamento é compulsório, não cabendo qualquer “generosidade” feita pelos ricos aos pobres¹⁸.

A ideia de uma revolução sem derramamento de sangue, na hipótese da implementação da República Socialista do Brasil, o fato aconteceria sem que “se arrancasse um fio de cabelo de qualquer capitalista” e sem grandes mudanças na “forma” dos governos, contanto que:

- 1) todos os comerciantes e industriais pagassem aos seus empregados ordenados que representassem divisão razoável com eles dos seus lucros;
- 2) que se fizesse a cobrança de impostos de modo que os ricos pagassem não menos, nem tanto, nem na mesma proporção que pagam os pobres, mas conforme as suas possibilidades, de modo que o Estado tivesse meios de manter escolas para todas as crianças, asilos para todos os desamparados, hospitais para todos os doentes;

16 BOTTOMORIE, 1988, p. 342.

17 BOTTOMORIE, 1988, p. 389.

18 LUXEMBURGO, 1980, p. 54.

3) o interesse colerivo ficasse sempre acima do interesse individual.¹⁹

Nesse novo ambiente, “o padre poderia dizer a sua missa e o pastor protestante, fazer o seu sermão; o jornalista escrever o seu artigo e o professor ensinar no que acreditasse; o negociante vender o seu arroz e o industrial fabricar o seu tecido...” Tudo o mais seguiria o seu curso normal,

menos na infelicidade que lacrimeja nos olhos dos pobres e dos oprimidos.

O jeca tomaria vermífugo, o operário iria ao seu cinema.

E o Brasil seria outro: seria a República Socialista Brasileira! A revolução de outubro falhou nos seus fins imediatos. Vamos cuidar de outra?

Essa abordagem de Irineu é considerada por Marx e Engels como “socialismo conservador burguês”, isto porque, “os burgueses socialistas querem as condições de vida da sociedade moderna sem as lutas e os perigos que delas necessariamente decorrem”.²⁰

Adam Przeworski, ao abordar o tema “Participação eleitoral e organização de classe”, entende que “a luta pelo socialismo resulta inevitavelmente no aburguesamento do movimento socialista”, pelas atividades burocráticas envolvidas.²¹

Para Marx, toda revolução destrói a antiga sociedade; na medida em que é social. Toda revolução abate o antigo poder; na medida em que é política (...) A revolução em geral – a subversão do poder existente e a dissolução das antigas condições – é um ato político.²²

No ano seguinte da publicação “Pela República Socialista de Brasil”, mais precisamente no início de novembro de 1935, Luiz Car-

19 Compare com As Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista: “... reconheçam qu dentro de uma perspectiva cristã, útil é aquilo que tem valor social”. Vida e Missão, 1982 39.

20 MARX & ENGELS, 2001, p. 75.

21 PRZEWORSKI, A. 1989, p. 27.

22 MARX, K. 1946, p. 219.

los Prestes promoveu uma insurreição com vistas à formação de um governo nacional revolucionário, que teria como objetivo a preparação da etapa seguinte: a implementação de um regime socialista no Brasil²³. A reação de Vargas foi enérgica e culminou com a decretação do estado de sítio em todo território nacional. O movimento de Prestes acabou sendo completamente desarticulado. “As muitas baixas não apenas nos levantes, mas em inúmeros incidentes ocorridos em todo o país, levou a uma forte comoção nacional”.

O desfecho da pseudo revolução deixou Irineu frustrado. Bem mais tarde, no final da vida, ele vai dizer: “Desencantei-me, sem que pregue o desencanto, daquele patriotismo ardente dos meus tempos de revolucionário de 30. Moço, com a vida pela frente, cheguei a esperar que Deus não me levasse sem que visse primeiro, o Brasil dos meus sonhos como o desejava ver”²⁴.

A Mudança para Piracicaba

No último trimestre de 1934, César Dacorso Filho, na época o único bispo da Igreja Metodista, começou a articular a transferência de Irineu Guimarães para Piracicaba, como parte de sua estratégia de “nacionalizar” a direção das instituições metodistas de educação, a partir do Piracicabano.

Por ter sido fundado sob os auspícios da *Women's Council*, até o início da década de 30, o Piracicabano era conhecido como uma escola de moças, quando, a partir de 1934 passou também a oferecer vagas para rapazes, inclusive no internato criado pelo seu diretor, Clyde Lloyd Cooper, o último missionário norte-americano a dirigir o Colégio²⁵.

César, conhecido no meio metodista pelo ser perfil autoritário, era contrário ao “domínio” exercido pela Junta de Missões e, por via de consequência, à continuidade de missionários “à testa de uma

23 BRANDI, P. 1983, p. 97-99. A citação seguinte diz respeito ao mesmo texto.

24 Último discurso de Irineu Guimarães, 04/set./1984, p. 9.

25 De 1881 até 1932, de *Miss* Martha Watts até *Miss* Mary Jane Baxter, o Colégio Piracicabano sempre foi dirigido por mulheres. Os homens assumiram o poder de 1932 a 1934 (Clyde Lloyd Cooper).

das nossas grandes instituições de ensino”, por entender que “temos gente para organizar e administrar com vantagem sobre os missionários”. Ademais, César descobrira que o Piracicabano ainda estava “sob a direção exclusiva do *Women Council*”. Assim, todos os “arranjos” sobre ordenado, residência e alimentação eram de competência de *Miss Hyde*. Feita a descoberta “agora” (nos últimos meses de 1934), César começou a planejar, para breve, o afastamento da hegemonia missionária norte-americana na direção das escolas metodistas, ao estabelecer um Conselho Superior “para cada colégio”²⁶. Foi assim que o bispo iniciou seu plano ao trabalhar a indicação de Irineu Guimarães, para assumir a direção do Piracicabano.

Com efeito, nos últimos meses de 1934 Irineu foi procurado pelo bispo e por *Miss Eva Louise Hyde*²⁷. A solução doméstica não seria possível, pois César havia sido informado de que o granberyense, Josapaht de Araújo Lopes, professor da Casa, ainda não estava preparado para essa função²⁸. Assim, após terem trocado correspondência, enviaram cartas a Irineu:

Eis o trecho mais significativo da carta do bispo a Irineu, que desejava entregar a direção do Colégio a um brasileiro.

Falando com *Miss Hyde* concluímos que v. deve aceitar o oferecimento do Piracicabano. O Colégio tem uma subvenção de mil dólares, mas tem uma dívida de vinte contos. V. aceitando o oferecimento, deverá tirar do próprio Colégio seu ordenado. Sei que o Piracicabano tem possibilidades imensas. De minha parte eu gostaria de ver v. à tesra de uma das nossas grandes instituições de ensino, mostrando que também temos gente para organizar e administrar com vantagem sobre os missionários ...

Como o Piracicabano ainda está sob a direção exclusiva do “*Women’s Council*”, toda a questão de ordenado, residên-

26 Carta de César Dacorso Filho, em 25/out./1934, a Irineu Guimarães, convidando-o a dirigir o Colégio. De fato, a partir de 1935 “foi organizado o Conselho Superior do Colégio Piracicabano,” e a respectiva “diretoria”. As citações seguintes dizem respeito à mesma carta.

27 Reitora do Colégio Bennett e representante, no Brasil, do “*Women’s Council*”.

28 Josapaht foi diretor do Colégio Piracicabano de 1945 a 1951.

cia, comida, etc., se devem tratar com Miss Hyde. Fiz essa descoberta agora e espero corrigir tal anomalia no próximo Concílio Regional, estabelecendo diretoria para cada colégio.

a) César Dacorso Filho, em 25/10/34.

Dacorso, pessoa de grande visão, não se enganara quanto às “possibilidades imensas” do Piracicabano. Basta ver o que representa para a educação brasileira a Universidade Metodista de Piracicaba, a primeira universidade metodista da América Latina.

Irineu respondeu afirmativamente por carta ao bispo César que a remeteu a *Miss Hyde*. Esta se surpreendeu com a rapidez da decisão episcopal, pois imaginava que os missionários ainda continuariam a dirigir o Colégio por algum tempo, mas acabou concordando com a contratação de um brasileiro. Assim, enviou a seguinte correspondência a Irineu, na expectativa de que, acertados os últimos detalhes, este assumisse já no início de 1935²⁹.

Acabo de receber carta do bispo César incluindo sua resposta à proposta de direção do Piracicabano. Visto que estamos ainda no período de mudança e não foi criada uma Junta Administrativa [Conselho Superior] para esse Colégio, parece que a questão de sua direção para o ano que vem só poderá ser decidida pelas autoridades do Concílio de Senhoras lá nos Estados Unidos. Até quase o dia de embarque de Miss Mackinnon pensamos que haveria um missionário para diretor, de modo que não conversamos sobre os arranjos necessários em caso de ter um diretor brasileiro.

Estou muito satisfeita em saber que há possibilidade de termos um educador e administrador de sua capacidade e experiência à resta do trabalho lá e pretendo escrever pelo próximo correio aéreo para Nashville pedindo que nos mandem as condições para este arranjo (...) Já escrevi a Miss Baxter sobre a possibilidade de sua família residir no internato.

29 Correspondência datada de 05/nov./1934.

Espero que, todas as condições sendo satisfatórias, o Sr. possa assumir a direção logo depois do encerramento das aulas, em dezembro.

A viagem de trem, “para dirigir um colégio em Piracicaba, um lindo colégio de que até hoje guardo saudosas recordações”, reacendeu-lhe, emocionado, a velha chama da “vocação adormecida”: ser chefe de trem:

Fui. E quando na viagem, sentado no meu banco de um carro da “Paulista”, vi entrar, passando entre os bancos, a recolher os bilhetes, simpático, barba feita, de terno azul, boné listado de galões dourados, o chefe de trem, parecendo mais um oficial da Marinha do que um ferroviário acordou, dentro de mim, o menino de dez anos que viajava com o pai nos trens da “Leopoldina”. E tive pena de não ser chefe de trem³⁰!

Desde o início de sua gestão até o final do mandato (1937), Irineu Guimarães, imprimiu ao Colégio seu estilo dinâmico e empreendedor, sempre atento às distorções sociais.

A substituição do prof. C. L. Cooper deu lugar a uma sensível transformação na administração do Colégio. De acordo com os Cânones da Igreja Metodista do Brasil, que se emancipara, pouco antes, da Igreja Metodista Episcopal do Sul, o Colégio passou a ter administração local, por meio de um Conselho Superior, composto de membros eleitos por órgãos da Igreja e que, por sua vez, elege o diretor.

De 1935 a 1937 o Colégio passou por uma fase de acentuado movimento sob a direção do prof. Irineu Guimarães³¹.

30 Vocação Adormecida. Matéria autobiográfica de Irineu Guimarães, sem data e sem identificação do jornal.

31 “Colégio Piracicabano: uma tradição e uma realidade do ensino na ‘noiva da colina’, em *Atualidades Pedagógicas*”. Ano IV, julho-agosto de 1953. Nº 22, p. 23. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1953.

Em seu discurso de posse³², declarou que o nome do Piracicabano “pertence ao patrimônio espiritual da causa educacional evangélica brasileira”. Eis alguns trechos de sua fala, que espelham sua firme convicção religiosa, o compromisso com a Igreja Metodista e com a educação para todos sem qualquer tipo de discriminação:

Eu aceito a pesada incumbência com que me honrou a minha Igreja, porque, quando tudo mais me falte, eu posso agir, graças a Deus, como homem que achou a sua vocação. Porque eu creio em Kerchesteiner quando diz que a qualidade número um do educador é a capacidade para amar os seus alunos. E essa, deixai-me agradecer a Deus mais uma vez, eu tenho.

Dedicando-me ao magistério da Igreja Metodista, nunca pensei que viesse a dirigir um de seus maiores colégio (...) Porque, a direção do Colégio Piracicabano tem a significação de um prêmio.

E aqui dentro desta Casa não haverá divisões nem preconceitos. Na religião do amor todos nos uniremos: professores e alunos; pobres e ricos; fracos e fortes; todos nos daremos as mãos nessa caminhada luminosa para a Felicidade.

O discurso prossegue. Apesar das várias correntes educacionais, inclusive a escolanovista, o novo diretor entendia que “educar é capacitar para amar”:

Educar para mim, é mais do que moralizar e superiorizar o indivíduo, na definição de Sanipaio Dória: é mais do que adaptar a criança ao seu meio e armá-la para a vida prática, na teoria dos homens práticos; é mais do que pedir o próprio Ingenieros – “preparar para a vida cívica”; mais ainda que ensina o mestre de todos nós, John Dewey, “a reconstrução e reorganização de nossa experiência para melhor

32 Diário de Piracicaba, 19/mar./1935, p. 1. As citações que se seguem dizem respeito ao mesmo texto.

dirigirmos o curso de nossas experiências futuras”, educar é capacitar para amar. Porque o ideal humano é a felicidade, e a felicidade só reside no amor.

Como retribuição ao “prêmio” acabou escrevendo a marcha escolar do Colégio Piracicabano em parceria com Leandro Guerrini: “Bendito sejas Colégio, /velha ‘Escola Benfeitora’! Feliz a vida em teu seio/ nos decorre sedutora”, apresentado por ocasião do 57º aniversário do “meu querido Colégio” (cf. consta da partitura original da marcha).

Em julho, na assembléia do “Círculo de Pais e Professores do Colégio Piracicabano” o diretor proferiu palestra sobre um de seus temas favoritos: o “Hábito”, o ethos, enquanto conjunto de elementos formadores do costume, tendo o hábito como seu consolidador. Na oportunidade demonstrou mais uma vez, seu compromisso com a educação, pois

revelou profundo conhecimento de psicologia ao explicar luminosamente os efeitos do hábitos (...) Os pais são responsáveis pelas faltas dos filhos quando não obrigam e nem ensinam que eles devem ser pontuais e zelosos com tudo o que é seu (...) O Colégio Piracicabano não só instrui, mas educa também³³.

Ao terminar, afirmou que os alunos “é que gozarão futuramente as delícias de uma instrução perfeita e ainda acrescentarão: Somos ricos! Temos a riqueza que o ladrão não rouba, a traça não rói e a ferrugem não consome³⁴ - é a Ciência e a Virtude³⁵”.

Ao ano do ingresso do novo diretor estava reservado momento de grande tristeza: a morte de Lilly Ann Stradley, que em 1928

33 Diário de Piracicaba, 3/jul./1935, p. 1.

34 Bíblia: Mateus 6:19: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem correm e onde ladrões escavam e roubam.”

35 Diário de Piracicaba, 3/jul./1935, p. 1.

deixara a direção do Colégio. O Expositor Cristão noticiou assim o acontecimento, na sessão “Necrologia”³⁶:

Miss Stradley – Fomos informados por um telegrama enviado pelo nosso prezado amigo prof. Irineu Guimarães, que a distinta educadora Miss Stradley faleceu no dia 27 de julho em Lewisburg, Estados Unidos.

A ilustre irmã falecida foi, por longos anos [30], diretora do Colégio Piracicabano e deixou, em nosso país, amizades arraigadas.

Estamos certos de que foi com profunda mágoa que os ex-alunos do Piracicabano e muitos dos habitantes de Piracicaba receberam a triste notícia.

Por ocasião do encerramento do ano letivo de 1935 Irineu voltou ao Granbery, acompanhando a “embaixada” esportiva do Colégio Piracicabano, quando foi recebido com festa por seus admiradores. Na oportunidade o ilustre visitante, que representava a Associação dos Granberyenses no Conselho Superior do Granbery, participou das festividades, quando “foi convidado pelo reitor [Moore] para fazer a entrega das medalhas do 6º ano aos premiados”. O jornal Granberyense, na cobertura do evento, reproduziu artigo anterior de Nelson de Godói Costa, a quem coube a tarefa de substituir Irineu como redator do jornal: Irineu Guimarães (...) é a lição sublime do cumprimento do dever; exemplo bendito de quem põe a alma na sua obra (...) Só nos deixará quando morrerem estes exemplos, estas lições sublimes. E estes não morrerão nunca!³⁷

O Ambiente Político em Piracicaba: Irineu Guimarães é Fichado no DEOPS

Vejam agora qual era o ambiente político local na época da chegada da família Guimarães. Segundo Vera, sua filha, o cenário piracicabano era dominado pelo Integralismo, o que pode ser constata-

36 Expositor Cristão nº 35, 27/ago./1935, p. 14.

37 O Granberyense, dez./1935, p. 9.

do pela leitura dos jornais da cidade, onde o Núcleo local era bastante ativo: “Nesta época, o Integralismo invadiu literalmente a cidade. Lembro-me bem de que, aos domingos, grande parte da população se vestia com camisa verde³⁸”.

Enquanto isso, no cenário político nacional, ainda em 1935, acentuava-se a manifestação da classe operária, com a formação da Aliança Nacional Libertadora, que tinha como presidente honorário Luiz Carlos Prestes, congregando, além de comunistas, muitos integrantes da pequena burguesia. A Aliança Nacional Libertadora estabelecera como bandeira de luta o combate ao latifúndio, à nacionalização de empresas estrangeiras e o cancelamento de dívidas imperialistas. A radicalização acontecia tanto na esquerda quanto na direita. O movimento integralista liderado por Plínio Salgado, de inspiração fascista, ganhava força. Vargas procurava tirar proveito da situação, manipulando ambos os extremos³⁹.

Logo após ter assumido a direção, Irineu constatou que o estado de conservação do Colégio não era bom, pela ação de “alunos indisciplinados e mal educados”. Muito embora fosse recém chegado à cidade, com intrepidez denunciou as diferenças sociais. O fato quase fez com que o “comunista” fosse parar na cadeia.

Lembro-me de que, quando papai assumiu a direção do Colégio Piracicabano, em 1935, este estava em estado deplorável. As paredes eram borradas, pois alunos indisciplinados (por que não dizer?), mal educados, haviam lançado tinteiros nas paredes por onde escorriam tintas de várias cores.

Consta também que muitos desses alunos eram filhos de pessoas da alta sociedade piracicabana.

Este era o cenário quando muitas vezes o papai ressaltou em assembléia as diferenças sociais: enquanto rapazes ricos se comportam dessa maneira, há meninos (e quantos!) pobres, com a mesma capacidade intelectual, que não podem, por razões econômicas, freqüentar escolas etc.

38 Depoimento de Vera Guimarães Nepomuceno ao autor, em 2/maio/2001, p. VI.

39 CUNHA, C. 1981, p. 27-28.

Houve, então, uma reação por parte de certos pais de alunos e, conseqüentemente, pressões políticas, quando ele foi tachado de comunista, quando estávamos em pleno ano de 1935.

Jornais de S. Paulo noticiaram a sua prisão, embora isso não tivesse ocorrido⁴⁰.

O Serviço Secreto, que acompanhava de perto sua atuação, tratou de fichá-lo. Em pesquisa realizada no DEOPS – Departamento Estadual de Ordem Política e Social, na Capital de São Paulo, constatamos a existência do seguinte documento⁴¹:

Processado pela Delegacia de Polícia de Piracicaba, cujos autos foram relatados em 28/04/1936.

Inquérito remetido ao Juízo Federal, por intermédio da Delegacia Auxiliar, de 03/03/1937.

Irineu Guimarães

Professor e Diretor do Colégio Piracicabano, fazia preleções durante suas aulas aos alunos que achavam suas idéias extremistas, os quais protestavam contra as mesmas. Realizava assembléias diárias propalando idéias extremistas, e sabedor de que seus alunos tiveram protestado contra o mesmo feito, o professor Irineu chamou-os e então explicou não serem as idéias que expendeu extremistas, pois ele, professor, era metodista e contra, portanto, esse credo político.

Raul Cury, aluno interno na época, menino ainda, não entendia bem o que vinha acontecendo, mas “percebia uma movimentação porque os mais velhos comentavam que ele estava fazendo palestras ou comentários esquerdistas, numa época em que a esquerda era bombardeada e atacada”⁴².

40 Depoimento de Vera Guimarães Nepomuceno ao autor, em 2/maio/2001, p. VII.

41 DEOPS – “S. S.” [Serviço Secreto] – 30-K-0-61- 19/maio/1945.

42 Raul Cury é advogado, agricultor e industrial, residente em Piracicaba, estudou 11 anos no O Piracicabano. Depoimento ao autor, em 4/fev./2004.

O Primeiro Ano de seu Mandato: Relatório de Atividades do Piracicabano, em 1935

No início do ano seguinte, o diretor apresentou seu primeiro relatório (referente a 1935) “ao se organizar o Conselho Superior⁴³”, anunciando “marcado progresso na vida do Colégio Piracicabano”. Havia 324 alunos matriculados, do primário ao ginásial, inclusive no normal, ora extinto. Nessa época o número de rapazes já superava o de moças: “215 rapazes e meninos e 109 moças e meninas”. Esses números deixavam Irineu otimista: “As atividades de nossa vida escolar, com projeção no círculo das famílias dos nossos alunos e, até, no seio da sociedade piracicabana, tem a significação de vida nova, numa promessa animadora de que os dias áureos da casa de Miss Stradley se repetirão”.

O Piracicabano começava a reagir. Gradativamente, os “métodos antigos” eram deixados de lado e o rendimento escolar melhorava substancialmente:

O trabalho escolar se desenvolveu com manifesta eficiência. No curso primário as nossas professoras se apartaram o quanto lhes foi possível dos métodos antigos que ainda usavam e fizeram alguns ensaios de Escola Ativa. No curso ginásial, em que temos os melhores professores da cidade, o rendimento do trabalho escolar foi o maior que se consegue atualmente nas escolas brasileiras.

Não obstante esses avanços, seus resultados “não nos devem satisfazer”. Seu desejo era de melhorar ainda mais o ensino “principalmente de Ciências e de Geografia”, o que seria alcançado com aulas práticas em laboratório e melhoria da qualidade do material didático.

Eis as principais providências tomadas pela direção, “a fim de conseguirmos os melhores resultados possíveis, dentro de nossas pos-

43 Relatório aos Senhores membros do Conselho Superior do Colégio Piracicabano, datado de 1936 (não consta dia e mês). As citações que se seguem dizem respeito ao mesmo relatório, salvo menção em contrário.

sibilidades”: 1) A criação de uma associação de pais e professores, “o que valeu valioso apoio por parte de uns e outros na execução de nossos fins”; 2) a criação de duas atividades extra-curriculares com vistas à promoção de vida social aos alunos: “mantivemos o jornal colegial, reorganizamos a associação esportiva e criamos um grêmio literário, um centro excursionista e recreativo”; 3) a fundação de uma associação de ex-alunos⁴⁴.

O estado geral era satisfatório. A intenção era de fazer com que, com “paciência e amor”, mas com “firmeza”, o Colégio fosse um “exemplo vivo de ordem”.

O ambiente na época, já bastante competitivo, exigia contatos de Irineu para solicitar da *Women’s Board of Mission* e do Secretário Geral de Missões “se não para todas, verba para as despesas mais urgentes”. Apesar da situação financeira, “sem ser lisonjeira, não é de grandes aperturas”, o problema era a concorrência, o que obrigava a Direção a reduzir os preços das mensalidades, pois os “Ginásios das Freiras fazem preços de combate a nós”.

O outro problema relatado ao Conselho Superior, dizia respeito à pressão que a *Women’s Department* exercia, ao exigir, para a continuidade do apoio financeiro, “que o Colégio desenvolva as atividades do seu departamento feminino”. Afinal, a vocação original da Escola era de atender ao público feminino, mas isto estava mudando. Para voltar a atrair as moças, a saída seria a fundação de um curso normal.

A preocupação era procedente. O grande ingresso de rapazes, “por ocasião da fundação do curso ginásial”, causara sérios transtornos, chegando mesmo a interromper o trabalho “esplendido” realizado pelas missionárias. Preocupado com isso, Irineu declarou que irá “fazer voltar ao Colégio as suas velhas práticas de colégio essencialmente evangélico”.

Dando continuidade ao seu relatório, teceu algumas considerações sobre a situação financeira herdada. Havia um débito com Cooper, além de um fato novo para a Escola: pela primeira vez era

44 Irineu trouxe para o Piracicabano sua experiência da Associação dos Granberyenses, fundada por W. H. Moore, em 1922.

pago o salário do diretor com recursos próprios, o que pressionava o orçamento.

Recebi o Colégio com 10:569\$016 em caixa, devendo ele, porém, ao seu ex-diretor 10:396\$600, o que significa que o recebi praticamente sem saldo. E tendo recebido no período de férias, com despesas, mas sem rendas, consegui fazer todas as despesas do ano, fechando em 31 de dezembro com um saldo em caixa de 14:199\$166, o suficiente, talvez, com mais recebimentos que faça, para as despesas das férias correntes.

Cumprir notar que o Colégio não teve este ano diretor missionário, gastando 6:000\$000 com o ordenado do diretor atual e que estamos pagando as férias a todos os professores, o que não se fazia até 1935.

Nos primeiros dias de janeiro de 1936 aconteceu mais uma reunião anual de diretores de colégios metodistas “para troca de idéias e acerto das diretrizes a serem seguidas pelas instituições Metodistas de Educação⁴⁵”. A reportagem, de autoria de Irineu Guimarães, foi divulgada pelo Expositor Cristão⁴⁶. O encontro aconteceu no Bennett, “ao agasalho benfazejo das gentilezas de *Miss Hyde*”. Eis suas principais decisões: cumprir o programa de educação religiosa planejado pela Junta Geral de Educação Cristã, publicar um hinário cívico-religioso, criar um fundo patrimonial e “prestigiar cada vez mais a Federação de Colégios Evangélicos⁴⁷”. A outra proposta importante foi a de incentivar as escolas, a que enviassem alunos para a Faculdade de Pedagogia do Granbery. O grupo também estava muito interessado em estabelecer um ambiente organizacional “realmente evangélico nos colégios, pois a finalidade mais alta dos nossos educandários é construir caracteres moldados no caráter padrão de Jesus”. Além das presenças do Bispo César Dacorso Filho e de James Ellis, Secre-

45 Versão do até recentemente Conselho Geral das Instituições Metodistas de Educação – COGEIME.

46 “Os diretores dos nossos colégios se reúnem.” Reportagem de Irineu Guimarães, no Expositor Cristão, 18/fev./1936, p. 9.

47 Em 29 de maio de 2001 foi criada a Associação Brasileira de Instituições Educacionais Evangélicas. Almir de Souza Maia, ex-reitor da UNIMER, foi eleito Presidente.

tário Geral de Educação Cristã compareceram os representantes das seguintes instituições:

Granbery: W. H. Moore, Derly Chaves, Josué Cardoso e Otília Chaves; *Bennett*: Eva L. Hyde; *Instituto Ginásial [Passo Fundo]*: W. R. Schisler e Joaquim Musa; *Centenário*: Eunice Andrew e Louise Best; *Americano*: Ruth Anderson; *União*: W. M. Carr e José Gomes de Campos; *Porto Alegre*: Oscar Machado; *Instituto Central do Povo*: Anderson Weaver; *Piracicabano*: Mary Jane Baxter e Irineu Guimarães; *Ginásio Americano [de Lins]*: E. E. Hubbard; *Izabela*: Leila Putman e *Noroeste [Birigui]*: Alfredo Anders.

Relato Sucinto das Atividades do Diretor em 1936 e 1937

Os dias 11 a 13 de setembro de 1936, foram marcados pelas festividades do “qüinquagésimo sexto aniversário de fundação, com um programa brilhantemente organizado”. Atendendo ao convite do diretor do Piracicabano, “uma embaixada esportiva” do Granbery, tendo Moysés de Andrade como chefe, esteve em Piracicaba disputando partidas de voleibol e de basquete. Compareceram também atletas do Colégio Mackenzie⁴⁸.

No início de 1938 Irineu voltou a comparecer à reunião do Conselho Superior, para prestar o relatório de atividades do exercício anterior⁴⁹, o que fez com “prazer, porque, Deus seja louvado, decorreu mais um ano de existência proveitosa de nosso Colégio”.

Afora casos isolados de “alunos rebeldes por defeitos de educação, já acentuados, ou tarados, - tivemos dois casos assim”, a ordem escolar foi satisfatória. Na média o aproveitamento escolar foi bom e os pais eram informados amiúde a respeito das deficiências de seus filhos.

48 O Granberyense. Ano XIII, Fase III, nº 26, set./1936, p. 12.

49 Relatório prestado “aos senhores membros do Conselho Superior do Colégio Piracicabano, em 1938”, sem dia e mês. As citações seguintes são do mesmo relatório.

As atividades extracurriculares (esporte, grêmio literário, o jornal) também transcorreram dentro da normalidade. O diretor apoiava incondicionalmente as atividades religiosas entre os internos e as ações filantrópicas. A comunidade respondia bem aos apelos e recursos eram levantados para o trabalho metodista entre os indígenas caiuás, no Mato Grosso [do Sul].

Duas novas organizações extra-escolares apareceram este ano, no campo de nossas atividades, em auspiciosa estréia: O Grêmio Dr. Josias Lopes, da União dos Estudantes para o Trabalho de Cristo e a Caixa Escolar.

Aquele entregue à direção de uma moça de altas qualidades cristãs, a Srta. Lucy Freitas, e orientado pelos professores Josaphat Lopes e D. Elizabeth Nunes, promoveu com resultados admiráveis, a vida religiosa dos nossos internados. Basta dizer-se que levantou, entre os seus associados e simpatizantes, mais de um conto de réis para diversos fins, entre os quais a construção do hospital da Missão entre os índios.

A situação geral do Colégio continuava a melhorar. As matrículas de 1937 (487 alunos) cresceram 50% em relação a 1935 (325 estudantes) e o número de rapazes era mais do que o dobro em relação às moças.

Em seu relatório ele demonstra a evolução do número de matrículas: 70% nos três anos: 294 (1933), 355 (1936) e 487 (1937). Assim, a situação financeira não era motivo de apreensão, “embora não seja de grandes folgas”.

Com os recursos recebidos da “Junta de Mulheres”, Irineu providenciou a cobertura da parte central do prédio, laje de concreto para a construção de mais um piso para mais três quartos, reformou as instalações sanitárias das alunas, além da pintura geral interna do prédio.

Para as outras necessidades “de vulto e inadiáveis”: a compra da “Chácara Stripp” para a futura escola normal rural (os recursos viariam da Junta de Mulheres) e a compra do “Parque Club”, para a ins-

talação do Departamento de Educação Física e do internato masculino, o Conselho Superior autorizara o levantamento de empréstimo de 200:000\$000 [duzentos contos de réis] que “pagaremos dentro de 10 anos⁵⁰”, segundo estimativa de Irineu.

Ao finalizar seu relatório, apesar dos progressos e das “grandes iniciativas a que eu teria gosto de me entregar”, surpreendentemente, Irineu apresentou seu pedido de demissão do “grande Colégio das *Misses* Watts e Stradley, Colégio que eu aprendi a amar para toda a vida.”.

Motivo: no final de 1937, mais precisamente no dia 8 de dezembro, Irineu havia sido “chamado novamente ao Granbery de quem nunca me desliguei⁵¹”, para assumir vários cargos, inclusive o de vice-reitor. A carta-convite não lhe representou surpresa alguma, pois, como sabemos, ele fazia parte do Conselho da escola mineira. Surpresos mesmo ficaram os membros do Conselho do Piracicabano, que foram os últimos a saber da decisão de seu diretor: “O Conselho Superior do Instituto Granbery, em sessão realizada aos 6 e 7 do corrente, elegeu-o para o cargo de vice-reitor e Diretor do Ginásio e Escola de Comércio deste estabelecimento de ensino para o próximo ano escolar”.

No dia 8 de janeiro do ano seguinte (1938) o Conselho Superior da Escola de Piracicaba registrou em ata “o pedido da presença de Irineu Guimarães no Granbery⁵²”.

A decisão causou grande mal estar entre os membros do Conselho do Colégio Piracicabano, que oficiou ao congênere do Granbery, lamentando o encaminhamento. Este último, apesar do transtorno causado à Escola de Piracicaba, entendia que a medida era absolutamente indispensável, tendo em vista a necessidade premente do preenchimento de alguns cargos.

50 Irineu efetivamente encaminhara à Junta de Missões, carta de duas laudas, sem data, como era seu costume, mas que só pode ter sido de 1937, com a exposição de arazoados e solicitando, em nome do Conselho Superior do Colégio Piracicabano, o empréstimo de 200:000\$000, que o Colégio tomaria, “possivelmente com a Junta de Missões ou com particulares...”.

51 Carta de H. C. Tucker, presidente do Conselho Superior, em 8/dez./1937.

52 Livro de Atas, 3, p. 13v, do Conselho Superior do Granbery.

Com relação ao ofício do Rev. Guaracy Silveira, secretário ad-hoc do Conselho Superior do Colégio Piracicabano, após longas considerações sobre o ofício, o secretário ficou autorizado a responder que o Conselho Superior do Granbery confirma a sua resolução de dezembro de 1937 com relação ao prof. Irineu Guimarães, em face da necessidade de sua presença no Granbery, lastimando, entretanto, que esta resolução venha trazer qualquer dificuldade àquele Conselho⁵³.

O fato causou admiração. O que teria havido? Por que o assunto não foi trabalhado adequadamente entre os dois conselhos?

A volta para Juiz de Fora e o arrependimento por ter deixado o Colégio Piracicabano

Logo após sua volta para Minas, Irineu recebera correspondência da *Board of Missions - Methodist Episcopal Church, South*, Nashville, Estados Unidos, cumprimentando-o e agradecendo pelo excelente serviço prestado ao Colégio Piracicabano⁵⁴.

Quase no final no ano o substituto de Irineu no Colégio, o também granberyense Affonso Romano Filho⁵⁵, além de pedir a assessoria do Granbery para a criação do “Curso Complementar”, ratificou o acerto da ida de Irineu a Piracicaba, para paraninfar a turma de formandos da 5ª série: “Os alunos da 5ª Série comunicaram-me que já está assentada a sua vinda a fim de paraninfar a formatura deles, a 1º de dezembro p.f. e está também firmado que v. será hóspede do Colégio como, outrossim, a viagem será paga pelo Colégio. Já o estou anunciando para que os amigos e a cidade o saibam”.

Irineu ocupou no Granbery os cargos de vice-reitor e reitor. Enquanto dirigente, entrou em rota de colisão com o Conselho Superior e acabou voltando à docência. Ele lamentou ter deixado o Co-

53 Livro de Atas, no. 2, p. 13v, do Conselho Superior do Granbery.

54 Carta assinada pela Secretária de Missões Estrangeira de Mulheres, *Miss Sallie Lou Mackinnon*.

55 Correspondência datada de 4/nov./1938.

légio Piracicabano, onde estava “sossegado e satisfeito (...) não me devendo mandar buscar de volta, se não me pretendia tratar com justiça e decência”. O mais grave foi sua declaração taxativa ao denunciar a trama forjada com o “golpe de que fui vítima com a farsa da eleição de Mr. Moore para a reitoria do Granbery, em 1945⁵⁶”.

Ainda em 1945, seu manifesto “Porque fiquei com os comunistas” causou muita polêmica. Neste caso, é importante também olhar a História sob o ponto de vista da comunidade granberyense, basicamente liberal, da sociedade juizforana, em grande parte conservadora, e da Igreja Metodista que, muito embora democrática, certamente tinha seus limites. Também é oportuno lembrar a idéia “terrível” construída na época, tanto a respeito do socialismo quanto do comunismo. Neste mesmo ano, quando da queda de Getúlio, ele acabou preso com mais cinco companheiros.

No ano seguinte, no final do governo de Eurico Gaspar Dutra⁵⁷, Irineu Guimarães acabou tendo seus direitos políticos cassados.

De 1947 a 1951 atuou como vereador em Juiz de Fora; em 1958 foi demitido sumariamente do Granbery; em 1973 fundou o Instituto Dona Selva, em Guarará, para colher menores abandonados, obra social que permanece ainda hoje.

Em 1978 Irineu voltou a Piracicaba, de saudosa memória, para avistar-se com seu ex-aluno, Elias Boaventura, então diretor geral do Instituto Educacional Piracicabano e reitor da UNIMEP, para solicitar-lhe ajuda às crianças abandonadas abrigadas pelo D. Selva⁵⁸.

Desejoso de ampliar a obra, que vinha realizando, o “velho mestre” estava para iniciar “agora a construção do prédio destinado à creche, em Bicas, e já sonhava com a casa da mãe solteira, quando a morte chegou⁵⁹”, em 1984.

56 Carta de Irineu Guimarães a Manoel Simões e Silva, 14/jan./1947.

57 Tribuna de Minas, 30/11/84, p. 3.

58 Depoimento oral de Elias Boaventura ao autor, em 2002.

59 “Obra admirável de um mestre”. Texto de Fued Farhat, no jornal Estado de Minas, 20/dez./1989.

Considerações Finais

Durante toda a sua vida Irineu procurou aprofundar cada vez mais o relacionamento entre fé e justiça; espiritualidade e a defesa da vida. O socialismo e, mais tarde, o comunismo, representaram-lhe o coroamento de uma vida cristã em torno do “cristianismo prático”. Com a idade avançada perdeu o ímpeto ideológico, político, mas não o da solidariedade, da fraternidade. Por tudo isso pode-se dizer que a proposta de vida de Irineu Guimarães é contemporânea e de vanguarda.

Referências

- BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento Marxista: Anarquismo. Rio de Janeiro: Zahar
- BRANDI, Paulo. Vargas: da vida para a História. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- COLÉGIO PIRACICABANO: uma tradição e uma realidade do ensino na ‘Noiva da Colina’, In Atualidades Pedagógicas. Ano IV - julho-agosto de 1953, Nº 22, p. 23. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.
- CUNHA, Célio da. Educação e Autoritarismo no Estado Novo. São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1981.
- FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930 – Historiografia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LUXEMBURGO, Rosa. O Socialismo e as Igrejas: o comunismo dos primeiros cristãos. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- MARX, Karl. Trechos sobre Filosofia. Seleção de P. Y. Nizan. Tradução de Inácio Rangel. Rio de Janeiro: Editora Calvino Ltda., 1946.
- MARX & ENGELS. Manifesto do Partido Comunista. Tradução de Pietro Nasserri. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.
- PRZEWORSKI, Adam. Capitalismo e Social-Democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- VIDA E MISSÃO: Decisões do XIII Concílio Geral da Igreja Metodista (1982). Piracicaba: IEP - Gráfica e Editora Universitária, 1982.

Curiosidades castrenses alusivas a Santo Antônio

João Umberto Nassif

Santo Antônio de Lisboa, também chamado Santo Antônio de Pádua, nasceu em Lisboa, Portugal, no dia 15 de agosto de 1195; recebeu o nome de Fernando de Bulhões, filho de Martin de Bulhões e Maria Teresa Taveira. Faleceu na cidade de Pádua, em 13 de junho de 1231, dia consagrado à sua devoção, sendo canonizado menos de um ano após a sua morte, pois “foi santo ainda em vida”, como diziam os seus contemporâneos.

Santo Antônio, hoje celebrizado e lembrado quase que exclusivamente como “santinho casamenteiro”, já ocupou diversos papéis no imaginário cristão de outrora, como nos aponta sua principal ladainha do século XVII, onde nosso santo figura como “Farol da Igreja”, “Defensor da fé”, “Martelo dos Hereges”, “Chave de Ouro”, “Oficina de Milagres”, “Padroeiro dos Impossíveis”, “Doutor Evangélico”, “Santo dos Casos e Coisas Perdidas”. Abundam na hagiografia católica santos vinculados às artes marciais: o próprio Javé tinha entre seus títulos o de Deus dos Exércitos. São Miguel Arcanjo traz sempre a espada na mão e tornou-se o capitão das milícias celestes ao desbaratar a revolta de Lúcifer. São Sebastião era soldado romano, São Martinho de Nantes valoroso militar, Santo Inácio de Loyola lutou

1 Jornalista, escritor e membro do IHGP.

na armada castelhana, e São Jorge, o militar por excelência da milícia celestrial com sua espada desembainhada, enfim tantos vinculados diretamente à militarização, mas na América portuguesa e no Reino é a figura de Santo Antônio que se destaca como militar na corte celeste. Nosso santo faria então longa carreira militar no Brasil sendo elevado as mais variadas patentes militares, de soldado raso à coronel por todo o território tendo seu respectivo soldo pago pelo Tesouro Real do rei português às Igrejas de sua invocação pelos prestimosos serviços que desempenhava em prol dos habitantes de todo o Brasil, sendo este revertido para o ornato da capela e para organização de suas festas. Tudo começou em Portugal, quando, em 1668, D. Pedro II, Regente do Reino, deu ordens para que o Santo fosse recrutado e sentasse praça como soldado raso, no 2º Regimento de Infantaria, em Lagos, sendo promovido, em 1683, a Capitão e, em 1780, a Coronel. O Brasil foi o país que mais galardoou Santo Antônio, por intermédio de promoções castrenses. Na Bahia, ele foi soldado, alferes, capitão, sargento-mor e tenente-coronel de infantaria, com o respectivo soldo. Em São Paulo, foi coronel. Em Goiás, capitão. Na Paraíba e no Espírito Santo, foi soldado. Capitão de cavalaria, em Vila Rica-MG. Em Pernambuco, foi tenente de artilharia e capitão; em Iguarassu, ainda em Pernambuco, não havendo quartel na cidade, Santo Antônio foi eleito vereador, com o título de “Protetor da Câmara”. No Rio de Janeiro, foi soldado, capitão, sargento-mor e tenente-coronel. As promoções de Santo Antônio a sargento-mor (major) e a tenente-coronel de infantaria se deram pelos Decretos de 14 de Julho de 1810 e de 25 de Novembro de 1814, expedidos por Cartas Régias, com a rubrica do Príncipe Regente D. João, futuro D. João VI.

O General Sebastião da Veiga Cabral, devoto de Santo Antônio, ofertou ao convento que leva o nome do santo, no Rio de Janeiro, o bastão de comando que usara na defesa da Colônia do Sacramento, quando era governador daquela colônia, bastão esse que foi acoplado à consagrada imagem, além de outras insígnias, quando da invasão francesa de 1710. . Ao ser promovido a tenente-coronel de infantaria, pelo Príncipe Dom João, este ofertou ao santo, uma preciosa e riquíssima “bengala de autoridade”, de seu próprio uso, com passadeira e ponteira de ouro de lei e castão cravejado de 84 rubis. O mesmo Dom

João, em 1814, conferiu à imagem de Santo Antônio, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo, confeccionada em ouro e ornada de pedras preciosas, a qual é portada sobre o peito da imagem, durante as missas, com uma fita de seda vermelha, cravejada de 26 diamantes. O altar portátil que acompanhava Caxias, “cristão de fé robusta”, em todas as campanhas de que participou, foi doado pela família do “Pacificador” e Patrono do Exército, ao mencionado Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, preciosa relíquia lá guardada, juntamente com a veneranda imagem de Santo Antônio e suas insígnias. O Exército Brasileiro, da atualidade, não se esqueceu de Santo Antônio. Em 2 de outubro de 1995, data de aniversário do Quadro Complementar de Oficiais (QCO) e dos 800 anos do glorioso Santo (nascido em 1195), o Arcebispo Militar do Brasil, Dom Geraldo do Espírito Santo Ávila, baixou um decreto episcopal instituindo Santo Antônio, Padroeiro do QCO. O embaixador e historiador José Carlos de Macedo Soares afirmava: “Santo Antônio deveria ser não apenas Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua, mas também Santo Antônio do Brasil”.

Humilde em obediência, carinhoso no mando, Santo Antônio passou algum tempo, por sua incomparável modéstia, inteiramente despercebido mesmo entre os franciscanos. Não divisavam nele suas altas qualidades, nem descobriam sua extensa cultura. Certa vez, porém sucedeu de faltar o orador em uma cerimônia. O superior, Frei Graciano, lembrando-se de que nas poucas vezes em que ouvira a opinião de Frei Antônio ele se manifestara sempre com acerto, convidou-o a substituir o orador ausente. Santo Antônio revelou-se em tal emergência pregador tão eloqüente e tão erudito, que foi logo chamado pelos frades: “Pater scientiae”, “Pai da ciência”. São Francisco tomando conhecimento do êxito escreveu-lhe ordenando que fosse ensinar teologia. Santo Antônio foi o primeiro Doutor Franciscano nas suas três manifestações características: teólogo de cátedra, pregador no púlpito, missionário no mundo.

No Brasil a carreira militar póstuma de Santo Antônio de Lisboa teve seu início na Bahia, conforme narra Frei Antônio de Santa Maria Jaboatam de acordo com os arquivos do convento.

No ano de 1595 uma frota de doze velas partiu da Franca para tomarem e destruírem a cidade de Salvador, na Bahia. Vinham por capitães principais três franceses luteranos. Ao passarem por Arguim, pequena fortaleza africana, das muitas que os portugueses mantinham na costa do continente negro, os hereges praticaram atos de violência e crueldade contra seus habitantes e suas igrejas. Apoderaram-se por fim de uma imagem de Santo Antônio, a qual entre insultos e blasfêmias foi embarcada em uma das naus, onde durante a viagem sofreu toda sorte de zombarias e até mesmo golpes de espada, a ponto de ficar mutilada. Finalmente os hereges lançaram-no no mar, para que o ultrajado santo os guiasse à Bahia. Nesse mesmo dia, violento temporal tomou conta da frota causando o naufrágio de quase todas as embarcações, salvou-se a nau que conduzia o santo, indo, porém desgovernada, dar à costa do Brasil na altura de Sergipe. Salva a tripulação, foram os naufragos presos e remeridos por terra, ao governador da Bahia, Dom Francisco de Souza. Durante a penosa viagem pelas praias ardentes na altura do local denominado Itapoam, os prisioneiros toparam com a imagem de Santo Antônio, que haviam roubado em Arguim, e dias antes lançado no mar. Estava o Santo de pé, apesar da arcia movediça e de ser a praia batida constantemente pelos ventos. Após constatarem que não havia vestígios de pessoas que tivessem colocado a imagem naquela posição, tomaram-na com extrema devoção e veneração. Seguindo, encontraram um homem que pediu a imagem com muita insistência. Deram-na. Era Francisco Dias D'Avila, primeiro Senhor da Casa da Torre de Garcia d'Avila, que a colocou na capela do seu solar. Joboatam continua narrando que os fatos foram levados ao conhecimento dos frades capuchos, que o foram buscar e o trouxeram com muita solenidade para a Igreja Nossa Senhora da Ajuda, na Bahia. A 23 de agosto de 1595 a imagem de Santo Antônio de Arguim foi conduzida da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, chamada dos Mercadores, para o Convento de São Francisco, em procissão com as maiores pompas, e solene assistência da Câmara e do Cabido. A Câmara e toda a cidade tornaram por seu padroeiro, conforme consra da ordem do Governador do Esrado Rodrigo da Costa. Santo Antônio de Arguim foi o primeiro padroeiro da cidade e “tinha o soldo de praça da Fortaleza de Santo Antônio da

Barra”. Em agradecimento aos benefícios que a cidade de Salvador havia recebido do soldado Santo Antônio, a Câmara da Bahia, em reunião de 20 de novembro de 1945, encomendou oficialmente ao vigário Felipe Vinezes que rezasse missa no altar de Santo Antônio, na Igreja do Convento dos Padres de São Francisco, em ação de graças e para pedir em memória dos Senadores da Câmara falecidos e fartura para as necessidades existentes. No caso de ser restaurado o domínio português em Pernambuco, ocupado na época pelos holandeses, deveria ser realizado, como voto perpétuo, festa solene todos os anos, no próprio dia em que se recuperasse a povoação do Recife, votando ainda a Câmara que mandaria fundir em prata, do mesmo tamanho que estava no altar, a imagem do Santo. Em 27 de janeiro de 1654 foi restaurado o domínio sobre Pernambuco, houve na Bahia festa solene em honra de Santo Antônio. Era necessária uma maior consideração para com o Santo, o fato tinha aspecto militar e o Santo se portara como um defensor, era justo que se cogitasse a sua promoção, e assim foi feito. Em 10 de junho de 1705 a Câmara de Salvador solicitava ao Governador Dom Rodrigo da Costa pedindo a promoção do soldado Santo Antônio ao posto de capitão. Em 16 de julho Dom Rodrigo baixou portaria nomeando Capitão Santo Antônio, determinando que se entregasse todos os anos ao síndico do Convento de São Francisco da Bahia, o soldo que se costumava pagar aos capitães. No reinado de D.João V, governando o Brasil D.Vasco Fernandes Cezar de Menezes, depois Conde de Sabugosa, quarto vice-rei, e trigésimo nono governador (1720-1735), o santo recebeu o posto de Alferes de Infantaria.

D.João VI tinha particular devoção a Santo Antônio, entendeu de promovê-lo a sargento-mor, por atribuir ao Santo ter o céu abençoado os seus esforços para salvar a monarquia da grande e difícil crise a que esteve exposta por ocasião da invasão dos franceses em Portugal. O decreto de 13 de setembro de 1810, do Príncipe Regente D.João, elevou o glorioso Santo ao posto de sargento-mor, ou seja, major de infantaria. A carreira militar póstuma de Santo Antônio de Lisboa continuou a merecer a atenção do Estado. Em 25 de novembro de 1814 o Príncipe Regente D.João assinava decreto promovendo

o Sargento-Mor Santo Antônio ao posto de Tenente Coronel de Infantaria.

Durante todo o Império foram respeitados os títulos de nomeação e promoções do glorioso Santo Antônio. Na Bahia até 1907 foi pago ao guardião do Convento de São Francisco o soldo a que tinha direito o Tenente-Coronel Santo Antônio, quando o delegado fiscal do Tesouro Nacional, Antônio de Pádua Mamede, impugnou a inclusão do nome do santo na folha de pagamento, sendo que o Ministro da Fazenda em 18 de maio de 1912 ratificou o despacho do delegado fiscal.

O Coronel Laurénio Lago publicou na Revista Militar por ocasião do sétimo centenário de morte de Santo Antônio artigo onde relata que o Santo recebia na Bahia por quatro patentes: Capitão da Fortaleza da Barra; Alferes de rem, em Santo Antônio da Mouraria; Soldado raso na Sé; Alferes no Presídio do Morro de São Paulo.

Dom Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Mateus, foi nomeado Governador e Capitão-General da Capitania de São Paulo em 1765, procurando exaltar a nobreza do serviço militar, despertou o interesse dos membros da Irmandade de Santo Antônio para engajar o santo nas fileiras militares. Morgado de Mateus passou a Santo Antônio a patente de Coronel dos Regimentos da Capitania de São Paulo. Foi em São Paulo que Santo Antônio de Lisboa ascendeu ao posto mais elevado, o de coronel, na sua surpreendente carreira militar póstuma no Brasil.

Em fins de 1749, os moradores de Vila Boa de Goiaz apresentaram uma petição a Dom Marcos de Noronha Governador e Capitão General da Capitania, pedindo-lhe que mandasse assentar praça de soldado a Santo Antônio, e fazer o pagamento do seu soldo como a qualquer outro soldado”. Consultado o Conselho Ultramarino recomendou que fosse assentado com praça e soldo de capitão. A referida Carta Régia foi registrada em 17 de abril de 1751 (existe cópia deste documento no IHGB, livro 21, pág.353).

Os soldados e oficiais da cidade de Vitória, na Capitania do Espírito Santo, tinham especial devoção e integral confiança em Santo Antônio de Lisboa. O guardião do Convento de São Francisco da Vila de Nossa Senhora da Vitória, Frei Amaro da Conceição requereu

matricula de Santo Antônio como soldado raso, reuniram-se no dia 21 de fevereiro de 1752, o capitão-mor José Gomes Borges, o provedor do presídio Bernardino Falcão de Gouveia, oficiais e praças da Companhia de Infantaria e decidiram pela aprovação.

Na Paraíba o guardião do Convento de Santo Antônio representou ao Governador João de Maya da Gama “sobre a limitada praça que este Glorioso Santo vence de hum soldado raso”. Na Carta Régia de 13 de dezembro de 1709 El Rei declarou: “Fui servido fazer por bem que o bem aventurado Santo Antônio vença nessa Capitania duas praças de soldado, dobrando-lhe a que já tem, para que desta maneira se possam ajudar os seus religiosos para a celebridade e culto do mesmo santo”.

Irineu Ferreira Pinto transcreve uma lista de pagamentos na qual consta o pagamento de duas praças ao Glorioso Santo Antônio. Na mesma lista encontra-se o pagamento de uma praça paga ao glorioso São Bento, alistado na Companhia do Capitão Inácio Diogo de Caminha e pagamento feito na Companhia de Fortaleza de Cabedelo, a São Francisco Xavier, pela Resolução de 8 de agosto de 1720, a pedido do Superior Padre Rafael Alves. Santo Antônio não foi o único santo pertencente ao Exército Brasileiro, São Bento e São Francisco Xavier também receberam vencimentos de soldado raso.

Luis XIV, Rei de França, autorizou o corsário João Francisco Du Clerc a devastar a colônia portuguesa na América. Aos 11 de setembro de 1710 uma pequena armada e mais de mil homens desembarcaram em Guaratiba, marchando sobre o Rio de Janeiro, chegando no Largo da Sentinela, hoje Rua Frei Caneca onde encontrou a primeira resistência, atacado por Bento do Amaral Gurgel à frente de uma companhia de estudantes. Sempre acossados, pelos estudantes e demais populares Du Clerc abrigou-se no Trapiche da Cidade, rendendo-se afinal. O Governador do Rio de Janeiro Francisco de Castro Moraes reuniu três mil homens em trincheiras improvisadas, sendo que ele não se cansava de pedir aos padres que rezassem missas para a vitória das armas portuguesas. Ao padre provincial do Convento de Santo Antônio o governador comunicou que havia promovido Santo Antônio, de soldado raso para Capitão de Infantaria, e que o havia intitulado General dos Exércitos nos Campos.m decreto de 14 de julho

de 1810 o Príncipe Dom João promoveu o Capitão Santo Antônio a Sargento-Mor (Major). Em 26 de julho de 1814, novamente o Príncipe Regente Dom João promoveu o Sargento-Mor Santo Antônio a Tenente-Coronel, patente expedida em 31 de agosto de 1814. Em decreto do dia 13 de agosto de 1814 foi concedida ao glorioso santo a Grã-Cruz da Ordem de Cristo.

A Carta Régia de 26 de fevereiro de 1799 nomeava Santo Antônio da Matriz do Pilar de Vila Rica (Ouro Preto) Capitão da Cavalaria.

Em 1685 o Governador de Pernambuco Dom João da Cunha Souto Maior em portaria de 13 de setembro mandou assentar praça de soldado ao glorioso Santo Antônio de Pádua, que deveria seguir para a Guerra dos Palmares e proteger as Armas Reais na conquista do quilombo. Em 1817, Dom Lourenço de Almeida, governador de Pernambuco, promoveu o santo ao posto de Tenente. Em carta de 10 de maio de 1751 os oficiais da câmara de Iguarassú, Pernambuco, dirigiram-se a Dom José I, Rei de Portugal, declarando que não havia na Vila milícias, pretendiam que o alistassem no Livro do Senado da Vila, com os mesmos vencimentos recebidos pelos demais vereadores. El-Rei deferiu tal requerimento, e Santo Antônio passou a ser Protetor da Câmara. Assim o Santo passou de militar a político.

Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, governador da Capitania de São Paulo, mandou fundar o povoado que originou Piracicaba, quis que o mesmo tivesse como padroeira Nossa Senhora dos Prazeres, considerada sua madrinha.

Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira de Piracicaba, foi substituída por Santo Antônio de Pádua. O autor dessa façanha foi o capitão-povoador Antônio Corrêa Barbosa, os motivos que o levaram a essa atitude não ficaram totalmente esclarecidos. Uma das hipóteses consideradas é o fato dele também chamar-se Antônio. Pela sua personalidade outros motivos poderiam existir. Criou-se uma lenda para justificar a troca, dizia-se que a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres foi levada, rio abaixo, pela noite alta, por quatro anjinhos. O momento escolhido para a troca de padroeiros foi muito apropriado.

Por ser terreno cheio de pântanos e a terra considera estéril foi feita a opção de mudar-se o povoado de Piracicaba do lado direito

do rio para o lado esquerdo, onde segundo relatos da época, 1784, o local é alegre, sadio, fértil de caça e pescaria, livre de geadas, excelente para a cultura de cana, algodão e demais plantações. Francisco da Cunha Menezes, capitão general de São Paulo ordenou que Vicente da Costa Taques Goes e Aranha presidisse à mudança da Povoação de Piracicaba, da margem direita do Rio Piracicaba para a margem esquerda. O Capitão Antônio Corrêa Barbosa era o povoador de Piracicaba, e participou dessa mudança. Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, capitão-mor de Itu, em carta á Francisco da Cunha Menezes descreve o capitão-povoador Antônio Corrêa Barbosa: *“figuro na res.el prez.a de V.Ex.a hum Índio de qual.er Aldeya; porem branco de origem; m.to forte, Auro, animozo, agradável, ágil p.a caça, e pescaria totalm.te desgovernado, inútil p.a si, e p.a os seos, sem regra, sem palavra, e inahbil p.a qual..r instrucções, e reforma, este hé o Cap.m Ant.o Correa Barboza”*. Como acontecera com o primeiro pároco da freguesia de Piracicaba, padre João Manoel da Silva, o segundo, Frei Tomé de Jesus também se rebelou com a prepotência do capitão povoador. Santo Antônio é padroeiro da cidade de Piracicaba desde o século XVIII. Com a criação da diocese, em 1944, foi sendo considerado também seu padroeiro, já que a Catedral e a sede do bispado estavam sob seu protetorado. A partir de 2 de janeiro de 1988, o Papa João Paulo II declarou oficialmente o santo popular como padroeiro da diocese. O dia 13 de junho, considerado o dia de falecimento do santo, constituiu-se em feriado religioso. Em Piracicaba a data passou a ser oficializada em 28 de junho de 1972, quando o Presidente da Câmara Municipal Gustavo Jacques Dias Alvim promulgou a Lei 1925, que substituiu o feriado de S. Pedro (29 de junho) pelo Santo Antônio (13 de junho), após Edilidade ter rejeitado o veto do Prefeito Municipal, que preferia o 1º de agosto (aniversário da cidade) como feriado. Em 1999, de abril a novembro, duas relíquias de Santo Antônio estiveram em peregrinação por muitas cidades brasileiras. De 5 a 8 de maio, as relíquias estiveram na Diocese de Piracicaba. Uma permaneceu em Piracicaba, e outra foi levada em peregrinação pelas regiões pastorais, visitando Rio Claro, Santa Bárbara e Capivari. As relíquias eram uma cartilagem da garganta e uma costela do grande pregador e doutor da Igreja. A vinda das relíquias antonianas foi marcada por celebra-

ções, confissões, pregações a partir dos sermões de Santo Antônio, procissões e outras atividades, atraindo milhares de devotos. Foi um grande acontecimento para a história da diocese, homenageando seu padroeiro.

Bibliografia:

- ACCIOLI, Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva. Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia. Bahia, 1837, Tomo IV, p. 126 – 131.
- AMARAL, José Álvares do. Resumo cronológico e noticioso da Província da Bahia. Bahia, 2ª edição, Bahia, 1922, p.351.
- BASÍLIO PEREIRA, José. História de Santo Antonio de Pádua. Bahia: Tipografia de São Francisco, 1913, p. 371 – 374.
- BARROS, F. Borges de. À margem da História da Bahia. Bahia, 1934, p. 71.
- BOCCANERA JUNIOR, Celso. Bahia histórica. Bahia, 1921, p. 191.
- CURA DIOCESANA DE PIRACICABA, Documentos Diversos.
- GUERRINI, Leandro. Histórias de Piracicaba em Quadrinhos, vol.1 Imprensa Oficial do Município de Piracicaba, 1970.
- KITZINGER, Alexandre Max. Resenha Histórica da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 76, Vol.127, p. 202.
- SOARES, José Carlos de Macedo. Santo Antonio de Lisboa. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.
- JABOATAM, Antônio de Santa Maria. Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil. Lisboa: Editora de Lisboa, 1761, Parte 1, Livro 1, Cap. IX, p. 107
- PITTA, Sebastião da Rocha. História da América Portuguesa. Lisboa, 1730, Livro III, p.198
- RÖWER, Basílio, O.F.M. Santo Antonio Tenente Coronel do Exército Brasileiro. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1940.
- RÖWER, Basílio, O.F.M. Santo Anronio Coronel das Tropas da Capitania de São Paulo. Publicação feita em comemoração ao vigésimo quinto aniversário de criação da Paróquia de Santo Antonio do Pari – São Paulo

Um piracicabano zangado

Francisco de Assis Ferraz de Mello¹

Primeiro é necessário que se diga algo sobre o artista pintor piracicabano Manoel Martho.

Manoel Martho nasceu em Piracicaba no ano de 1926, filho de um imigrante espanhol e de uma filha de imigrantes espanhóis. Ambos paupérrimos e analfabetos.

Foi no lar dessas criaturas que o menino viveu até tornar-se adulto e artista plástico – pintor e escultor dos melhores da terra piracicabana.

Sim, um artista de primeira qualidade que ainda guarda no sangue as zangas dos ancestrais.

As três histórias de artistas pintores

A seguir serão relatadas três histórias envolvendo artistas pintores.

Primeira história

Apeles foi um pintor grego do século IV a.C., celebre pela beleza de suas figuras humanas e pelo colorido de suas pinturas.

Um dia expôs seus quadros à apreciação pública e ficou observando os visitantes e ouvindo suas opiniões.

¹ Artista plástico piracicabano, professor doutor em Engenharia Agronômica pela ESALQ - USP e membro do IHPG.

Postou-se atrás de um grupo de senhores conspícuos. Um deles comentava: – Este quadro está muito bom, mas observem as sandálias deste homem. Estão erradas, e explicou o porquê.

Quando começava a mostrar outros “erros” na mesma figura o artista o atalhou dizendo-lhe: – Não vá o sapateiro além das sandálias.

Segunda história

Um artista expunha alguns quadros em um salão de belas artes quando um grupo de senhoras elegantes parou diante de um deles e uma das senhoras comentou: – Vejam bem esta mulher, este braço está muito grande, desproporcional ao tamanho do corpo. Está errado.

O pintor, atrás delas, não se conteve e respondeu, mesmo sem ter sido argüido: – Minha senhora, isso não é um braço, é uma pintura.

Terceira história

Certa ocasião o nosso querido Manoel Martho, o artista, fez uma exposição de quadros de sua autoria em Piracicaba.

Aberta a mostra, salão com muitos apreciadores, Manoel, também presente, notou um grupo animado, de três piracicabanos ilustres, em frente a uma paisagem – um eucaliptal.

Um deles, engenheiro agrônomo, senhor de destaque na sociedade desta terra, comentava acerca do tronco de uma árvore retratada em um dos quadros. E falava: – “Tronco de eucalipto não é assim”, explicando como era.

Nesse momento o temperamento ibérico do artista explodiu, o que fez Martho interromper a explicação: – “É assim mesmo, quem pintou esse quadro fui eu, eu vi a árvore, peguei nela e ela é assim mesmo”.

Houve um instante de constrangimento. Eu fiquei aborrecido porque ambos eram meus amigos.

Esta história é real e o engenheiro agrônomo é falecido. Foi um cidadão prestante muito estimado em Piracicaba.

Essas histórias, confirmam, mais uma vez, a justeza do aforismo popular que diz: “falar é prata mas, calar é ouro”. É a terceira revela um aspecto do temperamento de Manoel Martho. Éta piracicabano zangado!

Manoel Martho reside atualmente em São José do Rio Preto e é membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

*Audax In Intellectu Et In Labore¹:
Brasão de Armas de Piracicaba
História e significados*

Fábio Ferreira Coelho Bragança²

Resumo

O artigo aborda a criação do Brasão de Armas da cidade de Piracicaba, o significado de cada elemento que constitui a peça heráldica criada como símbolo da cidade e de suas tradições. Bem como, apresenta um breve histórico do surgimento e uso de símbolos decorativos que, com o tempo, evoluíram e adquiriram status de emblema brasônico.

Palavras - chave:

Brasão de Piracicaba – Heráldica – Elementos do Brasão –
Legislação Municipal, Piracicaba

1 Audacioso na Inteligência e no Trabalho.

2 Historiador, graduado pela UNIMEP, responsável pelo Arquivo Histórico da Câmara de Vereadores de Piracicaba, Membro do IHGP.

Heráldica

Segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, Heráldica é a arte ou ciência cujo objeto é o estudo da origem, evolução e significado dos emblemas brasônicos, assim como a sua criação e descrição.

Os primeiros a fazerem o uso de peças e figuras decorativas em escudos foram os guerreiros gregos. Por volta do século VI a.C., os romanos também faziam o uso de alguns símbolos e signos (mas não de armas), para distinguir os combatentes - símbolos de unidades militares, hierarquia militar ou civil. No entanto, esses símbolos não se tornaram hereditários

A heráldica militar, como se conhece atualmente, aparece na Europa na Idade Média. Feudos, condados e reinos se utilizavam da heráldica para distinguir e demarcar as regiões de domínio.

A partir do século XI, durante as Cruzadas, o uso de emblemas pelos Cavaleiros Templários possuía certa semelhança com o uso de símbolos que os cavaleiros gregos e romanos faziam na antiguidade – com o objetivo de identificar e diferenciar. Os Cavaleiros Templários vestiam-se com uma armadura de metal, dificultando o reconhecimento. O escudo defensivo era decorado com ornamentos de metal, ora pintado com as cores do reino, para diferenciá-los rapidamente dos outros guerreiros.

Certamente, as Cruzadas e as intensas relações feudais, contribuíram para o uso e a difusão da heráldica militar, vinculando o brasão à identidade gentílica. O uso da heráldica tornou-se algo comum e necessário pelos cavaleiros que percorriam diversos territórios de diferentes nações e que passaram a carregar uma bandeira com o brasão.

O uso desses símbolos de identificação, como um “logotipo” é disseminado e começam a aparecer as primeiras peças e figuras, cujos significados traduziam o ideal daqueles que o adotaram. Além da coroa, representando o poder, os elementos mais usados na composição do brasão são: os animais (dragões, leões, águias); elementos da geografia (montanhas, rios, vegetação); recursos minerais (ouro e outras pedras preciosas); economia (agricultura, pecuária e figuras represen-

rando a realização de algum trabalho); e objetos religiosos (cruz, cálice).

Segundo estudiosos do campo da heráldica (Galbreath, Bouly, Delesdain e Marmoutier), no século XII, famílias nobres da França, Inglaterra, Alemanha e Espanha já haviam adotado o brasão como identidade familiar hereditária. E os elementos constituintes desse tipo de heráldica estavam ligados a identificação regional (territorial) e a introdução de elementos de acordo com gostos pessoais, os seus hobbies e aspirações.

O Brasão Como Símbolo da Cidade – Heráldica Cívica

Antes do descobrimento do Brasil, os municípios, ou repúblicas municipais da Europa, costumavam adotar um selo que simbolizava a sua autonomia, as liberdades e as suas instituições políticas municipais. Com o passar dos séculos, começaram então a adotar bandeiras municipais. No Brasil, essas bandeiras municipais eram denominadas estandartes, que os vereadores, juízes e procuradores carregavam nas festas reais, religiosas, ou nas visitas aos governadores das capitânias, que representavam os Reis de Portugal. Outro símbolo, entretanto, viria substituir os estandartes das repúblicas municipais europeias: o Brasão, também chamado de heráldica cívica

O Brasão é um conjunto de figuras que compõem escudo de famílias nobres, cidades, corporações e Estados, no qual aparecem elementos, como cores, peças, atributos, ornatos etc., consagrados pela heráldica.

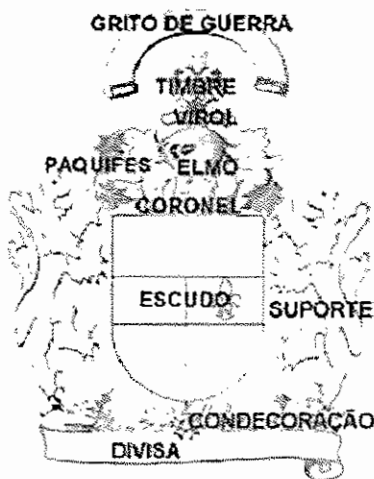
Em sentido restrito, o termo brasão refere-se apenas à descrição do desenho inserido no escudo de armas. No entanto, em sentido lato, pode designar-se por brasão a descrição do conjunto das armas, incluindo, além do escudo, os elementos exteriores (coronel, timbre, virol, paquifes, etc.). Por extensão, o termo brasão, passou a aplicar-se não só à descrição, mas, também ao próprio objeto descrito: o escudo ou o conjunto armorial completo.

Os Brasões cumprem com a missão de mostrar, através de seu conjunto de figuras, os atributos que caracterizam determinada região, como a geografia, atividades econômicas e símbolo religioso.

Em meados do século XVII, as vilas e as cidades brasileiras começaram a adotar os seus brasões que, tal como na Europa, eram encimados por uma coroa mural, significando a antiga união entre a monarquia e a cidade que, na Idade Média, era cercada por um muro.

Atualmente, com o regime republicano, a coroa permanece ainda em alguns brasões, no simbolismo do muro. E as cidades que iam sendo fundadas – como hoje – ao conceber seus brasões, adotavam motivos que diziam respeito à sua história, à sua geografia ou a outras peculiaridades próprias¹.

Elementos de um Brasão



¹ ARMORIAL PAULISTA. Brasões dos Municípios. Edição comemorativa do "Ano do Municipalismo", no âmbito da Secretaria de Estado da Cultura e em homenagem à fundação de São Vicente e Piratininga. (Resolução n.º 1, de 13 de janeiro de 1982, da Secretaria de Estado da Cultura, Deputado Cunha Bueno).

Um brasão tem como base o escudo. É a parte central do emblema que carrega o desenho fundamental. Em volta do escudo são colocados outros elementos exteriores. Segue abaixo descrição dos principais elementos que compõem um brasão de armas:

Grito de guerra – também chamado de grito de armas. É a parte escrita do brasão. Em geral, usa-se uma palavra ou frase de efeito. Normalmente, situada na parte superior ou inferior do Brasão.

Timbre – elemento decorativo colocado no topo dos elmos, muito utilizado pela heráldica militar. O timbre ajudava a diferenciar e distinguir os cavaleiros nos torneios.

Coroa ou **Coronel** – elemento que representa a soberania. A coroa pode figurar sobre o elmo, sobre o pavilhão ou manto, ou ainda, diretamente sobre o escudo.

Virol – refere-se a fita que amarrava o timbre ao elmo. Normalmente, representada por duas cordas entrelaçadas.

Elmo - é a reprodução, em miniatura, dos elmos dos cavaleiros.

Paquifes - são a reprodução do tecido que alguns cavaleiros colocavam sobre os elmos, para se protegerem do calor.

Pavilhão – elemento característico dos brasões medievais. Era a parte que envolvia o escudo e outros elementos exteriores.

Manto - a peça de pano que cobre, simbolicamente um soberano ou alto membro da nobreza. Geralmente, o manto aparece no brasão envolvendo o escudo.

Suportes ou **Tenentes** – peças que servem de suporte para o escudo. Normalmente, aparecem aos pares, um de cada lado do escudo.

Insígnias – elemento que faz alusão ao cargo que uma pessoa representada pelo brasão detém. É comum representá-los como dois objetos cruzados atrás do escudo.

Troféus - reprodução de objetos, geralmente armas e bandeiras, com significado militar. Aparecem, normalmente, atrás do escudo.

Condecorações - reprodução das insígnias das condecorações que, a entidade representada, detém. Em geral, são colocadas em colares à volta do escudo, caso sejam cruces, são colocadas atrás do escudo.

Divisa- é o lema da entidade representada, colocado num listel, sob o escudo.

O Brasão de Piracicaba

O Brasão de Piracicaba foi criado através da Lei Municipal N.º 301, de 17 de junho de 1952, pelo Prefeito Samuel de Castro Neves, conforme segue abaixo:

Lei N.º 301, de 17 de Junho de 1952

(Instituí o “Dia de Piracicaba” e o Brasão de Armas da Cidade)
Samuel de Castro Neves, Prefeito Municipal desta cidade e município de Piracicaba, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica declarado “DIA DE PIRACICABA”, o dia 1º de Agosto, data da fundação da cidade pelo povoador Antônio Corrêa Barbosa, no ano de 1767.

§ Único – A data da fundação da cidade será todos os anos, condignamente comemorada, devendo as festividades revestir-se de um cunho eminentemente patriótico.

Artigo 2º - A lei orçamentária determinará, em cada ano, a verba necessária para as comemorações.

Artigo 3º - Fica instituído o “BRASÃO DE ARMAS” do Município de Piracicaba, como símbolo de suas tradições e cujo uso, em timbre, será obrigatório em todas as repartições municipais.

§ 1º - O “Brasão de Armas” terá um escudo em campo azul, cortado por duas faixas de prata, postas em aspas, vendo-se numa delas peixes vermelhos e na outra uma cabeça e um braço. O escudo é encimado por uma coroa mural de cidade, em ouro, que tem por timbre a Cruz de Cristo, circundada por uma faixa de prata. Guarnecem o conjunto: feixe de cana e ramo de café. A base do Brasão, escrito em

vermelho sobre faixa branca, o dístico: “AUDAX IN INTELLECTU ET IN LABORE”.

§ 2º - A descrição é a seguinte:

1 – Coroa Mural e timbre (Cidade Cristã).

Repousando sobre o escudo a coroa mural evidência que os elementos dispostos no brasão se referem a uma cidade – Piracicaba.

Cidade fundada e erigida sob os princípios do cristianismo. Piracicaba, que tem tido sempre, em todos os momentos de sua vida, o pensamento voltado para Deus, não poderia deixar de ter como símbolo augusto de proteção, a cruz de Cristo. Esta aparece como timbre abrindo seus braços sobre a cidade.

Símbolo imorredouro da fé a cruz é envolvida pelo círculo, sinal que traduz o infinito, a eternidade. Da sua fundação aos dias de hoje, dos momentos de agora aos instantes futuros, sempre, a cruz do cristianismo a proteger e a inspirar os sonhos cristãos, da cidade cristã.

2 – O escudo (A Terra e o Homem).

No interior do escudo, disposto em “aspas”, tome posição de relevo, o essencial elemento geográfico do Município, o rio e o homem. Aquele, um exemplo vivo da natureza a inspirar o trabalho do homem; este, sorvendo as lições do seu Piracicaba onde, em cada movimento vê um exemplo de audácia, e, em cada momento, a positividade de um esforço, a realização de um trabalho. É tão grande a importância desse rio na vista de Piracicaba que até o seu próprio nome de cidade, dele lhe veio.

Talvez na época do bruto sertão, nas paragens onde se levanta a cidade de hoje, os indomáveis paiaguás já houvessem auscultado o sentido grandioso das águas desse rio, dele tirando seu padrão de vida: vivos, trabalhadores, intrépidos, incansáveis nas suas lutas.

O Rio, numa das faixas, em posição inclinada, no sentido de cachoeira, peixes dispostos em cardume, cortam a massa líquida num trabalho conjunto, constante e construtivo, no sentido de vencendo

os muitos obstáculos e a impetuosidade das águas vencem também, galhardamente, a vida. Também nos rios os velhos bandeirantes puseram a prova todos eu potencial de inteligência e de bravura, conquistando a golpes de tenacidade e de astúcia, maior expressão de grandeza para o nosso patrimônio territorial de hoje.

O rio tem tido parte ativa, de singular importância, na vida da gente piracicabana, porque nela vem refletindo, com real e inegável distinção, a força de seus caracteres essenciais.

O Homem, na segunda faixa, também inclinada como que a responder, em eco, ao significado da primeira, no imenso caudal da vida o homem citadina, seguindo o exemplo da natureza, que o ensina e que lhe é vizinha, assimilando as lições que Deus lhe vem dando através do essencial elemento geográfico, da terra piracicabana; apresenta-se absoluto para desenvolver com seu cérebro (cabeça) e com a sua força física (braço) serviços construtivos de paz. Forte, inteligente, vigilante, impetuoso, tanto física como intelectualmente, tem sido o homem piracicabano, no decurso da história de sua terra natal. Conseqüências naturais do meio ambiente que o convida e o predispõe para a luta.

3 - Legenda (retrato espiritual).

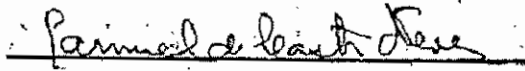
Em baixo do escudo, na faixa branca a legenda sintética dos motivos do escudo acima descritos, que vem demonstrar a ação segura do homem a serviço da terra e do bem comum, diante dos olhos atentos do mundo civilizados: - audacioso na inteligência e no trabalho (Audax In Intellectu Et In Labore).

4 - Guarnição (produções da terra).

Em função puramente decorativa, à base do conjunto total, e partindo da faixa branca, dois elementos vegetais circundam o escudo, a cana e o café - exemplares de projeção destacada na produção agrícola do Município.

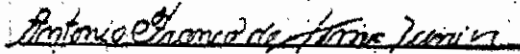
Artigo 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Piracicaba, aos dezessete dias do mês de Junho de mil novecentos e cinquenta e dois.



(Dr. Samuel de Castro Neves) Prefeito Municipal

Publicada na Secretaria da Prefeitura Municipal de Piracicaba, em dezessete de Junho de mil novecentos e cinquenta e dois.



(Antônio Franco de Lima Júnior)

Secretario - Diretor

A Lei Municipal N.º 1491, de 03 de julho de 1967, traz algumas alterações no Brasão de Armas da cidade, dando a seguinte redação ao parágrafo 1º do artigo 3º da Lei 301/52:

“O Brasão de Armas terá um escudo azul, cortados por duas faixas de prata, posta em aspas, vendo uma delas peixes vermelhos em cardume e na outra uma cabeça e um braço. O escudo é encimado por uma coroa mural de prata, de oito torres, que tem por escudete a Cruz de Cristo, circundado por uma faixa amarela. Guarnecem o conjunto: feixe de cana e ramo de café. À base do brasão escrito em branco sobre a faixa azul, o dístico: ‘AUDAX IN INTELLECTU ET IN LABORE’”.

Em 2002, a Lei Municipal N.º 5149/2002 estabeleceu uma nova redação ao artigo 3º da Lei 301/52, “Que insituiu o dia de Piracicaba e o Brasão de Armas da Cidade” e revogou a Lei Municipal

² Parágrafo 1º do artigo 3º da Lei 301/52, alterada pela Lei Municipal N.º 1491, de 03 de julho de 1967.

N.º 1491/67, ou seja, apenas a primeira lei (n.º 301) e as alterações estabelecidas pela última lei sob (n.º 5140) é que estão vigentes.

LEI Nº 5.149. DE 20 DE JUNHO DE 2002.

(Dá nova redação ao art. 3º da Lei Municipal n.º 301/52, “que insirui o ‘Dia de Piracicaba’ e o ‘Brasão de Armas’, da cidade, revoga a Lei Municipal n.º. 1491/67” e dá outras providências).

JOSÉ MACHADO, Prefeito do Município de Piracicaba, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições,

Faz saber que a Câmara de Vereadores de Piracicaba aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte lei:

Art. 1 - O art. 3º da Lei Municipal n.º 301, de 17 de junho de 1952, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 3º - Fica instituído o “Brasão de Armas” do Município de Piracicaba como símbolo de suas tradições e cujo uso, em timbre, será obrigatório em todas as repartições públicas municipais.

§ 1º - O Brasão de Armas de que trata o “caput” deste artigo terá um escudo em campo azul, cortado por duas faixas em cor prata, postas em aspas, sendo uma delas em linhas onduladas, onde se vê peixes vermelhos em cardume, sobreposta a outra em linhas retas, onde se vê uma cabeça e um braço vermelhos; o escudo é encimado por uma coroa mural da cidade, em cor prata, tendo por escudete a Cruz de Cristo, em modelo Malta, em cor vermelha, envolta de uma circunferência com fundo em cor amarelo ouro; guarnecem o conjunto: feixe de cana e ramos de café, tendo suas extremidades inferiores entrelaçadas; a base do Brasão, inscrito em branco sobre faixa azul, o dístico: “AUDAX IN INTELLECTU ET IN LABORE”, conforme Anexo I, que fica fazendo parte integrante desta Lei. (descrição sintética).

§ 2º - O Brasão de Armas é o conjunto formado por: (descrição detalhada)

I - um escudo em campo azul, corado por duas faixas em cor prata, postas em aspas, sendo uma delas em linhas onduladas onde se vê peixes vermelhos em cardume, em número de 05 (cinco), sendo dois peixes paralelos na extremidade superior, dois peixes paralelos na

extremidade inferior e um peixe no centro, em direção a montante, sobreposta à outra faixa em linhas retas, onde se vê na extremidade superior uma cabeça em cor vermelha, em perfil à direita e na extremidade inferior um braço também em cor vermelha, conforme Anexo II, que fica fazendo parte integrante desta Lei;

II — uma coroa mural em cor prata, localizada na extremidade superior do escudo, de que trata o inciso I, retro, tendo em sua base 10 (dez) blocos de pedras lapidadas, sobre a qual está edificada uma parede em pedras, tendo no centro de cada quadrante uma janela, sobre as quais aparecem edificadas 04 (quatro) torres em pedras lapidadas, tendo ao centro da coroa mural um escudete com a Cruz de Cristo, em modelo Malta, em cor vermelha envolta de uma circunferência, com seu interior em cor amarelo ouro, conforme Anexo III, que fica fazendo parte integrante desta Lei;

III — uma guarnição do escudo e da coroa mural formada por um feixe de cana, em número de 03 (três), em cor amarela e folhas verdes, localizado à esquerda do escudo e ramos de café em número de 03 (três), com frutos em cor vermelha e folhas em cor verde, localizado à direita do escudo, tendo suas extremidades inferiores entrelaçadas, contendo uma faixa sobreposta em cor azul, escrito em letras maiúsculas e em cor branca o dístico: “AUDAX IN INTELLECTU ET IN LABORE”, conforme Anexo IV, que fica fazendo parte integrante desta Lei.

§ 3º - O significado das descrições tratadas nos incisos I, II e III, do parágrafo anterior é aquele constante do Anexo V, que fica fazendo parte integrante desta Lei.

Att. 2º - O prazo para a substituição, nas repartições públicas, das bandeiras que estejam em desacordo com o descrito no artigo anterior, será de 180 (cento e oitenta) dias a contar da data da publicação desta Lei.

Art. 3º - Fica revogada a Lei Municipal nº 1491, de 03 de julho de 1967.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura do Município de Piracicaba, em 20 de junho de 2002.



JOSE MACHADO
Prefeito Municipal



WALDEMAR FISCHER FILHO
Secretário Municipal de Administração



ALEXANDRE ALVES
Secretário Municipal de Governo



ARTHUR EMÍLIO DIANIN
Procurador Geral do Município

Publicada no Diário Oficial do Município de Piracicaba.



SILVANI LOPES DE CAMPOS
Chefe da Procuradoria Jurídico-Administrativa

Autor do Projeto — Vereador Antônio Oswaldo Storel

Lei nº 51491/02

ANEXO V

**SIGNIFICADO DAS DESCRIÇÕES DO CONJUNTO QUE
FORMA O BRASÃO DE ARMAS DO MUNICÍPIO DE
PIRACICABA.**

1 - Coroa Mural e Timbre (Cidade Cristã).

Repousando sobre o escudo, a coroa mural evidencia que os elementos dispostos no brasão se referem a uma cidade - Piracicaba.

Cidade fundada e erigida sob os princípios do cristianismo, Piracicaba, que tem tido sempre, em todos os momentos de sua vida, o pensamento voltado para Deus, não poderia deixar de ter como símbolo augusto de proteção, a cruz de Cristo. Esta aparece como timbre abrindo seus braços sobre a cidade.

Símbolo imorredouro da fé a cruz é envolvida pelo círculo, sinal que traduz o infinito, a eternidade. Da sua fundação aos dias de hoje, dos momentos de agora aos instantes futuros, sempre, a cruz do cristianismo a proteger e a inspirar os sonhos cristãos, da cidade cristã.

2 - O escudo (A Terra e o Homem).

No interior do escudo, dispostos em aspas, tomam posição de relevo: o essencial elemento geográfico do Município o rio e o homem. Aquele, um exemplo vivo da natureza a inspirar o trabalho do homem; este, sorvendo as lições do seu Piracicaba onde, em cada movimento vê um exemplo de audácia, e, em cada momento, a positividade de um esforço, a realização de um trabalho. É tão grande a importância desse rio na vida de Piracicaba que até o seu próprio nome de cidade, dele lhe veio.

Talvez na época do bruto sertão, nas paragens onde se levanta a cidade de hoje, os indomáveis paiaguás já houvessem auscultado o sentido grandioso das águas desse rio, dele tirando seu padrão de vida: vivos, trabalhadores, intrépidos, incansáveis nas suas lutas.

O Rio: Numa das faixas, em posição inclinada, no sentido de cachoeira, peixes dispostos em cardume, cortam a massa líquida num trabalho conjunto, constante e construtivo, no sentido de vencendo os muitos obstáculos e a impetuosidade das águas, vencer também, galhardamente, a vida. Também nos rios os velhos bandeirantes puseram á prova todo o seu potencial de inteligência e de bravura, conquistando a golpes de tenacidade e de astúcia, maior expressão de grandeza para o nosso patrimônio territorial de hoje.

O rio tem tido parte ativa, de singular importância, na vida da gente piracicabana, porque nela vem refletindo, com real e inegável distinção, a força de seus caracteres essenciais.

O Homem: - Na segunda faixa, também inclinada como que a responder, em eco, ao significado da primeira, no imenso caudal da vida o homem citadino, seguindo o exemplo da natureza, que o ensina e que lhe é vizinha, assimilando as lições que Deus lhe vem dando através do essencial elemento geográfico, da terra piracicabana, apresenta-se resoluto para desenvolver com seu cérebro (cabeça) e com sua força física (braço) serviços construtivos de paz. Forte, inteligente, vigilante, impetuoso, tanto física como intelectualmente, tem sido o homem piracicabano, no decurso da história de sua terra natal. Conseqüências naturais do meio ambiente que o convida e o predispõe para a luta.

3 - Legenda (retrato espiritual).

Em baixo do escudo, na faixa azul, a legenda sintética dos motivos do escudo acima descritos, que vem demonstrar a ação segura do homem a serviço da terra e do bem comum, diante dos olhos atentos do mundo civilizado: “audacioso na inteligência e no trabalho” (Audax in intellectu et in labore).

4 - Guarnição (produção da terra).

Em função puramente decorativa, à base do conjunto total e partindo da faixa azul dois elementos vegetais circundam o escudo, cana e café, exemplares de projeção destacada na produção agrícola do Município.



Fonte e Referências Bibliográficas:

- ARMORIAL PAULISTA. Brasões dos Municípios. Edição comemorativa do “Ano do Municipalismo”, no âmbito da Secretaria de Estado da Cultura e em homenagem à fundação de São Vicente e Piratininga. (Resolução n.º 1, de 13 de janeiro de 1982, da Secretaria de Estado da Cultura, Deputado Cunha Bueno.)
- ARMORIAUX (LES) MÉDIÉVAUX. Actes du colloque international (Paris, 21-23 mars 1994), sous la direction de Louis Holtz, Michel Pastoureau et Hélène Loyau, Paris, Le Léopard d’Or, 1997.
- LIMA, João Paulo de Abreu e. As Armas de Portugal. Origem, Evolução, Significado, Lisboa, Edições Inapa, 1998.
- LIVRO DOS ARAUTOS. (Ed. de Aires Augusto do Nascimento), 2 vols., Lisboa, 1977.
- LIVRO DO ARMEIRO-MOR. (Estudo de José Calvão Borges), Lisboa, Academia Portuguesa da História-Inapa, 2000.
- MATTOS, Armando de. Evolução Histórica das Armas Nacionais Portuguesas, Porto, Livraria Fernando Machado, 1939.
- _____. A Heráldica dos Bastardos Reais Portugueses, Porto, 1940.
- _____. Manual de Heráldica, 3.ª ed., Porto, Livraria Fernando Machado, 1960.

MESSÍA DE LA CERDA Y PITA, Luís F. – *Heráldica Española*. El Diseño Heráldico, Madrid, Edimat Libros, 1998.

MENÉNDEZ, Faustino Pidal de Navasqués. *Los Emblemas Heráldicos. Una interpretación histórica*, Madrid, Real Academia de la Historia, 1993.

_____. *Heráldica Medieval Española. I – La Casa Real de León y Castilla*, Madrid, Hidalguía, 1982.

NORTON, Manuel Artur. *A Heráldica em Portugal. Raízes, Simbologias e Expressões Histórico-Culturais*, 2 vols., Lisboa, Dislivro, 2004.

VICENT, Vicente de Cadenas. *Fundamentos de Heráldica: Ciencia Del Blason*. Instituto Salazar Y Castro. Hidalguía. Madrid. 2 Edición. 1994.

Arquivos da Câmara de Vereadores de Piracicaba.

Dicionários Houaiss da Língua Portuguesa.

Lei Municipal N.º 301, de 17 de Junho de 1952.

Lei Municipal N.º 1491, de 03 de Julho de 1967.

Lei Municipal N.º 5149, de 20 de Junho de 2002.

Balada triste de Bóia Fria

*Dario Bicudo Piaí*¹

Triste canção – cheiro de morte
do porta- estandarte, do cortador
vida inteira lançada na sorte
gemidos doridos no peito
guerreiro da fome e da dor;
espadas que devastam campos,
campos que produzem flor.

Ó porta – estandartes: olhares tristes,
cansados, sismáticos e cabisbaixos,
marchando por trilhos fumarentos
ó guerreiros das madrugadas frias
levando consigo os grandes lamentos
suas dores, seus ais e almas vazias.

Homens, mulheres e crianças
exangues, sem cor, sem alento
muitos choros, um só lamento
carvão ardendo em brasas,
brasas ardendo no peito.
sóis flamejantes, âncoras fugidias

1 Engenheiro civil, perito judicial e poeta

ásperas mãos, negras as peles
tristes figuras dos bóias frias!...

Trabalhar, rrabalhar, rrabalhar...
outonos, invernos e sóis sem fim
lassas noites, fatigados seus dias
campos verdes, esperanças vazias.
choros,lagrimas – patrões enfurecidos;
imprecações: cada grito um pranto
cada pranto, um clamor.
Escutai, ó Deus, minhas preces,
meus brados de raiva
meus cantos de dor!...

CASA DE ENGENHO

Dario Bicudo Piai¹

Ó pedras e colunas,
ó paredes coloniais,
ó porões iluminados,
por antigos castiçais.
quantos choros e lágrimas
de seus velhos serviçais
quantos gemidos de seus filhos
quantas dores e lamentos:
digam-no as remotas catedrais.

Casa de Engenho, da extinta
Société Sucrière Brésilienne
cupidez insana, avassaladora
de fartas cifras acumuladas
para poucas e escolhidas mãos
fartas esperanças quiméricas
muitos frutos e sonhos em vão.

Em tuas ruas, muitas pedras:
pedras britadas, pedras polidas
pedras angulares, pedras roliças

1 Engenheiro civil, perito judicial e poeta

pedras cansadas da vida!...

Em seus relatos, Piai aborda a cultura da cana-de-açúcar, sua origem e progressões, seu papel econômico-social na agro-indústria brasileira, suas inovações tecnológicas, as soluções energéticas delas advindas e as problemáticas arcaicas a ela inerentes:

“Pesquisando sobre a origem da cana-de-açúcar, sabe-se que a mesma foi introduzida na China antes do início da era cristã; na Europa foi levada pelos árabes. Os portugueses a cultivaram na Ilha da Madeira e os espanhóis, nas Ilhas das Canárias.

O descobrimento da América permitiu extraordinária expansão desta cultura, sendo que as primeiras mudas foram trazidas da Madeira, chegando ao Brasil em 1502, e, já em 1550, numerosos engenhos espalhados pelo litoral produziam açúcar de qualidade equivalente ao produzido na Índia, tornando-se, já nos meados do século XVII, o maior produtor de cana do mundo, justificando assim, o seu ciclo que perdurou 150 anos. Todavia, perdeu essa posição durante muitas décadas; mas a partir da década de 1970, com início da produção do álcool combustível, restabeleceu sua hegemonia, voltando a ser o maior produtor mundial.

Pode-se convictamente afirmar que, no Brasil, a cana-de-açúcar sustentou plenamente o processo de colonização, tendo sido a razão de sua prosperidade nos dois primeiros séculos.

A base da economia colonial era o engenho de açúcar, centralizada na figura do senhor de engenho, que era o fazendeiro proprietário da unidade de produção, dentro de uma da sociedade patriarcal, com privilégios poderes políticos, sociais e econômicos. As mulheres tinham poucos poderes e nenhuma participação política, limitando-se tão apenas cuidar do lar e dos filhos.

A casa-grande era a residência da família do senhor do engenho, morando nela também seus agregados, com regaladas mordomias, contrastando com a miséria, a fome e as péssimas condições de higiene das senzalas, onde habitavam os escravos.

Na época da abolição da escravatura (1888), no final do segundo Império, os engenhos já tinham incorporado praticamente todas as inovações importantes da indústria açucareira; com a abolição, passou a dispor de recursos financeiros que antes eram destinados à compra de escravos, modernizando assim os sistemas produtivos. A partir de então, surgiu uma nova etapa na indústria açucareira, com os aparecimentos dos “Engenhos Centrais”, precursores das atuais Usinas de Açúcar, já espalhados por todo Brasil.

A cana-de-açúcar (Saccharum Officinarum SSP) pertence à família Poaceae (Gramineae), cultivando-se-a no Brasil, 4,5 milhões de hectares, permitindo a fabricação de energia natural, limpa e renovável, sendo que cada tonelada tem potencial energético equivalente a 1,2 barril de petróleo, sendo nosso país o maior produtor mundial, seguido pela Índia e Austrália. Em termos gerais, 55% da cana brasileira viram álcool e 45%, açúcar, sendo cultivado no Centro-Sul e no Norte-Nordeste, com dois distintos ciclos de colheitas, permitindo assim, produção contínua de açúcar e álcool, fenômeno impossível em qualquer país do mundo!

Além da produção de açúcar e álcool, a relevante importância da cana-de-açúcar é também devido ao seu aproveitamento “in-natura”, através de forragem, para alimentação animal, ou para base de fabricação de aguardente, rapadura e melado.

Nos meus tempos de criança, no Sítio Boa Vista, zona rural de Porto Feliz, nos fins da década de cinqüenta e início de sessenta, menino ainda, lembro-me de meu pai, de chapéu de palha e lenço no pescoço, camisas suadas e não raras vezes cristalizadas de tanto sal, levantando muito cedo, todos os dias, trabalhando de sol a sol, nas lavouras canavieiras. Ah! se me lembro!... Caminhãozinho Chevrolet 51, de frente niquelada, carregando e levando cana até a “chave”, uma espécie de estação rudimentar, sem cobertura, nem nada, onde os vagões previamente identificados se achavam à espera de suas pesadas e rudes cargas, que partiam para o Engenho Central de Porto Feliz, levados pelas famosas “Marias Fumaças”; tudo pertencia à companhia francesa Socièté Sucrerie Brésilienne, a famosa sigla SSB. E quantos mais de minha época haverão de

se recordar?!.. Eram necessárias muitas viagens para encher um vagão; os marrios dos feiches tinham de ser cortados e jogados fora, para se evitar os descontos fatais. Tratores não havia; apenas tração animal, o arado raso de aiveca, aquela grade triangular de crivos lancinantes, que deixavam o solo mais leve, sem aqueles torrões e menos inóspito para receber quaisquer plantios. Herbicidas também não, nem se pensavam nos pré-emergentes ou sistêmicos atuais..

Mas o fogo, insano e cruel, sempre ali – onipresente, queimando, destruindo florestas, faunas e floras, desnudando as proteções dos riachos, rios e nascentes, aniquilando as abelhas, as vespas, as cobras, as minhocas; os pássaros, seus ninhos e filhotes; os tatus, os lagartos, os ouriços e os bichos todos, tudo não menos trágico e diferente que os tempos hodiernos.

Nos sítios e fazendas moravam também os empregados e suas famílias, em casas de estilo proletário, sem eiras, nem beiras. Luz e água encanada, um sonho quimérico; as águas potáveis vinham das nascentes, carregadas pelas mulheres “lata d’água na cabeça”... ou com os “bigôlos”, um pau vergado, carregado sobre os ombros, com dois baldes: um em cada extremidade. As roupas eram lavadas nos riachos e açudes, onde as mulheres cantavam e colocavam suas fofocas e crendices em dia!... Luz mesmo, só as lamparinas de querosene; raramente os lampiões de gás ou aqueles de “camisinha”, com luz mais forte e radiante.

Os domingos eram reservados para caças de juritis, pombas, nambus e outros bichos mais (aquele tempo não se proibia), com as antigas lazarinas (espingardas); também pescas e mariscagens, isto é, passagem de peneiras nos córregos, enchendo os baldes de peixes e camarões de água doce; os manciais não eram ainda contaminados de agroquímicos trazidos pelas multinacionais: herbicidas, inseticidas, pesticidas, etc.

Nos bairros próximos, jogo de futebol, de malhas, boches e baralhos. Drogas não havia; no máximo os inocentes cigarros de palha, ou aqueles de papéis com marcas vetustas e arcaicas: continental, fio de ouro, fulgor, marusca... Também as rezas, procissões, as ladainhas e demais imprecizações aos santos e outras doutrinas do mundo católico romano. Na cidade, as missas eram em latim, com os padres de costas para os “papa-hóstias” e feis de outrora: “Agnus Dei, quis tollis peccata mundi, miserere nobis.” Amém!...”

Em outras palavras, havia intensa vida e alegria no meio rural. As televisões eram as janelas onde se debruçavam “para ver a banda passar”; os fogões, de vermelhão – invariavelmente a lenha, com aquelas linguças e toucinhos pendurados e defumados em cima.

Nas fazendas em que não se plantavam cana, havia a lendária figura dos colonos, que produziam legumes e cereais, por meio de parceria ou porcentagem: os proprietários entravam com as terras, e os mesmos com a mão-de-obra e produção. Neste sistema, não havia miséria; todos tinham de tudo, com intercâmbios de produtos. Os excedentes eram vendidos para os “negociantes” da cidade. A melhor reforma agrária que existiu no Brasil, onde todos tinham acesso indireto à terra!

Os sítios e fazendas eram povoados por gentes do campo, verdadeiros trabalhadores e não pseudo-produtores rurais do MST. Foi bom enquanto durou: no início da década de sessenta, as leis previdenciárias e trabalhistas se tornaram severas. Surgiu então, o êxodo rural, a migração do homem do campo para a cidade, sem nenhum preparo urbano, “sub-empregando-se” nas fábricas e comércios, deixando para trás as casas vazias e cheias de mato, com suas cobras, lagartos e maribondos. E também saudades sem fim daquela vida bucólica de outrora, das aventuras e fatos pitorescos, que se lhes calavam no peito triste de tanta nostalgia. Daí as raízes das músicas caipiras e caboclas, de viola e violão, para amenizar aquelas saudosas lembranças de um tempo que jamais voltaria, a não ser em suas recordações e fantasias.

Naqueles tempos, os sistemas de cultivo demandavam muitas mãos-de-obra, eis que o processo de mecanização agrícola era ainda incipiente.

As brotas de canas novas ou plantas eram cultivadas com “placet”, com tração animal, que além de limpar as ervas daninhas, ajudavam a cobrir os colmos e as raízes salientes, permitindo, assim, seu melhor desenvolvimento vegetativo.

Após os seus cortes e colheitas, emergiam as brotas com muito vigor, e com elas, também as ervas invasoras, que eram erradicadas com “carpideira” com tração animal, “rodeando” as canas com aqueles mueres

que obedeciam a voz de seus donos, de nomes típicos e lendários: brioso, pinhão, tizil, barroso, mula ferreira, e por aí afora – coitados destes incansáveis e obstinados animais que substituíram os antigos escravos, puxando o arado, a grade, a carroça e girando os monótonos círculos dos engenhos de açúcar batido, melado e rapadura. Que Deus os tenha guardado, com sua infinita perfeição e misericórdia, no grande lençol celestial vislumbrado nas cartas bíblicas de S. Pedro?

As canas eram queimadas e carregadas na força dos braços, quer fizesse frio ou calor; nos períodos chuvosos, os descansos, trabalhos nas tuias, pesca de bagres nos ribeirões e bons motivos para tomar suas “biritas”, a pretexto de combater as friagens e resfriados.

Criança ainda, levava “comida” na roça: o café da manhã, o almoço e o café na parte da tarde (quase sempre variados bolos e bolinhos de trigo ou de fubá mimoso; às vezes canjica – fome não se passava). As hortas sempre verdes e recheadas de alface, repolho e couve-flor; os porcos cevados, as galinhas no terreiro e as vacas nos pastos de jaraguá, catingueiro e capins finos nas baixadas. O boi nelore e a braquiária, binômio alviverde que mais tarde enriqueceria a pecuária brasileira, ainda não tinham sido importados. Peixes mesmo, só lambaris, traíras e bagres, pescados nos riachos, ribeirões e alguns raros açudes. Os peixes maiores provinham do ainda despoluído Rio Tietê, nem tão distante dali.

Estudávamos na Escola Mista da Fazenda Boa Vista, uma escolinha encantadora e inesquecível, cujos muros protegiam um jardim bem cuidado: era formada por duas salas grandes e um alpendre no meio, de janelas altas e peitoris baixos, por onde se via esplendidamente o mundo muito além daquelas janelas imensas, com aqueles céus azuis e as nuvens passeando neles, visão às vezes prejudicada por duas ou três palmeiras atrevidas, cujas folhas balançavam com os intrépidos ventos. Há algum tempo fui lá para revê-la, matar saudades, tirar fotos, mas destruída pelo Grupo Cosan, sobraram tão apenas alguns cacos de tijolos – nada mais, senão doces e ternas recordações.

Andávamos alguns quilômetros para estudar e decorar a famosa “Cartilha Sodré”, depois “Brasília” e aqueles livrinhos contando as Histórias do Brasil, o descobrimento e seus brasilíndios... A professora vinha lá de Capivari, de jardineira, descia no ponto, onde uma charrete coberta ficava à sua espera; uma figura muito respeitada por todos, quase um

ser demiúrgico. De vez em quando faltava, o que fazia nossa alegria, sobrando ainda mais tempo para nadar, pescar ou caçar passarinhos, de estilingue ou arapuca. Os alunos temiam os castigos e chamadas dos pais nos casos de desobediências e “morriam” de medo, não só da professora, mas também de um castigo dobrado.

O tempo foi passando rápido demais; os matos desbravados e as lavouras aumentando, mas o famigerado fogo, na época um mal necessário, sempre ali, em quase tudo que se fazia, devastando matas e capoeiras para abertura de novos plantios, pulando fogos nas pastagens e culturas dos vizinhos, causando imensuráveis prejuízos materiais principalmente ao ecossistema. Tudo normal, não existiam e nem se falavam em inversões térmicas, derretimentos de geleiras, nem tampouco os impedimentos das camadas de ozônio troposférico. As lavaredas eram temidas e também apreciadas nas noites de inverno – um espetáculo sádico como nos tempos de Nero na Roma antiga. Todavia, seus efeitos devastadores, ignorados! Qualquer palhoça, tigüera, coevara, restinga, mato ou capoeira, era só riscar um fósforo – tudo se resolvia! Até certo ponto compreensível, pois as mãos-de-obra eram escassas, sem os tratores e maquinários do terceiro milênio.

Em 1963, juntadas as economias, meus pais compraram um sítio bem maior e melhor, mais próximo da cidade, para onde mudamos com inefáveis alegrias; eu e mais três irmãos. Chamava-se Sítio “Rancho Grande”, com quase cinquenta alqueires, um mundo mágico e verdadeiro paraíso, com o Ribeirão Avecuia na frente, lindo, límpido, piscoso e muito sinuoso; nos fundos, o Rio Tietê, enorme, caudaloso! Após as aulas, nadávamos em demasia e pescávamos em profusão! O caminhão já não era aquele chevrolezinho 51, e sim Chevrolet Brasil, mais forte e potente, levando, às vezes, até doze ou treze toneladas. A tração animal fora substituída pelo trator Valmet 600D, vermelho e novinho em folha, comprado em Sorocaba e financiado pelo Banco do Brasil. Vieram os postes, a energia elétrica, as geladeiras e os fogões de gás e a TV, que foi, ao longo do tempo, “matando” a janela, como dizia Nelson Rodrigues.

Um grande progresso, mas o fogo continuava ali, presente, no consciente e subconsciente coletivo dos homens.

Tempos depois, vieram as carregadeiras, de cana, aliviando de vez os braços cansados e reumáticos; também os inexoráveis herbicidas, migrando pelas chuvas, nos vales e cursos d'água, em detrimento das biodiversidades e vegetações clímax, definhando a fauna e a flora. Doravante, um binômio devastador (fogo mais agroquímico), calando de vez as canções tristes e chorosas dos nambus, xororós, perdizes e juritis. As pombas, mais sábias e prudentes, resolveram arrulhar nas cidades, povoando os bosques, alamedas e campanários das velhas catedrais.

Com a crise do petróleo dos anos oitenta, surgiu o Proálcool aumentando de vez a produção e consumo do etanol, substituindo com muitíssimas vantagens a gasolina, por ser uma fonte de energia contínua e renovável, capaz de gerar empregos, rendas e divisas para nosso país.

Todavia, com alastramento desenfreado da lavoura canavieira, o aumento das produções e produtividade decorrentes das novas tecnologias, espécies e cultivares, surgiram a migração dos “bóias frias”, acarretando caos, flagelo social e sub-emprego, decorrentes da mão-de-obra volante e temporária.

Neste terceiro milênio, sofremos todos! As queimadas sistemáticas que todos os anos volatizam inutilmente milhares de toneladas de biomassas, transformando-as em gases monóxido de carbono (CO) e dióxido de carbono (CO²), altamente poluentes, na contramão do protocolo de Kioto, agravando ainda mais o efeito estufa. Não que as queimadas tenham de ser terminantemente proibidas; os canavieiros ainda não estão preparados para isso; há de se ter bom senso, para gradativamente serem substituídas pelas caríssimas colheitadeiras mecânicas de última geração, principalmente por parte dos fornecedores, com seus poucos recursos financeiros, preços instáveis da A.T.R. (açúcar total reversível) e aumentos abusivos dos maquinários, adubos e demais insumos agrícolas.

O tema é polêmico; cessando os fogos, empregar-se-ão as modernas colheitadeiras, acarretando desemprego dos “bóias frias”, já sofridos e fatigados. Por conseguinte, as colheitas mecânicas se limitam aos terrenos planos, com uma declividade máxima de 12%. Sabe-se que a região de Piracicaba possui em sua maior porção, relevos ondulados e íngremes. Que se fará?...

Não temos de temer pelo futuro; é preciso discutir, opinar democraticamente, romper paradigmas, ir além, criar novos modelos, romper barreiras e agir contra a monocultura e o atual sistema cartelizado e monopolizado, que regulam o mercado, ditam regras, opções, preços, etc., quase sempre em detrimento das abnegadas e sofridas classes canavieiras, que de geração a geração, de sol a sol, “plantam”-nos o açúcar que adoçam o café da manhã e o álcool que nos levam ao trabalho e nossas crianças às escolas!...

E que as labaredas continuem se apagando... Paris já não se encontra mais em chamas!...”

Ernesto Paterniani: vida devotada à Genética e ao Melhoramento

*Roland Vencovsky
Gerhard Bandel¹*

Paterniani, filho de imigrantes italianos, nasceu na cidade de São Paulo em 17 de fevereiro de 1928. Logo no início de sua vida, ele e sua família mudaram para Piracicaba. Ao chegar, seus pais passaram a cuidar de um armazém. Após realizar os estudos no primário, ensino fundamental e médio em escolas públicas, ele ingressou, em 1947, na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ) - da Universidade de São Paulo (USP). Ao longo de seus estudos, sempre se interessou por Genética. Graduiu-se em segundo lugar em 1950.

Em 1951, recebeu uma bolsa da Fundação Rockefeller, como parte do treinamento especial para agrônomos recém-formados no Programa de Agricultura Mexicano com o Dr. E. J. Wellhausen. Foi quando ele começou as suas pesquisas em melhoramento de milho.

Em 1952, foi contratado como assistente da cadeira 19 de Citologia e Genética Geral, que, em 1970, foi transformado no Departamento de Genética da ESALQ / USP, onde permaneceu até sua aposentadoria em 1983 como Professor Titular. Ele dedicou sua vida inteira à pesquisa de melhoramento genético do milho.

1 Professores do Departamento de Genética da ESALQ/USP.

Em 1954, apresentou sua tese de doutor “Estudos sobre espécies nativas de milho” sob a orientação do Prof. Friedrich Gustav Brieger. Desenvolveu seus estudos de pós-doutoramento (1957-1958) na Universidade de Nebraska com o professor John H. Lonnquist, e na Iowa State University com o Prof. G. F. Sprague. Sua tese de professor “Cruzamentos Interraciais de Milho” foi apresentada em 1962 na ESALQ. Tornou-se professor titular em 1975.

Após a aposentadoria em 1983, o professor Paterniani continuou trabalhando como consultor e assistente em diversos projetos públicos e privados.

Ele se destacou como professor de Genética e Melhoramento de Plantas em cursos de graduação e pós-graduação. Era respeitado e admirado por todos os seus alunos, tendo como mérito a sua facilidade de comunicação, excelente didática e um profundo conhecimento científico da genética e do melhoramento. Estimulou seus alunos a discutir temas polêmicos em sala de aula, cujos debates, muitas vezes, ultrapassavam o tempo estabelecido.

Paterniani participou ativamente de seminários do Departamento de Genética, em debate constante com outros professores, principalmente com o Prof. Márcilio Dias, quando os aspectos polêmicos da Genética e Melhoramento foram amplamente discutidos. Essa troca de opiniões despertou o interesse dos alunos, incitando a sua participação ativa em conferências e seminários. Sua participação em congressos e simpósios também foi excelente e, mesmo em outras áreas científicas, ele sempre participou ativamente com perguntas, animando os procedimentos de uma forma positiva.

Orientou 33 alunos de iniciação científica, 30 dissertações de mestrado e 13 teses de doutorado em Genética e Melhoramento nos cursos da ESALQ.

A característica principal do seu ensino e atividades de investigação foi sempre estar trabalhando constantemente e insistentemente com o milho (de 1952 a 2009). Foi através dessa persistência e por buscar sempre aperfeiçoar suas técnicas através da inovação que ele, sem dúvida, conseguiu contribuir para a divulgação do nome do Departamento de Genética da ESALQ como um centro de referência de melhoramento de plantas, tanto no Brasil quanto no exterior.

Em suas atividades de melhoramento, Paterniani não produziu híbridos de linhagens. Sua atuação concentrou-se na seleção recorrente, aplicada em populações de polinização aberta ou panmíticas. Dessa forma, produziu variedades melhoradas bem como híbridos intervarietais superiores. Posteriormente, esse material serviu como fonte para linhagens puras, utilizadas em programas de companhias privadas de sementes.

Nos primeiros anos no Brasil, o melhoramento do milho não foi uma tarefa fácil. Material genético proveniente de outros países não era adaptado às condições brasileiras. Além disso, os tipos de plantas locais tinham uma arquitetura antiquada e inadequada. Devido a isso, e a fim de iniciar um programa de longo prazo, Paterniani começou por formar um banco de germoplasma de material local e de acessos introduzidos de outras regiões, principalmente do México. Sua preocupação em promover a introgressão de genes de outras regiões tornou-se evidente em sua tese de cátedra apresentada em 1962. Foi ainda através da introgressão e seleção que obteve a variedade Piramex, uma denominação que reflete a mistura de germoplasma local e do México. Mais tarde obteve outra variedade mais melhorada chamada Centralmex, com uma maior capacidade de adaptação, a tal ponto que, inicialmente utilizada nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, mais tarde espalhou-se para o Nordeste do Brasil, onde permaneceu durante vários anos.

Os delineamentos genéticos e experimentais utilizados por Paterniani tiveram um particularidade peculiar, na medida em que permitiram estimar parâmetros genéticos quantitativos, resultantes de efeitos gênicos aditivos. Assim, e como resultados adicionais da pesquisa, muitos artigos sobre Genética Quantitativa contendo informações úteis para programas de seleção, foram publicados contendo estimativas destes parâmetros.

Por longo tempo debateu-se o impacto das pesquisas de melhoramento do milho ao nível do produtor rural. Pesquisas detalhadas, feitas para mensurar os progressos genéticos conseguidos ao longo de décadas, mostraram que a seleção tinha provocado incrementos de pelo menos 2% na produtividade de grãos de milho por ano. Isso bem reflete o retorno dos esforços do melhoramento genético do mi-

lho, tendo Paterniani como seu principal mentor e impulsionador. Estes 2% acumulados ao longo de vários anos, resultaram em uma quantidade considerável de grãos no país.

É interessante lembrar que em 1962 foi contratado, em tempo parcial, no Departamento de Biologia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Ele considerou isso como um desafio, já que seria obrigado a ensinar evolução. Mais tarde, comentou sobre esse período em Rio Claro como tendo sido válido e gratificante. Foi provavelmente devido a essa nova atividade que, no mesmo ano e em Piracicaba, fez uma pesquisa sobre a evolução do isolamento reprodutivo por meio de seleção. Pretendia verificar conjecturas feitas por Dobzhansky de que tal isolamento podia surgir dentro de uma população e de forma simpátrica. Ele começou com duas populações com período de floração perfeitamente coincidente e usou locos marcadores cujos genes modificam a textura e a cor dos grãos, com efeito de xênia. Em cada geração, sempre eliminou os grãos resultantes de cruzamento interpopulacional, mantendo apenas os de fertilização intrapopulacional. Ao repetir este processo seletivo e após cinco gerações, conseguiu gerar duas novas populações praticamente isoladas em termos reprodutivos. É importante observar que os marcadores usados não exerceram nenhuma ação sobre o sistema reprodutivo. Após a publicação, em 1969, este artigo tornou-se leitura obrigatória em cursos internacionais sobre a evolução. A possibilidade da ocorrência de isolamento reprodutivo através de um processo simpátrico tinha sido provada, como defendido por Dobzhansky. O lado curioso do fato, sempre comentado por Paterniani, é que ele se tornou mais conhecido internacionalmente através deste artigo do que por tantos outros que ele publicou sobre o melhoramento do milho.

Recordando a vida e a obra de Paterniani, é necessário chamar a atenção para as várias atividades profissionais, bem como os prêmios e distinções que recebeu em reconhecimento do seu trabalho.

Foi chefe do Departamento de Genética da ESALQ (1974-1983), Coordenador do Programa de Pós-Graduação em “Genética e Melhoramento de Plantas” na ESALQ (1974-1982), presidente da Comissão de Pós-Graduação na ESALQ (1978-1979), presidente da

Comissão de Pesquisa e Extensão da ESALQ (1977-1978), presidente da Comissão de Atividades Acadêmicas da ESALQ (1981-1983).

Fora da ESALQ, o professor Paterniani trabalhou como assessor do CNPq, EMBRAPA, FAPESP, FINEP, da Fundação Polar (Venezuela) e FAO (Itália). Foi também ativo junto com pesquisadores do Instituto Agrônomo de Campinas, EMBRAPA e empresas de sementes. Hoje, ex-alunos do Prof. Paterniani ocupam posições de destaque em empresas de sementes, especialmente profissionais que trabalham no melhoramento genético. Também foi excepcionalmente ativo na CTNBio em Brasília, especialmente na área de transgênicos.

Foi editor da revista *Maydica* (Itália), editor sênior da *Revista Genetics and Molecular Biology* da Sociedade Brasileira de Genética (SBG) e editor chefe da revista da Associação Brasileira de Melhoramento de Milho e Sorgo. Ele também foi presidente da SBG (1972-1974).

Durante sua vida recebeu os seguintes prêmios e distinções:

- 1950 - Prêmio Navarro de Andrade, primeiro lugar com o trabalho “Obtenção de mudas de eucalipto”, quando estava se formando na ESALQ
- 1950 - Prêmio Epitácio Pessoa, 2º lugar na graduação da ESALQ
- 1971 - Professor Delegado de Ciências Agrônomicas do CNPq.
- 1975 - Membro Fundador da Academia de Ciências do Estado de São Paulo
- 1978 - Prêmio da “Fundazione Tito V. Zapparoli”, Itália, para o artigo “Seleção recorrente recíproca baseada em progênies de meios-irmãos e plantas prolíficas de milho (*Zea mays* L.)”
- 1983 - Medalha Jubileu de Prata do CNPq

- 1983 - Membro da Academia Brasileira de Ciências, na Seção de Ciências Biológicas
- 1988 - Prêmio Almirante Álvaro Alberto do CNPq / MCT
- 1992 - Prêmio Frederico de Menezes Veiga, da EMBRAPA
- 1995 - Membro da Academia de Ciências do Terceiro Mundo
- 1995 - Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico da Presidência da República
- 2000 - Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico da Presidência da República
- 2005 - Prêmio Fundação Bunge 2005, na área do agronegócio, categoria Vida e Obra
- 2009 - Prêmio Conrado Wessel, concedido a personalidades socialmente reconhecidas nas Ciências

Prof. Ernesto Paterniani foi casado com Da. Yanned Paulina Stipp Paterniani, deixando filhos e netos. Faleceu em Piracicaba em 18 de junho de 2009.

Texto original publicado em inglês na Revista Genetics and Molecular Biology pelos autores.

A geoeconomia de Francisco Salgot Castillon

Noedi Monteiro¹

Como encima o título, vamos falar da projeção geoeconômica de Piracicaba ao tempo da vida pública do Dr. Salgot Castillon: Estação Rodoviária “Presidente Kennedy”, Fórum “Dr. Francisco Morato” ao lado da Igreja São Benedito (1969), Restaurante Mirante, pioneirismo interiorano em eletrificação e telefonia rural atendendo vários bairros, manutenção de estradas vicinais (rurais – Piracicaba possui 2.400 km), criação de zona para as indústrias extrativistas, batalha na Assembleia Legislativa pela criação do Conselho Estadual de Eletrificação Rural (CEER), pela instalação da Escola de Engenharia Industrial de Piracicaba e para a criação de uma delegacia regional da Fazenda na cidade; construção do novo pavilhão do Lar Franciscano de Menores, juntamente com o comendador Antônio Romano, início da construção do Estádio Municipal Barão da Serra Negra, entre outros empreendimentos. Não podemos esquecer da importante participação do engenheiro Fausto Fonseca Filho nas implementações de Salgot.

¹ Mestre em educação, geógrafo, pesquisador, professor, jornalista e associado honorário do IHPG.

Criação do SEMAE

Sua grande contribuição ao planejamento urbano de Piracicaba se estende do saneamento básico, qual seja, o grande desafio de transformar o DAE (Departamento de Água e Esgoto), na Autarquia SEMAE (Serviço Municipal de Água e Esgoto) criada pela Lei 1.657 de 30 de abril de 1969, como, na construção e ampliação de rede de água e esgoto e outros melhoramentos afins; na implementação do plano diretor para o município e na criação, de um cadastro técnico geral. Com a cassação de Salgot em outubro de 1969, a execução das bases do Plano, ficou para o prefeito Cássio Paschoal Padovani nova administração municipal, sua elaboração e consecução, que contou com a primordial participação do assessor de gabinete Haldumont Nobre Ferraz, “Tiquinho”, de Florisvaldo Coelho Prates e do dentista Lemaire de Moraes, entre outros. Coube ao engenheiro Yassuda, na Capital paulista, as providências junto à VASP (Viação Aérea São Paulo), para a consecução da fotogrametria do Município de Piracicaba, para a elaboração do primeiro Plano Diretor da cidade.

Os subterrâneos da cidade

Quatro profissionais conheciam os subterrâneos e galerias da cidade: Marcílio Campacci a rede de água, Tico-leite (Antônio Leite) a de esgoto e Sebastião da Silva (Micoco) os poços de visita. Conheciam de cabeça pela prática diária. O quarto personagem era o engenheiro Fausto Fonseca Filho. Mas este transparecia seus conhecimentos nas plantas e mapas que elaborava. Quanto aos outros três foi longo o convencimento e a necessidade de que pusessem no papel os traçados que conheciam como a palma da mão.

Dados pessoais de Salgot

Natural de Centellas, reduto da família, Barcelona, Espanha, Francisco Salgot Castillon nasceu aos 2 de janeiro de 1921, filho de

Antônio Salgot e Rosa Salgot Castillon. Levado a pia batismal por Dona Francisca Morena, família Gaudi. Seu pai era irmão do Monsenhor Martinho Salgot (1889-1971) que chegou no Brasil vindo da Argentina em 1925 onde havia se ordenado.

O menino Francisco chegou ao Brasil em 1931 aos 10 anos de idade, ficando aos cuidados do tio, vigário das paróquias de Posse de Ressaca (Município de Santo Antônio da Posse), de 1931 a 1932; Rio das Pedras (1932-1935) e Paróquia Bom Jesus em Piracicaba (1935-1971) pela Diocese de Campinas, tendo passado antes ainda por Descalvado (1925-1926) e Monte Alegre (1926-1929). Seu processo de naturalização recebeu o número 17.438. Residia no Rio de Janeiro na ocasião onde cursava faculdade (Diário Oficial da União, de 30 de maio de 1946, Seção 1, p. 29).

Formado em engenharia civil na Escola Nacional do Rio de Janeiro tem registrado o diploma sob nº 2.708 em 1947 (Diário Oficial da União – DOU, de 2 de março de 1948) dedicando-se anos ao ofício intercalando-o à vida política e pública: vereador de 1952 a 1955 e 1956 a 1959, prefeito municipal, de 1º de janeiro de 1960 a 29 de outubro de 1962 e de 1º de janeiro a 17 de outubro de 1969 quando teve suspenso os direitos políticos sendo cassado (Diário Oficial da União, de 20 de outubro de 1969, p. 8912); deputado estadual de 1963 a 1966 e 1967 a 1969.

Em 1963, o deputado Salgot com marcante presença mediu à inesquecível greve dos ferroviários da Sorocabana/Ituana em Piracicaba, e chegou a sentar nos trilhos do trem para impedir a passagem da composição. Isso, na confluência da Rua Riachuelo com o ramal férreo (hoje Avenida José Micheletti) altura da atual entrada de ônibus do Terminal Rodoviário Intermunicipal (TRI). O deputado Domingos José Aldrovandi também esteve presente.

Museu da Água “Prefeito Francisco Salgot Castillon”

A maior homenagem que se pode prestar ao fundador do SEMAE pela sua expressividade, nada mais justo denominar o museu da água com o seu nome, uma vez que acertadamente, a sede da autar-

quia já tem o nome de outro gigante do serviço municipal Engenheiro Paulo Geraldo Serra.

Por minha sugestão acatada pelo vereador José Otávio Machado Menten (PSDB) que dá iniciativa aos projetos de lei 0019 de 7 de fevereiro de 2002, processo 0100/2002 e 0043, de 14 de março de 2002, processo 0477/2002, o prefeito em exercício João Amaurício Pauli sanciona a lei nº 5.206, em 16 de outubro de 2002 que denomina Museu da Água “Prefeito Francisco Salgot Castillon”.

Salgot faleceu em 23 de janeiro de 2002, aos 81 anos, deixando viúva a amada campineira D. Ladice Soriano Salgot, depois de 54 anos de consórcio matrimonial, mais os filhos Sérgio e Lidice e a irmã, Dolores Salgot Castillon.

Este artigo foi adaptado e ampliado do texto publicado no Jornal de Piracicaba de 5 de fevereiro de 2002, A-3, Opinião.

Acervo iconográfico do IHPG¹

Organização: Vitor Pires Vencovsky²

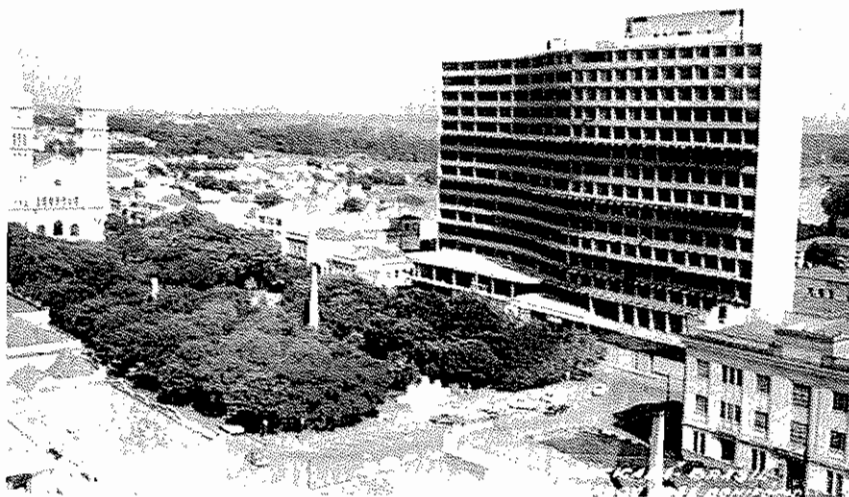
Edifício Luiz de Queiroz (Comurba)

Desabou em 1964, antes de sua conclusão



Construção dos primeiros pavimentos

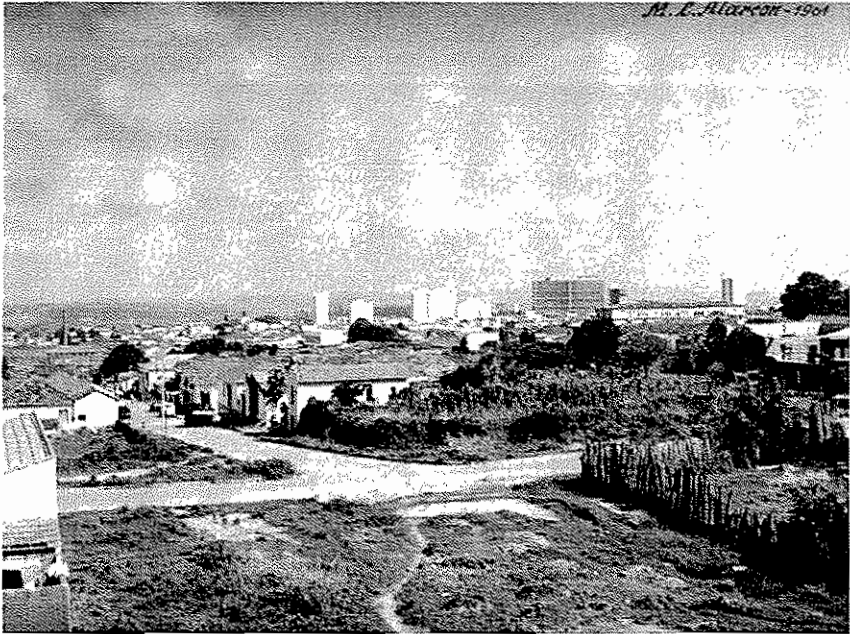
-
- 1 Disponível na secretaria do IHPG.
 - 2 Engenheiro, geógrafo e membro do IHPG.



Situado à Rua Boa Morte, voltado para a Praça José Bonifácio



Edifício grandioso frente aos já estabelecidos



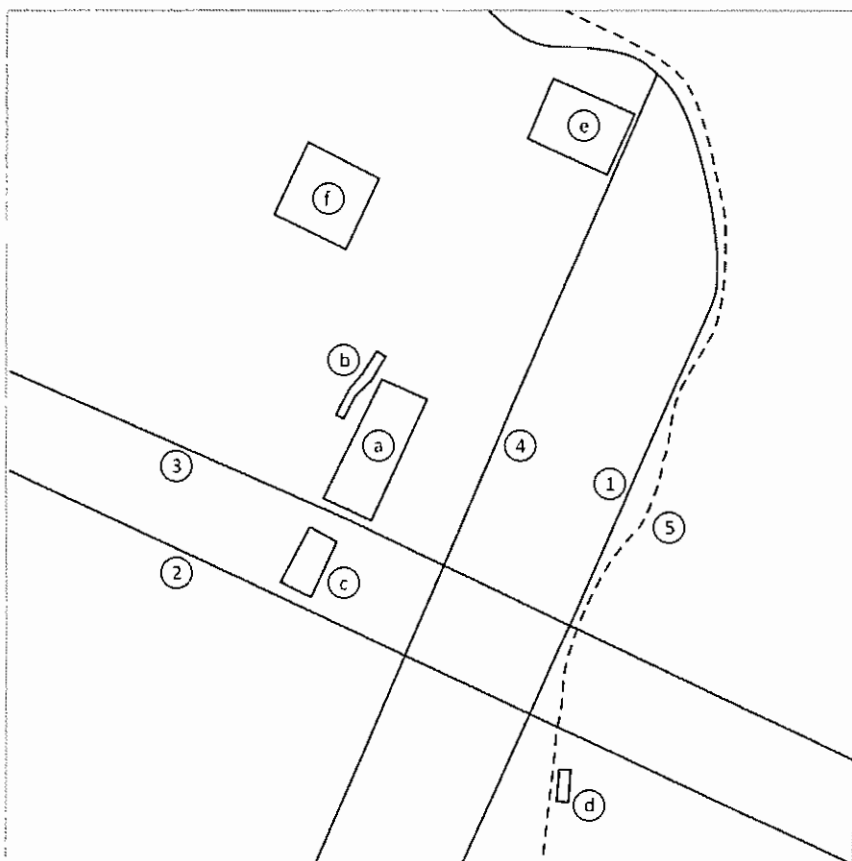
No centro de Piracicaba, não havia competidores para o Edifício Luiz de Queiroz



O Edifício Luiz de Queiroz marcou presença na região central de Piracicaba

Centro de Piracicaba na década de 1960





- 1- Av. Armando Sales de Oliveira
- 2- Rua XV de Novembro
- 3- Rua Moraes Barros
- 4- Rua Gov. Pedro de Toledo
- 5- Estrada de Ferro Sorocabana

- a- Praça José Bonifácio
- b- Edifício Luiz de Queiroz (Comurba)
- c- Igreja Matriz - Santo Antônio
- d- Estação da Sorocabana
- e- Estádio Roberto Gomes Pedrosa (XV de Novembro)
- f- Escola Estadual Moraes Barros

Cidadãos Agraciados Medalha de Mérito Prudente de Moraes

Outorgada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Instituída pela Lei nº 2122 de 1º de julho de 1974.

*Dr. Adilson Benedito Maluf
Prefeito Municipal de Piracicaba*

1. Salvador de Toledo Piza
2. Leandro Guerrini
3. Archimedes Dutra
4. Acary de Oliveira Mendes
5. Dargo Pinto Viegas
6. Guilherme Vitti
7. Jair Toledo Veiga
8. Delphin Ferreira da Rocha Netto
9. Nélio Ferraz de Arruda
10. José Luiz Mesquita
11. Branca Motta de Toledo Sachs
12. Walter Radames Accorsi
13. Flávio Moraes de Toledo Piza
14. Marly Therezinha Germano Percin
15. Elias Salum
16. Eurípedes Malavolta

17. Helly de Campos Melges
18. Hugo Pedro Carradore
19. Antônio Carlos Mendes Thame
20. Gustavo Jacques Dias Alvim
21. Richard Edward Senn
22. Adib Domingos Jatene
23. Frederico Pimentel Gomes
24. Almir de Souza Maia
25. Oswaldo Cambiaghi
26. Salim Simão
27. Maria Celestina Teixeira Mendes Torres
28. Edmar José Kiehl
29. Antônio Carlos Neder
30. Antônio Pacheco Ferraz
31. Samuel Pfromm Neto
32. Admar Cervellini
33. Dovílio Ometto
34. Ernst Mahle
35. Geraldo Claret de Mello Ayres
36. Izaltina Ometto Silveira Mello
37. Manoel Gomes Tróia
38. Cecílio Elias Netto
39. Moacyr de Oliveita Camponez do Brasil Sobrinho
40. Pedro Caldari
41. José Fernando Bosi
42. Paulo Celso Bassetti
43. Tarcísio Ângelo Mascarim
44. Jairo Ribeiro de Mattos
45. Antônio Henrique de Carvalho Cocenza
46. Antônio Messias Galdino
47. Evaldo Vicente
48. Francisco de Assis Ferraz de Mello
49. Maria da Glória Silveira Mello
50. Antonietta Rosalina da Cunha Losso Pedroso

Bandeira do IHGP



Projeto: Hugo Pedro Carradore
Lançamento: 2009

www.ihgp.org.br

IHGP - Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
Rua do Rosário, 781 - 2º piso
13400-183 - Piracicaba - SP - Brasil
(19) 3434-8811
ihgp@ihgp.org.br




EQUILIBRIO
e d i t o r a

